

Área do zoológico pertence à USP e uso pela prefeitura depende de nova regularização



A área ocupada pelo Zoológico Municipal de Piracicaba pertence oficialmente à Universidade de São Paulo (USP) e não integra o patrimônio do município. A informação foi confirmada

pela diretoria da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP), por meio de sua assessoria de imprensa, em resposta a questionamentos feitos pelo jornal O Democrata so-

bre a situação jurídica do espaço. Mesmo assim, a Câmara Municipal de Piracicaba aprovou, em novembro de 2025, projetos de autoria do prefeito que autorizam a concessão à iniciativa privada do

Zoológico Municipal e do Paraíso das Crianças, com prazo inicial de 25 anos. Houve questionamentos do Ministério Público sobre o cumprimento de acordos anteriores e o foco da concessão. **P23**

Sob a chuva, a infância no sinal vermelho

Foto: Renata Perazoli



Na noite da última quinta-feira, dia 15, uma cena comovente chamou a atenção de motoristas e pedestres no cruzamento das avenidas Independência e Saldanha Marinho, em Piracicaba. Debaixo de chuva, à

noite, três crianças vendiam doces no semáforo com um objetivo que ia muito além de um simples trocado, ajudar no sustento da família. Mesmo renunciando ao tempo de brincar, direito garantido por lei, os

meninos transformavam o trabalho improvisado em uma espécie de brincadeira. Entre sorrisos tímidos, conversas sobre futebol e a rotina dura, eles tentavam manter a leveza diante da necessidade. **P16**

Vereador aciona Ministério Público contra aumento do IPTU e ITBI

P28

Escolas estaduais aguardam verbas de manutenção a poucos dias do início das aulas em Piracicaba

P15

Medida Protetiva: proteção real ou solução paliativa diante da violência contra a mulher?

P11

OPINIÃO

EDITORIAL

Alexandre Neder

Jornalista, diretor responsável de O Democrata, apresentador do programa Neder Especial



Democracia em modo de espera: o que acontece quando o eleitor desacredita do voto

Vivemos um tempo em que a democracia parece funcionar em piloto automático. As urnas continuam sendo abertas, os candidatos seguem fazendo promessas, os partidos mantêm suas estruturas, mas algo essencial se perdeu no caminho: a confiança do eleitor. Quando o voto deixa de ser visto como instrumento de transformação e passa a ser encarado como um ritual vazio, a democracia entra em modo de espera. E isso tem consequências profundas.

A descrença no voto não surge do nada. Ela é fruto de frustrações acumuladas, de promessas não cumpridas, de escândalos que se repetem com nomes diferentes, de uma sensação generalizada de que tudo muda para continuar igual. O eleitor, cansado de ser convocado a cada quatro anos para decidir o futuro, começa a se perguntar se sua escolha realmente importa. E quando essa dúvida se instala, o voto deixa de ser um ato de esperança e passa a ser um gesto de resignação, ou, pior, de omissão.

O problema é que a democracia não sobrevive apenas com instituições funcionando. Ela precisa de participação ativa, de engajamento, de cobrança constante. Quando o cidadão desacredita do voto, ele tam-



bém se afasta do debate público, da fiscalização, da construção coletiva. E nesse vácuo, ganham espaço os discursos autoritários, as soluções fáceis, os salvadores da pátria que prometem atalhos para problemas complexos.

A abstenção, o voto nulo, o desinteresse pelo processo eleitoral não são apenas estatísticas. São sintomas de uma democracia adoecida, que perdeu o vínculo com quem deveria ser seu protagonista: o povo. E não basta culpar o eleitor por essa apatia. É preciso reconhecer que o sistema político brasileiro tem falhado em oferecer alternativas

reais, em renovar lideranças, em criar canais de escuta e participação que vão além do voto.

O desafio, portanto, não é apenas convencer o eleitor a votar. É fazer com que ele volte a acreditar que seu voto tem poder. Isso exige reformas profundas, transparência radical, compromisso com a ética e com a entrega. Exige que partidos deixem de ser máquinas de eleição e passem a ser espaços de construção política. Exige que candidatos falem menos em slogans e mais em projetos viáveis. Exige que a democracia volte a ser um projeto coletivo, e não apenas uma formalidade institucional.

Porque quando o voto perde sentido, a democracia perde alma. E uma democracia sem alma é apenas uma fachada, vulnerável, frágil, à espera de quem queira ocupá-la com autoritarismo disfarçado de eficiência.

O Brasil precisa sair do modo de espera. E isso começa com a coragem de encarar o descrédito do eleitor não como um problema do cidadão, mas como um alerta para o sistema. Ainda há tempo de reconectar o voto à esperança. Mas é preciso agir antes que a apatia vire norma, e a democracia, apenas memória.

Quem escuta as vítimas invisíveis da violência urbana

Nas estatísticas oficiais, a violência urbana aparece em números frios: homicídios, roubos, furtos, latrocínios. Mas por trás de cada dado há uma realidade que raramente ganha voz, a das periferias brasileiras, onde o medo não é exceção, mas rotina. Ali, a violência não se resume ao crime registrado em boletim de ocorrência. Ela se manifesta no silêncio imposto a comunidades inteiras, que aprendem a conviver com a ausência de respostas e a invisibilidade diante do poder público.

O silêncio das periferias não é voluntário. Ele nasce da falta de escuta institucional, da descrença em políticas de segurança que nunca chegam, da sensação de abandono que transforma cidadãos em sobreviventes. Quando uma mãe perde o filho para o tráfico, quando um trabalhador muda o trajeto para escapar de áreas dominadas por facções, quando jovens crescem sem espaços seguros de convivência,

o que se instala é uma cultura de medo e resignação. E esse silêncio, que deveria ser grito, acaba sendo normalizado.

A violência urbana, quando atinge as periferias, não é apenas um problema de segurança. É também um problema de cidadania. Porque quem não se sente protegido pelo Estado, quem não encontra canais de denúncia eficazes, quem não vê políticas públicas consistentes, acaba se afastando da democracia. O silêncio das periferias é, portanto, um sintoma de exclusão política. É a prova de que a democracia brasileira ainda não conseguiu atravessar os muros que separam o centro das margens.

Enquanto os discursos oficiais se concentram em estatísticas ou em promessas de endurecimento penal, pouco se fala sobre a vida concreta de quem tranca a porta mais cedo, de quem evita sair à noite, de quem já não confia sequer em ligar para a polícia. O resultado é um país que convive com a violência como se fosse parte da paisagem,



mas que não reconhece plenamente as vítimas invisíveis que carregam esse peso todos os dias.

Romper esse silêncio exige mais do que slogans de campanha. Exige políticas públicas integradas, capazes de unir segurança, educação, cultura e urbanismo. Exige que o Estado esteja presente não apenas com viaturas, mas com escolas de qualidade, postos de saúde, iluminação pública, oportunidades de trabalho. Exige que a sociedade reconheça que a violência das periferias não é um problema distante, mas uma feri-

da que compromete a democracia como um todo.

Porque quando as periferias permanecem em silêncio, não é apenas a voz das vítimas que se perde. É a própria democracia que se enfraquece, incapaz de garantir direitos básicos a todos os cidadãos. Escutar as periferias é mais do que um gesto de solidariedade. É uma necessidade urgente para que o Brasil deixe de ser um país dividido entre os que podem viver sem medo e os que apenas sobrevivem sob ele.

O DEMOCRATA

UM JORNAL A SERVIÇO DO POVO

EXPEDIENTE

Neder Comunicação e Marketing

Fundador e diretor: Alexandre Neder | **Diagramação:** Clayton Murillo

Conselho Editorial: Pedro Marcilio (Secretário), Marilena Rosalen, Rodolfo Capler, Jorge Vidigal da Cunha, João Carlos Teixeira Gonçalves, Antonio Carlos Azeredo, Cecília Borges, Clayton Murillo, Andre de Siqueira e Wilma Castro Barros.

OPINIÃO

Exclusivo para O Democrata - Pedro Marcílio
Mentor de Mkt&Com



Quando o fato fala sozinho, o boato grita

Há cidades onde as coisas acontecem, os projetos são anunciados, as obras são inauguradas e, ainda assim, permanece no ar uma estranha sensação de vazio. Algo foi feito, mas ninguém sabe exatamente o que, por que ou para quê. Não se trata de incapacidade operacional. Trata-se de comunicação tratada como acessório de gestão, como ornamento institucional, como algo que se resolve depois que o problema já apareceu.

O fato é simples e cruel. Quando a comunicação não organiza o sentido, o sentido se desorganiza sozinho. Não existe vácuo narrativo. Onde a explicação não chega, a desconfiança se instala. Onde falta contexto, sobra suposição. E suposição, em gestão pública, costuma virar convicção com velocidade assustadora.

COMUNICAÇÃO NÃO É PROPAGANDA

Propaganda faz barulho. Comunicação constrói entendimento.

Enquanto uma se preocupa em aparecer, a outra precisa se responsabilizar por explicar. O erro começa quando se acredita que postar é comunicar, que repetir slogan é esclarecer e que boa intenção substitui método.

Sem comunicação estratégi-



ca, a ação vira evento isolado. O projeto vira frase solta. O governo passa a administrar fatos como quem tenta apagar incêndio com copo de água. Tudo é reação. Nada é condução. O improviso vira regra e a narrativa passa a ser escrita por terceiros.

O SILÊNCIO INSTITUCIONAL SEMPRE COBRA SEU PREÇO

Toda decisão pública gera dúvida. Isso não é falha do cidadão. É parte natural do processo democrático. O erro está em fingir que a dúvida não existe. Em acreditar que o tempo resolve. Não resolve. O tempo fermenta. A dúvida amadurece. O boato ganha musculatura.

Comunicar é antecipar o “porque sim” antes que o “porque não” vire consenso. É administrar o fato

enquanto ele ainda é fato e não quando já virou versão. Quando o poder público executivo entra atrasado na conversa, entra frágil. E quem entra frágil costuma sair desacreditado. Depois não adianta se queixar dos boatos, memes e das piadas.

GOVERNAR TAMBÉM É CONDUZIR O ENTENDIMENTO

Comunicação pública não é maquiagem institucional. É condução. Condução estratégica.

É pegar o cidadão pela mão e dizer para onde se está indo e por que aquele caminho foi escolhido. Não porque o cidadão seja incapaz, mas porque o caminho raramente é óbvio.

Gestões que ignoram isso vivem reféns do improviso. Gastam

mais energia se defendendo do que construindo confiança. E confiança, diferente de obra, não se inaugura com placa.

Quando isso não acontece, a gestão vira aquele professor que passa a matéria inteira, mas nunca confere se alguém aprendeu. Depois se surpreende com as notas da prova final.

No fim, a ironia é delicada. Gestões que se comunicam mal reclamam que as pessoas não entendem. Talvez entendam, sim. Apenas perceberam que ninguém estava disposto a explicar com calma. E quando a comunicação falha, não é a imagem que sofre primeiro. É a confiança. E confiança, diferente de post, não se edita depois. E isso costuma custar caro.

Exclusivo para O Democrata - Barjas Negri

Ex-ministro da Saúde e ex-prefeito de Piracicaba por três gestões



O novo campo do Jaraguá F. C.

O Jaraguá Futebol Clube, tradicional clube amador de Piracicaba fundado em 1942, completou 83 anos de história, marcada por importantes participações nos campeonatos amadores da cidade e por revelar diversos talentos para o esporte. O nome do clube tem uma origem curiosa: seu primeiro campo estava localizado em uma área coberta por uma plantação de capim jaraguá, espécie de origem africana utilizada como pastagem para o gado bovino. Daí surgiu não apenas o nome da equipe, mas também a denominação do bairro Jaraguá.

Ao longo de sua trajetória, o clube contou com dois bons campos de futebol. Um deles ficava na área onde, anos mais tarde, se instalou a empresa Alvarco, e outro na Avenida Francisco Abel Pereira, palco de inúmeros jogos que marcaram os campeonatos amadores em que o Jaraguá participou. Contudo, a partir das décadas de 1970 e 1980, uma série de dificuldades financeiras e estruturais levou à paralisação das atividades do clube. O campo acabou sendo abandonado e, posteriormente, desapropriado pela Prefeitura, que utilizou a área para instalar diversos equipamentos públicos, como creches, posto de saúde e centro comunitário.

Embora a comunidade tenha sido beneficiada com esses equipamentos sociais, o bairro

perdeu um importante espaço de lazer e prática esportiva. O Jaraguá F. C. e os jovens da região ficaram privados das atividades futebolísticas, o que gerou grande frustração entre torcedores e dirigentes. Diante disso, a diretoria do clube ingressou com uma ação judicial contra a Prefeitura, reivindicando uma justa indenização pela desapropriação da área. O processo se arrastou por quase 25 anos, até que a Justiça deu ganho de causa ao Jaraguá, determinando que o município ressarcisse o clube.

A decisão judicial foi concretizada durante meu primeiro mandato como prefeito (2005-2008). Após longas negociações com a diretoria do clube, especialmente com seu presidente, José Roberto Brito Leite, conseguimos chegar a um acordo que garantisse não apenas a indenização, mas também a reconstrução do Jaraguá Futebol Clube. Com muito diálogo e transparência, a Prefeitura ofereceu uma nova área para a implantação de um moderno campo de futebol, com toda a infraestrutura necessária: gramado, vestiários, sede social, alambrado e arquibancadas de madeira. Além disso, foi destinada uma área adicional nas proximidades para que a diretoria pudesse alugá-la, obtendo assim uma fonte de renda estável para a manutenção das despesas do clube.

A nova sede do Jaraguá F. C. foi implantada próxima ao Giná-



sio Poliesportivo, nas imediações da rotatória que interliga as avenidas Francisco Abel Pereira, Dr. Antônio Mendes de Barros Filho e Raposo Tavares, bem próxima ao bairro que deu nome ao clube. Parte do acordo incluiu também o pagamento em dinheiro por parte da Prefeitura, possibilitando que o clube regularizasse compromissos financeiros pendentes. Já o terreno destinado à locação foi aproveitado para a instalação de um posto de combustível, que, até hoje, gera receita importante para sustentar as atividades do clube.

Esse resultado só foi possível graças ao esforço conjunto da diretoria do Jaraguá F. C., liderada por Brito Leite, e do trabalho integrado das secretarias municipais de Esportes, Lazer

e Atividades Motoras (Selam), Defesa do Meio Ambiente (Sedema) e Obras (Semob). Essa articulação permitiu que Piracicaba ganhasse mais um campo de futebol de qualidade, fortalecendo o esporte amador e resgatando a história e a importância do Jaraguá F. C. para a comunidade local.

Hoje, o Jaraguá volta a ser referência no cenário do futebol varzeano e amador de Piracicaba, cumprindo seu papel social e esportivo, e mantendo viva uma tradição que já atravessa gerações. Esse resgate não foi apenas uma vitória do clube, mas também da população, que voltou a ter um espaço adequado para o esporte, o lazer e a convivência comunitária.

Exclusivo para O Democrata - Achile Alesina
Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo - TJSP



Olhar para frente

“Senhor, não permita que eu viva inutilmente” (John Wesley).



Moisés, no capítulo 19 de Gênesis no Velho Testamento da Bíblia Sagrada, nos ensina, através da história de Ló, que evitaremos a morte física e espiritual se não olharmos para trás.

“Ao raiar do dia, os anjos insistiam com Ló, dizendo: “Depressa! Leve daqui sua mulher e suas duas filhas, ou vocês também serão mortos quando a cidade for castigada”.

Tendo ele hesitado, os homens o agarraram pela mão, como também a mulher e as duas filhas, e os tiraram dali à força e os deixaram fora da cidade, porque o Senhor teve misericórdia deles.

Assim que os tiraram da cidade, um deles disse a Ló: “Fuja por amor à vida! Não olhe para trás e não pare em lugar nenhum da planície! Fuja para as montanhas, ou você será morto!”

Ló, porém, lhes disse: “Não, meu senhor!

Seu servo foi favorecido por sua benevolência, pois o senhor foi bondoso comigo, poupando-me a vida. Não posso fugir para as montanhas, se não esta calamidade cairá sobre mim, e morrerei.

Aqui perto há uma cidade pequena. Está tão próxima que dá para correr até lá. Deixe-me ir para lá! Mesmo sendo tão pequena, lá estarei a salvo”.

“Está bem”, respondeu ele. “Também lhe atenderei esse pedido; não destruirei a cidade da qual você fala.

Fuja depressa, porque nada poderei fazer enquanto você não chegar lá”. Por isso a cidade foi chamada Zoar.

Quando Ló chegou a Zoar, o sol já havia nascido sobre a terra.

Então o Senhor, o próprio Senhor, fez chover do céu fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra.

Assim ele destruiu aquelas cidades e toda a planície, com todos os habitantes das cidades e a vegetação.

Mas a mulher de Ló olhou para trás e se transformou numa coluna de sal” (Genesis 19:15-26).

A vontade do Pai é que realizemos Seus propósitos, sejamos melhores e recebamos Suas bênçãos. Por isso, o Livro Sagrado - inspirado por Deus e escrito por homens sob a orientação do Espírito Santo - é útil para o nosso ensino, correção e direção para a vida.

Salmos, provérbios, lições e princípios atuam como propulsores de nossa evolução pessoal e do desenvolvimento de um país. A distância desses princípios nos conduz a problemas e misérias, tanto pessoais quanto comunitárias.

Diante deste preâmbulo, compartilho mais uma história conhecida, de Ló e sua mulher.

Ló e sua família tiveram uma oportunidade única, de sair de onde estavam para começar uma nova vida.

Havia, contudo, uma condição: não olhar para trás.

Todavia, a mulher de Ló desobedece, olha para trás, e se transforma em uma estátua de sal.

A mulher de Ló perdeu a oportunidade de começar uma nova vida, pois permaneceu presa ao passado, ao lugar onde morava, às convivências, às lembranças, àquilo que já havia sido destruído

e à própria morte.

“Levantarei os meus olhos para os montes, de onde vem o meu socorro.

O meu socorro vem do SENHOR que fez o céu e a terra” (Salmos 121:1, 2).

Entretanto, antes de criticarmos essa mulher desobediente, pensemos: Quantas vezes, em nossas vidas, desistimos de novos desafios, continuamos a remoer o passado e permanecemos olhando pelo “retrovisor”, criando feridas e alimentando mágoas?

Diversas vezes não conseguimos inovar, ficamos na inércia, “em off”, pois estamos presos àquilo que fizemos um dia e não deu certo.

Hoje é um novo dia, e tudo pode ser possível em nome de Jesus.

É certo que carregamos muitas memórias do passado, de experiências da infância, dos relacionamentos, da adolescência, da escola, da faculdade, da juventude e do trabalho, mas elas não retornarão, pois pertencem ao ontem.

Por isso, passemos a viver hoje o novo de Deus, sem olhar para trás, para o passado, seguindo em frente, vivendo intensamente o presente e mantendo o foco no futuro.

“Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:13, 14).

Se for necessário visitar o pas-

sado, que seja apenas para trazer à memória aquilo que nos dá esperança.

“Todavia, lembro-me também do que pode dar-me esperança” (Lamentações de Jeremias 3:21).

Aproveitemos as oportunidades para viver um novo ciclo, com novas experiências, na presença de Deus em nossas vidas.

“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, “planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro” (Jeremias 29:11).

Não permitamos que o passado nos aprisione, pois a vida é muito curta para ficarmos presos noutro, sem deslumbrar e viver intensamente o presente.

Que a experiência da mulher de Ló – que, ao olhar para trás, demonstrou desobediência à ordem de Deus, em consequência do seu apego ao passado e falta de fé no futuro, com o coração apegado a Sodoma, desejando a vida, os bens e as pessoas que deixou, e que por isso, foi transformada numa estátua de sal - nos ensine a elevar nossos olhos para cima, para os montes, para o Pai, em novidade de vida e segundo os Seus princípios.

Assim, possamos deixar o passado, lutar por oportunidades contemporâneas, com a renovação de nossas mentes e um olhar atual, pois, deste modo, certamente seremos vitoriosos em todos os quadrantes de nossas vidas.

Exclusivo para O Democrata - Rafael Jacob

Rafael Jacob é Mestre em Engenharia pela Escola Politécnica da USP, sócio fundador da RSafe Engenharia e membro da bancada do programa Os Comentaristas, da Rádio Educadora de Piracicaba.



A alquimia financeira do Banco Master

Há crises que chegam de mansinho e outras que entram pela porta da frente, derrubando o vaso, a cristaleira e a paciência do cidadão. O caso do Banco Master pertence claramente ao segundo grupo. Em pleno final de 2025, quando o país já acreditava ter visto de tudo no campo da criatividade contábil, surge um banco que aparentemente transformou planilhas em obras de ficção e balanços em exercícios de imaginação avançada.

A liquidação extrajudicial decretada pelo Banco Central e a prisão preventiva do controlador Daniel Vorcaro, no contexto da Operação Compliance Zero, revelaram um enredo digno de manual alternativo de finanças criativas. Segundo as investigações, créditos que nunca existiram passaram a existir, ativos ganharam vida própria e empresas de fachada circularam recursos com a leveza de quem passeia num parque, tudo embalado por estruturas finan-

ceiras tão sofisticadas que fariam corar qualquer curso de MBA.

Diante desse cenário, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, resolveu abandonar a diplomacia e foi direto ao ponto ao afirmar que o caso pode representar uma das maiores fraudes bancárias da história do Brasil. Os números ajudam a explicar o tom. Fala-se em algo como R\$ 11,5 bilhões em empréstimos fictícios, distribuídos entre dezenas de empresas, além de transações com carteiras de crédito inexistentes que ultrapassariam R\$ 12 bilhões.

O problema é que, diferentemente das parábolas, aqui a conta chega. E chega para o sistema financeiro, para o Fundo Garantidor de Créditos e, sobretudo, para a confiança do público. Não importa se o banco era grande ou pequeno. No mundo das finanças, um rombo bilionário tem sempre o mesmo efeito simbólico.

Como se o roteiro já não fosse suficientemente complexo, entram em cena as controvérsias jurídicas. O inquérito no Supre-



mo Tribunal Federal está sob relatoria do ministro Dias Toffoli, e algumas decisões chamaram atenção. Sigilo amplo, centralização das investigações no STF e a guarda de parte das provas pela Procuradoria-Geral da República criaram um ambiente de discrição quase absoluta.

É importante dizer que nada disso constitui prova automática de irregularidade judicial. Mas também é verdade que, em casos

bilionários, a aparência de imparcialidade pesa quase tanto quanto a imparcialidade em si.

No fim das contas, o caso Banco Master é menos sobre um banco específico e mais sobre um teste de maturidade institucional. Testa a capacidade de fiscalização, a transparência do Judiciário e a paciência de um país que já desenvolveu faro apurado para histórias mal explicadas.



Exclusivo para O Democrata - Carlos Gonçalves

João Carlos Teixeira Gonçalves é consultor de empresas-diretor do Instituto Gonçalves e membro do Conselho Editorial do jornal O Democrata.



O Palacete Mágico



De seu interior deslizava calma e serena uma cachoeira que riscava o subsolo da Avenida Beira Rio e fundia-se ao Piracicaba. Era uma imagem marcante e bonita de se ver.

Em um de seus muros existia um santuário onde as pessoas acendiam velas e deixavam pequenas relíquias, criando uma imagem pura de arrebatção, fé e religiosidade. Era um espaço que sempre causou em mim respeito e me despertava para o mistério para a lembrança do sagrado do Sancta Sanctorum.

Em noites de chuva havia um

espetáculo merecedor de um filme inglês: as árvores em sua volta eram iluminadas por relâmpagos e ali formavam imagens digna de um cartão postal.

O conhecíamos como Palacete Boyes, e pertenceu ao grande homem e benemérito da nossa terra: Luiz de Queiroz. Foi também seu proprietário o ex-ministro da Agricultura Rodolfo Miranda, depois a família Boyes e hoje a família Fioravanti. Contam que em outros tempos estiveram ali hospedadas personalidades da política, da área empresarial, artística e de várias partes do mundo.

Na minha infância, os mais ve-

lhos e cultos da cidade falavam que por ali havia passado um “tal” de Rudyard, e isso ficou marcado em minha mente.

Tempos depois, descobri tratar-se do escritor Rudyard Kipling (prêmio Nobel de Literatura de 1907), sobre o qual dizem que era maçom e na época de sua visita ao palacete fora recepcionado também por maçons da cidade, lá pelos idos de 1922.

Há entre seus livros um com a temática maçônica que foi transformada em filme de aventura, com Sean Connery e Michael Caine: “O Homem que Queria Ser Rei”. Kipling narra nessa obra à

aventura de dois ex-soldados britânicos (maçons) que queriam conquistar a todo custo a fama e viver como reis.

Kipling foi o criador de “Mogli”, personagem de outro livro seu de sucesso: “O Livro Da Selva”, imortalizado em 1969, por Walt Disney em desenho animado.

Esse é o palacete que encantou e assombrou os meus sonhos de infância e, que ainda, às vezes, em noites de sono agitado, me arrebatava, mesmo que por alguns segundos, para um mundo onírico no qual coisas místicas podem acontecer.

Exclusivo para O Democrata - Braulio Giordano

Ator, escritor e filósofo



Felicidade, cotidiano, amizade



Hoje passei o dia, apesar dos pesares cotidianos, a pensar sobre a amizade. Quando, à primeira vista, me veio à mente Aristóteles, pensei logo em seguida no “bem”. No entanto, outra coisa apareceu diante do que vinha pensando no decorrer de diversas linhas lidas, na Crítica da Razão Dialética de Sartre, a respeito dos problemas imensos que temos como sociedade, como por exemplo, a escassez, a falta, o excesso, etc., e só o que me apareceu foi o negativo. Explico. Nada vem, acontece, ou é de um jeito, pois sempre haverá um outro jeito. Nada é o que é, pois algo é, também, de outro jeito. O que quero dizer com isso é que precisamos, ou melhor, necessitamos das nossas adversidades para, um pouco a pouco, sermos o que focarmos ser. Não há discórdia sem acordo, não há acordo sem discórdia, isto é, o que é assinalado como sendo, precisa, mesmo por debaixo dos lençóis, não ser aquilo, logo, ser o seu contrário.

Sinto que estou perto de um lugar perigoso. O que é perigo-

so, pelo menos a meu ver, indica que algo está no caminho de correr um certo risco, em outras palavras, de se deparar com algo nocivo; ainda em palavras diferentes, longe de ser algo “bom”. O amigo, diz Aristóteles, é um outro si, e essa frase ganha corpo quando percebemos que a presença do amigo nos devolve uma imagem melhor que a nossa, mas, pense bem, será que é melhor? O que indicaria, a partir de tal imagem, que, como tal, a sua posição mais avançada, melhorada, poderia ser apreendida como o que é? Ainda assim, se assim não for, será que queremos nos olhar, se mediarmos as nossas expectativas a partir de uma linha equitativa, logo, mais perto do que somos, no espelho o tempo todo? Não acho que precisamos praticar as nossas virtudes diante dos que, ao redor, nos sentimos “bem”, já que pelo contrário, e ainda não em oposição, penso que precisamos das adversidades, ou seja, necessitamos do ódio, da fantasia de odiar ou de criar vespeiros que, em certa medida, soltem as suas garras a nos picar de vez em quando. A picada, em grande medida, nos desperta do sono dogmático, a lembrar aqui

Kant vislumbrando Hume.

Nesse sentido, precisamos do conflito, não há escapatória, não há paraíso sem inferno, não existe um “deus” sem existir um “diabo”, em última instância, o bom não existe sem o mal. As dicotomias são inerentes ao que desejamos compreender, independentemente de que objetos do pensamento estejamos querendo desvendar como objeto do nosso saber. No entanto, precisamos estar atentos a um único fato: seja bom ou seja mal, tudo isto não passa de meras conjecturas subjetivas, afinal, defina aqui, como bem treinado Aristóteles, o significado de “bem”, bom, isso não basta no mundo de hoje. Universalizar algo sempre nos acarreta problemas. É por tal razão que precisamos nos ater ao que nos situa-mos como presente, já que nada de futuro ou de passado pode nos confirmar o que fomos, somos ou seremos, embora saiba, ou pense saber, que só o presente nos é dado como real e nada mais.

Mas, apesar disso tudo, penso que nos encontramos com o que somos da melhor forma quando nos distribuímos como estar ao lado dos que “bem” nos queremos,

e é por isso que temos poucos amigos, afinal, é a felicidade que Aristóteles, ao perceber ser necessário haver um equilíbrio entre o que nos excede e o que nos falta, define como eudaimonia; só assim, ou seja, se equilibrando no meio justo, ela poderia se concretizar (porém, é bom salientar, a própria felicidade, também, é subjetiva). Além disso, em formato de lembrança, tanto o inferno quanto a felicidade está em todos nós e não no “Outro”, e é isso que Sartre quis demonstrar em sua peça teatral Entre quatro paredes, ou seja, precisamos considerar que há um ponto no qual o olhar do “Outro” me fixa como quem pendura um retrato na parede e decide que sou somente aquilo, e que naquele instante a liberdade minha, que sempre esteve em movimento e em busca de si, se vê aprisionada numa imagem que não fiz nascer, pois, de algum modo, nunca saberemos como somos vistos pelo “Outro”.

Enfim, como Caligaris disse certa vez e concordo profundamente, parafraseando-o: reprimimos no “Outro” a liberdade que nos apavora.

Campanha de Doação de Sangue



Uma campanha do jornal O Democrata

Procure o hemocentro da sua cidade e doe sangue.

Exclusivo para O Democrata - Ari Jr.
Escritor, Cronista e Supervisor de Compras



Quando o medo vira rotina

Não foi um assalto... Não foi um tiro... Foi apenas uma conversa atravessada no balcão da padaria... Alguém comentou que agora evita sair à noite. Outro respondeu que já não atende o telefone depois de certo horário, ou de DDD diferente do da sua cidade. Um terceiro confessou que mudou o trajeto diário por precaução. Nenhuma dessas pessoas havia sido diretamente vítima de um crime recente. Ainda assim, todas estavam reféns da mesma sensação: o medo que se instala antes do fato, que antecede a violência e molda comportamentos. O problema é que esse medo não surge do nada, e tampouco encontra respostas à altura.

Vivemos um tempo curioso, em que todos concordam que a violência é grave, mas ninguém parece capaz de enfrentá-la com seriedade. De um lado, discursos que prometem ordem pela força, como se o endurecimento retórico fosse suficiente para reorganizar a realidade. De outro, tentativas de relativizar o problema, tratando a criminalidade como um subproduto abstrato de desigualdades históricas, quase um tema teórico, distante da vida concreta de quem tranca portas mais cedo.

Enquanto os extremos disputam narrativas, o cidadão aprende a sobreviver no intervalo entre elas. O Estado, que deveria ser o eixo racional dessa equação, oscila. Falta coordenação, falta estratégia, falta continuidade. A cada crise, surge uma solução improvisada. A cada tragédia, um anúncio. O que não aparece é um plano capaz de atravessar governos, ideologias e mandatos, com metas claras, integração real entre União, estados e municípios e avaliação honesta do que funciona e do que fracassa.

O resultado é um país em alerta permanente, mas sem direção.

O medo passa a fazer parte da paisagem. Não é mais o susto ocasional, é a cautela constante. Ele se infiltra nas decisões simples: onde estacionar, que horas sair, quem confiar. E, quando o medo vira rotina, a democracia adoece silenciosamente, porque cidadãos acuados participam menos, debatem menos e esperam menos. Nesse cenário, 2026 se aproxima como mais do que um ano eleitoral. Será um teste de maturidade coletiva.

A segurança pública, que sempre aparece nos discursos de campanha, não pode mais ser tratada como slogan. Não é tema para palanque inflamado nem para silêncio constrangido. É uma questão que exige coragem política para romper dogmas, enfrentar corporações, rever modelos falidos e, sobretudo, abandonar a tentação de soluções fáceis. Nem a força bruta resolve sozinha. Nem a negação do problema o faz desaparecer.

Enquanto isso, nós, cidadãos comuns, também precisamos encarar nossa parte nessa equação. É confortável transferir toda a responsabilidade ao poder público, e ele, de fato, tem deveres inegociáveis. Mas a cultura da violência não se combate apenas com viaturas e leis mais duras.

Ela começa a ser enfrentada quando paramos de normalizar pequenos desvios, quando recusamos a lógica do “jeitinho” que mina a autoridade do coletivo, quando cobramos com constância, não apenas em ano eleitoral, quando escolhemos informação em vez de boato, diálogo em vez de ódio, participação em vez de resignação. Fazer nossa parte não é heroísmo. É compromisso cívico.

É entender que segurança pública não é pauta exclusiva da direita ou da esquerda. É uma necessidade básica, tão essencial quanto saúde e educação. É reconhecer que discursos vazios, de qualquer espectro, custam caro



quando se transformam em políticas públicas improvisadas.

O medo dos cidadãos não pode seguir sem resposta. Não pode ser usado como instrumento político para ganhar votos do concorrente, nem varrido para debaixo do tapete ideológico. Ele precisa ser encarado com seriedade, técnica e humanidade. Não se pode prometer o irreal paraíso de Isaías, capítulo 06, mas também não podemos ser expulsos do lar por uma facção criminosa.

Talvez o primeiro passo seja simples e, justamente por isso, difícil: parar de fingir que alguém já tem todas as respostas prontas. Não tem. Mas há caminhos possíveis, desde que se tenha coragem de percorrê-los com menos bravata e mais responsabilidade. Porque um país que se acostuma ao medo acaba aceitando qualquer promessa que diga, ainda que falsamente, que vai livrá-lo dele.

E isso, sim, é perigoso.



**LUGAR
DE LIXO É
NO LIXO.
Colabore.**

Uma campanha do jornal O Democrata



Ronaldo Castilho

Jornalista e bacharel em Teologia e Ciência Política, com MBA em Gestão Pública com Ênfase em Cidades Inteligentes



Faça as pazes com o espelho



Há um gesto simples, quase automático, que acontece todos os dias e, ainda assim, tem poder suficiente para mexer com o rumo inteiro de uma história: o momento em que nos olhamos no espelho. Não é apenas um reflexo. É um encontro. Às vezes rápido, apressado, no meio da correria. Outras vezes demorado, carregado de pensamentos, comparações e cobranças que ninguém fez em voz alta, mas que já viraram costume dentro da nossa cabeça. O espelho, que deveria ser apenas um objeto neutro, muitas vezes vira tribunal. E, sem perceber, passamos a vida inteira nos julgando como se a sentença fosse inevitável.

Só que fazer as pazes com o espelho não tem relação direta com estética, padrões ou medidas. Isso é o que a superfície faz parecer, mas o verdadeiro conflito quase nunca está no que o vidro mostra. Ele está no que a alma sente quando o olhar encontra o próprio rosto. Duas pessoas podem olhar para a mesma imagem e enxergar coisas completamente diferentes. Uma percebe sinais de cansaço e entende que precisa descansar. Outra vê o mesmo cansaço e conclui que é fraca, insuficiente, incapaz. A diferença não está no espelho, está na narrativa interna. O espelho não fala. Quem fala é a voz dentro de nós. E é impressionante como essa voz, tantas vezes, é dura e injusta, exatamente com quem mais deveria receber cuidado.

Viver brigado consigo mesmo é um hábito silencioso. Ele começa pequeno, em pensamentos aparentemente inofensivos, em frases repetidas sem perceber, em comparações que parecem normais, mas vão corroendo a autoestima lentamente. Em algum momento, a pessoa deixa de se ver como alguém que está vivendo e passa a se enxergar como um projeto incompleto, alguém que nunca está pronto. E então se cria um ciclo desgastante: quanto mais a pessoa se cobra, mais se esgota; quanto mais se esgota, menos consegue; quanto menos consegue, mais se acusa. E o espelho vira o lugar

onde essa acusação encontra rosto.

Talvez por isso o estoicismo, com pensadores como Sêneca e Marco Aurélio, continue tão atual. Eles afirmavam que boa parte do sofrimento não nasce apenas do que acontece, mas da interpretação que damos ao que acontece. A mente cria cenários, inventa derrotas, revive falas antigas, e depois entrega tudo isso ao coração como se fosse verdade absoluta. Fazer as pazes com o espelho é, nesse sentido, um exercício de liberdade: parar de acreditar em tudo o que a mente diz quando está dominada por medo, culpa ou insegurança.

O problema é que vivemos numa época em que as comparações ganharam vitrine. Antes, a gente se comparava com algumas pessoas ao redor. Hoje, com as redes sociais, a comparação se tornou infinita. O espelho deixou de ser apenas físico e passou a ser digital: fotos, vídeos, vidas editadas, rotinas filtradas, conquistas expostas. E nessa avalanche de versões perfeitas, o coração começa a acreditar que está sempre em falta. Não é só disputa por aparência, é disputa por valor. A pessoa sente que precisa provar que é interessante, desejável, suficiente, bem-sucedida, e quando não sustenta esse peso, volta para o espelho como quem volta para a própria derrota.

Mas o espelho não é inimigo. A guerra é interna. A autoestima, que muitos confundem com vaidade, na verdade é saúde emocional. Não é arrogância se respeitar. Não é narcisismo reconhecer a própria dignidade. Autoestima é o que impede alguém de aceitar migalhas como se fosse banquete. É o que dá coragem para dizer “não” quando algo machuca. É o que faz recomeçar sem humilhação. E isso não se constrói de uma vez, porque ninguém vira amigo de si mesmo por decreto. A autoestima é construída como uma casa: tijolo por tijolo, decisão por decisão.

A psicologia humanista, com Carl Rogers, defendia algo profundamente simples: o ser humano cresce quando é aceito, e principalmente quando se aceita. Isso não significa negar erros, mas parar de se odiar como método de transformação. O desprezo não educa, ele paralisa. O

crescimento real nasce de uma mistura rara: coragem para enxergar a verdade e bondade para não se destruir por causa dela. Maturidade é olhar para a própria história e dizer: eu reconheço onde errei, mas eu não vou me reduzir a isso.

E aqui entra uma chave decisiva: antes de amar alguém, é necessário amar a si próprio. Pode parecer frase repetida, mas continua verdadeira porque muita gente insiste em ignorá-la. O amor que nasce de um coração ferido vira dependência, medo, insegurança. A pessoa tenta fazer do outro um remédio para a própria falta e transforma o relacionamento em um pedido constante de provas. Mas amor não é anestesia para ferida mal cuidada. Erich Fromm lembrava que amar é uma arte, e ninguém ama bem quando vive em guerra consigo mesmo.

Quando a autoestima está desorganizada, a pessoa aceita o que não deveria, tolera o que fere, se cala para não ser deixada, se adapta para não ser rejeitada. Vai diminuindo até que um dia nem se reconhece mais. Por isso, fazer as pazes com o espelho é uma reconciliação profunda: não com o rosto, mas com a própria existência. É olhar para si sem violência. É parar de repetir ofensas internas. É interromper o hábito de se diminuir. Porque honestidade sem humanidade vira crueldade. E humanidade sem honestidade vira mentira.

Nós somos complexos. Carregamos luz e sombra, coragem e medo, fé e dúvida. E talvez uma das dores seja achar que precisamos ser perfeitos para merecer paz. Mas a perfeição é uma miragem. O preço de persegui-la costuma ser alto: ansiedade, exaustão, culpa, medo constante de falhar. A pessoa não vive, ela se fiscaliza. E no fim percebe que passou anos tentando “merecer” amor, como se amor fosse prêmio, e não encontro.

Quando alguém decide fazer as pazes com o espelho, algo muda. As escolhas se reorganizam. A pessoa se torna menos refém da opinião alheia, menos dependente de validação, menos disposta a negociar a própria dignidade. Começa a entender limites e a respeitá-los. Descobre que maturidade não é endurecer, mas

permanecer inteiro. Nietzsche falava do desafio de tornar-se quem se é, e isso exige coragem de abandonar máscaras que custam caro demais.

No fundo, a maior transformação acontece quando a pessoa decide ser o próprio lugar seguro. Talvez a vida continue difícil em alguns momentos, mas você pode escolher parar de se tratar como inimigo. Pode aprender a se perdoar pelo que entendeu tarde, pelo que fez sem maturidade, pelo que não conseguiu na época. Pode ter paciência com o próprio processo, porque ninguém floresce sob ameaça.

E se existe um gesto simples que representa essa nova postura, é justamente o momento diante do espelho. É olhar para si e, em vez de procurar defeitos como quem procura motivo para se punir, procurar humanidade como quem procura motivo para continuar. Reconhecer a própria trajetória e afirmar: eu estou aqui. Eu não desisti. Eu continuo tentando. Isso não é pouco. Isso é coragem.

O espelho continuará no mesmo lugar, todos os dias. Mas ele não precisa ser cenário de dor. Ele pode ser lugar de reencontro. Pode ser o começo de uma conversa mais justa. Pode lembrar que autoestima não é se achar perfeito, é se achar digno. Você não precisa estar no auge para merecer respeito. Seu valor não é um troféu que se ganha; é uma verdade que se reconhece.

Fazer as pazes com o espelho é, no fim, fazer as pazes com a própria existência. É parar de brigar com quem você é e começar a construir quem você pode se tornar sem violência, sem pressa e sem ódio. É entender que o reflexo nunca foi inimigo. O inimigo era a maneira cruel com que você aprendeu a se olhar. E quando essa maneira muda, muda tudo. Você passa a viver mais leve, não porque a vida ficou fácil, mas porque você parou de carregar a si mesmo como um fardo. E, a partir desse lugar, amar alguém deixa de ser tentativa de completar um vazio e passa a ser escolha de compartilhar uma vida que já tem sentido.

O DEMOCRATA®

Receba **O Democrata** todos os sábados em seu celular!
Faça seu cadastro enviando seu nome e número para o **WhatsApp: (19) 9.8228-3663**



PIRACICABA COMENTA

Walter Naime
Arquiteto-urbanista, Empresário



Uma martelada no cravo, outra na ferradura - A moderna estratégia política



O cavalo, esse velho companheiro de guerras, viagens, lavouras e histórias, carrega no casco o peso do mundo e a teimosia da civilização. Seu andar firme depende do cuidado de um profissional que poucos valorizam, mas que decide, em silêncio, o destino de longas jornadas: o ferrador, verdadeiro podólogo de unha animal, engenheiro do caminhar, médico do casco e guardião do equilíbrio do corpo em movimento. É ele quem, com olhos treinados, identifica rachaduras, dores escondidas, irregularidades que um simples leigo jamais veria. Seu trabalho começa onde termina a paciência do cavalo e a resistência do chão.

O martelo, que muitos veem apenas como ferramenta rústica, ganha ali uma nobreza: cada batida é medida, cada toque é cálculo, cada som é uma promessa de proteção contra a aspereza das pedras e das estra-

das ingratas. A ferradura não é luxo, é escudo moldado em ferro e sabedoria. Ela se encaixa no casco como uma decisão bem tomada no momento certo. Sem ela, o cavalo sente; com ela, resiste. E é nesse ponto que a política entra trotando, cheia de discursos, promessas e aparentes boas intenções.

O político moderno aprendeu, observando o ferrador, a arte de martelar uma vez no cravo e outra na ferradura. Uma palavra para o povo, outra para o mercado. Um gesto para a esquerda, outro para a direita. Um sorriso para os gregos, um aceno para os troianos. Afinal, não é possível agradar a dois senhores ao mesmo tempo, já dizia a Bíblia, mas, em política, tenta-se desafiar até a palavra sagrada com uma boa dose de retórica, maquiagem verbal e jogos de cena.

O ferrador divide sua atenção entre o cavalo e a ferramenta; o político, entre interesses e conveniências. Ambos vivem esse delicado cabo de

força: um movimento em falso, e tudo pode ruir. Um prego mal posto gera dor. Uma promessa malfeita gera revolta. O equilíbrio, então, vira estratégia, virtude e sobrevivência. Quem consegue se manter em dois barcos ao mesmo tempo é visto, não como desequilibrado, mas como habilidoso, esperto e estrategista.

No Brasil, essa dança da ferradura acontece claramente nos três poderes. Executivo, Legislativo e Judiciário pisam, cada um, em seu próprio casco, disputando atenção, comando e prestígio, mas proclamando, em uníssono, a busca da harmonia. Martelam discursos sobre consenso enquanto testam, dia após dia, a resistência do metal institucional e da paciência coletiva.

A moral do conjunto é clara: sobreviver exige equilíbrio entre o que se quer e o que se pode, entre o que se promete e o que se entrega. E, nesse cenário, o ferrador surge como protagonista silencioso: aquele que en-

tende o peso, respeita o limite, administra a tensão e, ainda assim, garante o caminho.

Resta, então, fazer uma ressalva necessária: que os nossos “ferradores políticos” se inspirem nos bons mestres da forja, que martelam com precisão, responsabilidade e propósito. Que, ao invés de nos “ferrar”, saibam conduzir o cavalo da nação para frente, pela estrada do progresso, da dignidade e do equilíbrio social. Porque, no fim das contas, ou o ferrador honra sua arte, ou é toda a cavalgada que manca, e nós vamos juntos, tropeçando no próprio futuro.

Que nunca nos falte consciência para escolher bem quem segura o martelo. Pois quando o ritmo da batida é justo e o rumo é correto, o cavalo avança, o povo acompanha e a história deixa de ser tropeço para se transformar em caminho firme e possível.

Ademir Martins
Bacharel em Serviço Social (IMI), Licenciado em Ciências da Natureza (USP/ESALQ), Pós Graduado em Gestão do Agronegócio (Faculdades Metropolitanas), Jornalista e Membro do Clube de Escritores Mário Ferreira dos Santos.



Carrapato estrela e febre maculosa

Aqui nas Américas do Norte, Central e Sul o carrapato estrela (*Amblyomma cajennense*) é muito estudado nas áreas da veterinária e da Saúde Pública, devido a prejuízos à criadores de animais e da transmissão de doenças aos seres humanos (Febre Maculosa).

O carrapato estrela mais conhecido aqui no Brasil é o da espécie *Amblyomma cajennense* e *Amblyomma sculptum*, conhecido no meio popular como carrapato-estrela, carrapato-do-cavalo, rodoleiro, micuim e carrapato vermelhinho.

O da espécie *Amblyomma cajennense* é encontrado somente na região do Amazonas aqui na América do Sul e nos países da Venezuela e Guiana. Porém essa espécie não se encontra nos Estados do Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, já o da espécie *Amblyomma sculptum* é encontrado em todos os Estados Brasileiros e está sendo estudado nas áreas da veterinária brasileira e Saúde Pública, devido a sua transmissão da doença da Febre Maculosa Brasileira como já foi comentado acima.

Através da picada do carrapato estrela *Amblyomma sculptum* é transmitida a bactéria *R. rickettsii*

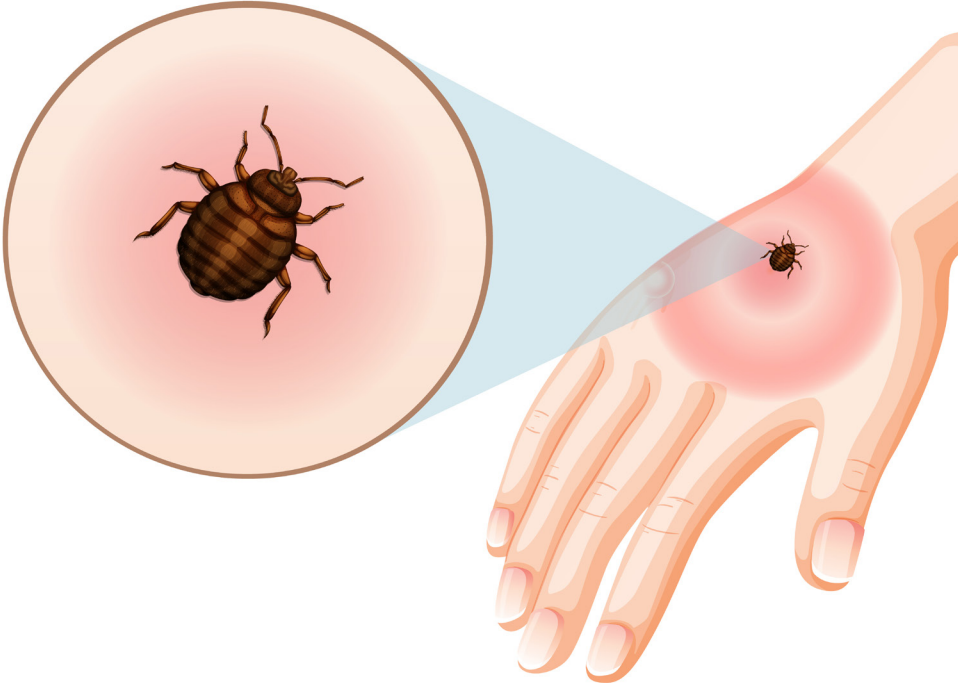
aos seres humanos causando a doença Febre Maculosa Brasileira, sendo esse carrapato muito agressivo aos seres humanos.

Os principais hospedeiros são os equinos, capivaras e as antas em todos os estágios parasitários da espécie *Amblyomma cajennense* e *Amblyomma sculptum* (larva, ninfa ou adulta), bem como outros animais também podem serem hospedeiros dessa espécie, inclusive nós seres humanos.

Todo cuidado é essencial pois nos meses mais quentes e úmidos (outubro a março) a maior ocorrência de acidentes é com o carrapato estrela adulto, já nos períodos secos (abril a setembro) os acidentes são com as larvas, predominante de abril a julho e as ninfas do carrapato estrela é de junho a outubro.

Por isso a recomendação é evitar locais (matas, lagoas, lagos, rios, riachos, etc) onde animais silvestres como as capivaras, antas e outros animais que possam estar com suspeita de contaminação estejam circulando e pastando, bem como pastos onde possam estar equinos contaminados.

Portanto qualquer sintoma de febre alta acompanhada de dor de cabeça, dor no corpo, falta de apetite,



desânimo, manchas avermelhadas que crescem e tornam-se salientes, procurar uma Unidade de Saúde, Santa Casa e Hospitais com a maior urgência.

Febre Maculosa Brasileira mata seres humanos e animais.

Em caso de dúvidas ligar para 192 - Serviço de Atendimento Móvel de

Urgência (SAMU) ou 193 Resgate do Corpo de Bombeiros para o socorro até uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Santa Casa ou Hospital.

Fonte: Comunicado Técnico 132/2015 - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária (EMBRAPA).

380

piracicaba

PADARIA E CONFEITARIA

QUALIDADE, TRADIÇÃO E MUITO SABOR.

te esperamos na 380 Piracicaba!



 (19) 99964-6315

 @380PIRA

AV. INDEPENDÊNCIA, 2883 – PIRACICABA/SP

ESPECIAL

Medida Protetiva: proteção real ou solução paliativa diante da violência contra a mulher?

Apesar de previstas na Lei Maria da Penha, as Medidas Protetivas ainda falham em garantir segurança efetiva às mulheres, funcionando muitas vezes como um documento sem fiscalização, que adia — mas não impede — tragédias anunciadas.

Por DANIELA MENOCELLI
Jornalista da redação de O Democrata

A Medida Protetiva de Urgência, prevista na Lei nº 11.340/2006 a Lei Maria da Penha foi criada com o objetivo de resguardar a vida e a integridade física e psicológica da mulher vítima de violência doméstica e familiar. No papel, é um instrumento essencial. Na prática, porém, a realidade impõe uma pergunta cada vez mais difícil de ignorar: a Medida Protetiva protege de fato ou apenas adia tragédias anunciadas? Estima-se que cerca de 90% das vítimas de feminicídio já possuíam Medida Protetiva ou haviam denunciado formalmente seus agressores. Esse dado, por si só, evidencia uma falha estrutural grave: o Estado foi avisado, documentado e provocado e, ainda assim, não conseguiu impedir o desfecho fatal. Não se trata, portanto, de falta de denúncia. Trata-se de ineficiência na resposta.

O que é a Medida Protetiva e o que ela determina
A Medida Protetiva pode ser concedida com rapidez pelo Judiciário e impõe restrições ao agressor, como:

- afastamento do lar;
- proibição de aproximação da vítima;
- proibição de contato por qualquer meio;
- suspensão do porte de armas;
- medidas relacionadas a filhos e patrimônio.

Contudo, na maioria dos casos, essas determinações não vêm acompanhadas de fiscalização efetiva, monitoramento eletrônico ou acompanhamento contínuo do agressor. O cumprimento da medida passa a depender, quase exclusivamente, do medo ou da consciência de quem agride.

A falsa sensação de segurança
Para muitas mulheres, a Medida Protetiva representa apenas um documento judicial, não uma proteção concreta. O agressor segue em liberdade. Não há ronda fixa, não há acompanhamento permanente e, em grande parte das situações, não há tornozeleira eletrônica. Quando a medida é descumprida, a vítima precisa estar viva e em condições de denunciar novamente. Esse é um dos paradoxos mais cruéis do sistema: a proteção só se reforça depois que falha.

Por que a prisão só acontece depois do feminicídio?
A legislação brasileira autoriza a prisão preventiva quando há risco à integridade da vítima, ameaça, violência psicológica, agressão física, perseguição ou reincidência. Esses elementos são mais do que suficientes sob o ponto de vista legal. Ainda assim, a prisão costuma ser tratada como medida extrema, aplicada apenas quando o pior já



Estima-se que cerca de 90% das vítimas de feminicídio já possuíam Medida Protetiva ou haviam denunciado formalmente seus agressores - Foto: Divulgação

aconteceu. Na prática, impera:

- a banalização da violência doméstica;
- a interpretação de que “ainda não houve morte”;
- o receio de prender antes do dano irreversível;
- uma cultura institucional que reage mais do que previne.

O resultado é perverso: o sistema age com rigor apenas quando já falhou por completo.

Violência não começa no último ato
O feminicídio não surge do nada. Ele é o ponto final de uma escada previsível:

- controle e ciúme excessivo;
- humilhações e violência psicológica;
- ameaças constantes;
- agressões físicas;
- perseguição.

Cada denúncia ignorada, cada Medida Protetiva descumprida e cada ameaça relativizada representa um alerta que não foi levado a sério.

A ausência de políticas públicas efetivas
Além da falha na proteção direta,

há um problema estrutural ainda mais profundo: a ausência de políticas públicas que permitam à mulher romper definitivamente com o ciclo da violência. Muitas vítimas retornam ao agressor não por escolha emocional, mas por absoluta falta de alternativas. Falta: casa abrigo suficiente e estruturada; encaminhamento real para emprego e geração de renda; políticas de financiamento ou acesso facilitado à moradia, especialmente para mulheres com filhos; suporte psicológico e social continuado. Sem essas condições mínimas, a Medida Protetiva se torna uma ordem judicial desconectada da realidade. A mulher sai de casa, mas não tem para onde ir. Sai do agressor, mas não tem como sustentar os filhos. E, diante do desamparo, muitas acabam retornando ao ambiente que o Estado reconheceu como perigoso.

Medida paliativa ou política incompleta?
A Medida Protetiva, isoladamente, é insuficiente. Ela só cumpre seu papel quando integrada a: fiscali-

zação rigorosa; prisão preventiva em casos de risco concreto; monitoramento eletrônico do agressor; rede de apoio social e econômico à vítima; responsabilização imediata pelo descumprimento. Sem isso, transforma-se em uma política sem valor que transfere à mulher a responsabilidade de sobreviver, resistir e denunciar repetidas vezes.

Quantas mulheres ainda precisarão morrer?
Essa pergunta acompanha cada novo caso noticiado. Quantas Medidas Protetivas ignoradas? Quantas denúncias arquivadas? Quantas vidas perdidas depois de pedidos de ajuda explícitos? Leis mais rígidas não significam apenas punição após a morte. Significam ação concreta antes dela. Significam acreditar na vítima, agir diante das ameaças e compreender que violência psicológica e ameaças também matam. Enquanto o Estado continuar chegando tarde, a Medida Protetiva seguirá sendo, para muitas mulheres, um papel assinado entre o medo e o luto.

Isabel Veloso: a coragem de viver, a dignidade de lutar e o retrato da crueldade humana na era digital

Aos 17 anos, Isabel Veloso transformou um diagnóstico terminal em um ato de coragem e amor à vida, mostrando que esperança e dignidade podem florescer mesmo diante da morte — e deixando um legado que desafia a crueldade e inspira humanidade.

Por DANIELA MENOCELLI
Jornalista da redação de O Democrata



Isabel: Leve no sorriso, forte na essência - Foto perfil Instagram



Amor que fortalece e dá sentido a tudo - Foto perfil Instagram

Isabel Veloso tinha apenas 17 anos quando recebeu um diagnóstico que muda qualquer vida de forma definitiva: um câncer em estágio terminal. Em um momento em que a maioria dos jovens está fazendo planos para o futuro, escolhendo uma profissão, sonhando com viagens, estudos e descobertas, Isabel foi confrontada com a finitude. O tempo, para ela, deixou de ser uma promessa distante e passou a ser um bem precioso, contado em dias, meses, gestos e decisões. Diante desse cenário devastador, Isabel fez uma escolha que marcou sua trajetória e tocou milhares de pessoas: ela decidiu não viver como vítima. Não se resumiu ao diagnóstico. Não permitiu que a doença definisse quem ela era. Em vez de se entregar ao desespero ou se esconder na dor, escolheu viver intensamente, conscientemente e com propósito. Isabel correu atrás de sonhos que muitos consideram simples, mas que carregam significados profundos: amar, casar-se, formar uma família, ser mãe. Sonhos que, para ela, representavam vida em sua essência. Enquanto o corpo enfrentava limitações, a alma permanecia firme. Cada passo dado era um ato de resistência. Cada conquista, uma afirmação de que sua existência ia muito além da doença. Sua postura surpreendeu e inspirou. Isabel mostrou que a luta contra o câncer não precisa ser apenas sinônimo de sofrimento exposto, lágrimas constantes ou lamentos públicos. Ela provou que a dor pode coexistir com a esperança, que a fragilidade pode caminhar ao lado da força e que dignidade não exige plateia. Sua coragem encorajou milhares de pessoas que enfrentam doen-

ças graves, perdas irreparáveis e batalhas invisíveis. No entanto, a mesma atitude que inspirou muitos despertou o pior em outros. Em um retrato cruel da sociedade conectada, Isabel passou a ser atacada nas redes sociais. Foi acusada de manipulação, de mentir sobre sua condição, de oportunismo. Pessoas que jamais estiveram em seu lugar, que nunca sentiram o peso de um diagnóstico terminal, se sentiram autorizadas a julgá-la, desacreditá-la e feri-la com palavras. Esses ataques não aconteceram apesar de sua força aconteceram justamente por causa dela. Isabel não correspondeu ao estereótipo que muitos esperam de alguém em estado terminal. Ela não se mostrou quebrada o tempo todo. Não se resumiu ao sofrimento. Não implorou por compaixão. E isso incomodou. Para uma parcela da sociedade, só é digno de empatia quem sofre de uma forma específica,

silenciosa ou constantemente abatida. Isabel rompeu esse padrão e pagou um preço alto. Ela foi atacada por não esmecer. Por não se lamentar continuamente. Por ousar sorrir, amar e planejar mesmo diante da morte. Como se viver fosse uma afronta. Como se lutar fosse uma mentira. Como se a esperança fosse proibida para quem recebe um diagnóstico terminal. Ainda assim, Isabel seguiu em frente. Lutou pela vida até seu último suspiro. Realizou seus sonhos. Viveu com intensidade, verdade e amor. Não permitiu que o ódio alheio anulasse sua essência. Transformou sua história em um farol para milhares de pessoas que encontraram, em sua trajetória, força para continuar. Isabel Veloso deixou um legado que vai muito além de sua luta contra o câncer. Ela escancarou a face mais cruel da internet um espaço onde a empatia muitas vezes é substituída pelo julga-

mento, onde a dor do outro vira espetáculo e onde ataques são feitos sem responsabilidade, sem humanidade e sem culpa. Sua história revela o quanto ainda falhamos como sociedade ao lidar com o sofrimento alheio. Isabel nos ensinou que não existe uma forma correta de lutar contra a dor. Que ninguém tem o direito de ditar como o outro deve viver, sofrer ou se despedir. Que força não é ausência de medo, mas a decisão diária de não se render a ele. E que viver, mesmo diante da morte, é um ato de coragem imenso. Mais do que uma jovem com câncer terminal, Isabel Veloso foi símbolo de resistência, dignidade e amor à vida. Sua história permanece como um alerta e um convite: que sejamos mais humanos, mais empáticos e menos cruéis. Porque, no fim, a doença que mais machuca não é apenas a que atinge o corpo, mas a indiferença que corrói a alma.



Isabel Veloso ensinou que sorrir também é um ato de coragem

REALIDADE

Os efeitos do “brain rot” na infância

Fenômeno popularizado nas redes expõe os impactos do excesso digital no cérebro em formação e reacende o debate sobre limites, proteção e presença adulta.

Por **RENATA PERAZOLI**
Jornalista da redação de O Democrata

Vídeos que duram poucos segundos, personagens absurdos, trilha sonora repetitiva e narrativas fragmentadas. O dedo desliza pela tela quase sem consciência, enquanto imagens se sucedem em ritmo acelerado. O que parece apenas entretenimento infantil passou a despertar preocupação crescente entre pais, educadores e profissionais da saúde mental. Popularizado nas redes sociais, o termo brain rot ganhou força para descrever uma sensação difusa de cansaço mental, dificuldade de concentração e empobrecimento cognitivo associada ao consumo excessivo de conteúdos digitais rápidos e repetitivos. Embora não seja um conceito científico, brain rot se tornou um rótulo simbólico para um fenômeno real, ou seja, a forma como o cérebro, especialmente o cérebro em desenvolvimento, responde a ambientes digitais altamente estimulantes, imediatistas e pouco exigentes do ponto de vista cognitivo e emocional. Especialistas alertam que não se trata de alarmismo nem de demonização da tecnologia, mas de compreender limites, riscos e responsabilidades em uma sociedade cada vez mais conectada. O termo surgiu como uma brincadeira irônica nas redes, mas rapidamente foi apropriado por adultos que passaram a reconhecer, nas crianças e em si mesmos, sinais de exaustão mental após longos períodos diante das telas. Psicólogos explicam que o cérebro não “apodrece”, mas se adapta. E essa adaptação nem sempre ocorre de forma saudável. “O cérebro aprende pelo uso e se molda aos estímulos que recebe com maior frequência”, explica a psicóloga Flaviane de Souza (CPR 06.138-316). Para ela, crianças, cujo sistema nervoso ainda está em pleno desenvolvimento, essa plasticidade é ainda maior. “Isso significa que o ambiente digital pode tanto ampliar repertórios quanto empobrecer habilidades, dependendo da forma e da intensidade com que é utilizado”. A infância e a adolescência são períodos marcados por profundas transformações neurológicas. “O córtex pré-frontal, região responsável por funções executivas como planejamento, controle de impulsos, organização do pensamento, atenção sustentada e regulação emocional, ainda está em amadurecimento e só atinge pleno desenvolvimento na vida adulta”, explica a psicóloga. Ela acrescenta que ambientes digitais, especialmente aqueles baseados em vídeos curtos, jogos online e redes sociais, são desenhados para ativar intensamente o sistema de recompensa do cérebro. Curtidas, visualizações, sons, cores e movimentos rápidos esti-

mulam a liberação de dopamina, neurotransmissor associado ao prazer e à motivação. Quando essa estimulação ocorre de forma constante, o cérebro passa a buscar recompensas cada vez mais imediatas. Atividades que exigem esforço cognitivo, espera ou frustração tornam-se menos atrativas. Em crianças, isso pode se manifestar como dificuldade de concentração, irritabilidade, baixa tolerância ao tédio e resistência a tarefas que demandam atenção prolongada. Para Flaviana, um dos impactos mais frequentemente relatados por pais e educadores é a dificuldade de atenção. “Nem toda desatenção indica um transtorno neurológico. O que se observa com frequência é uma desatenção funcional, relacionada ao condicionamento do cérebro a estímulos rápidos, múltiplos e altamente recompensadores”. Em ambientes digitais, o foco é constantemente interrompido. Há sempre algo novo surgindo na tela, o que reduz a necessidade de esforço mental e enfraquece a capacidade de concentração sustentada. Com o tempo, explica a psicóloga, o cérebro passa a apresentar dificuldade em manter o foco em atividades monótonas, como assistir a uma aula, ouvir uma explicação mais longa ou ler um texto extenso. Esse fenômeno tem provocado confusões diagnósticas. “Comportamentos semelhantes aos observados no TDAH aparecem com mais frequência, mas especialistas alertam que o excesso de telas não causa o transtorno. Ele pode, no entanto, intensificar sintomas parecidos, o que exige avaliações cuidadosas e contextualizadas”, avalia a psicóloga.

Reflexos no ambiente escolar

Na escola, os efeitos do chamado brain rot tornam-se visíveis. Professores relatam aumento da impulsividade, dificuldade de seguir regras, menor tolerância à frustração e desinteresse por atividades que exigem concentração contínua. A alfabetização, processo que demanda atenção, memória e imaginação, também pode ser impactada. “A leitura, por exemplo, exige que a criança acompanhe uma narrativa, construa imagens mentais e sustente o foco por períodos mais longos. Crianças habituadas a conteúdos fragmentados podem demonstrar resistência a esse tipo de atividade, preferindo estímulos visuais imediatos”, relata Flaviana. Educadores também relatam mudanças no comportamento social. Crianças mais expostas às telas podem apresentar dificuldades de interação, menor capacidade de negociação em brincadeiras coletivas e pouca to-



“Bailarina Capuccina” é um fenômeno da internet, uma personagem de IA com corpo de bailarina e cabeça de cappuccino, que se tornou viral no brain rot - Crédito: Internet

lerância a regras compartilhadas. Na adolescência, o debate se amplia. “Esse é um período marcado pela construção da identidade, pela busca de pertencimento e pela diferenciação emocional em relação aos pais. As redes sociais entram nesse cenário como um espaço potente, porém delicado, de validação externa”, relata a psicóloga. “O cérebro do adolescente é altamente sensível à dopamina e ainda apresenta maior impulsividade. Curtidas, comentários, seguidores e visualizações ativam intensamente o sistema de recompensa, criando dependência de validação externa, comparações constantes e flutuações de autoestima”. A exposição contínua a padrões irreais de corpo, sucesso e felicidade contribui para sentimentos de inadequação, ansiedade social e humor deprimido. O medo de exclusão social, conhecido como FOMO, passa a orientar comportamentos e decisões, muitas vezes em detrimento do bem-estar emocional.

Sexualização precoce e riscos do ambiente digital

Outro ponto de atenção crescente é a exposição precoce a conteúdos sexualizados. A pornografia digital, facilmente acessível, representa um risco significativo para crianças e adolescentes, que não possuem maturidade emocional e cognitiva para processar esse tipo de conteúdo. Flaviana alerta que a exposição precoce pode resultar em distorções sobre sexualidade, hipersexualização, dessensibilização emocional e aumento do risco de comportamentos compulsivos. Além disso, o ambiente digital

exige atenção constante para riscos como aliciamento, grooming e pedofilia online. A falsa sensação de segurança, por a criança estar em casa e “quieta” com um dispositivo, pode mascarar perigos reais. A supervisão adulta, nesse contexto, é entendida como cuidado, não como invasão de privacidade.

A pandemia como ponto de virada

A pandemia de Covid-19 acelerou de forma abrupta esse processo. Com escolas fechadas, isolamento social e ensino remoto, as telas se tornaram quase onipresentes na rotina infantil. Para muitas famílias, foram a principal forma de entretenimento, socialização e até regulação emocional. A psicóloga destaca que o contexto era excepcional e não cabe culpabilização. No entanto, os hábitos adquiridos permaneceram. Crianças que iniciaram o contato intenso com telas ainda muito pequenas passaram a incorporá-las como eixo central da rotina. Um dos efeitos mais sutis, porém mais profundos, do excesso digital é o desaparecimento do tédio. Em um mundo onde qualquer intervalo pode ser preenchido por um vídeo ou jogo, a criança perde a oportunidade de experimentar o ócio criativo. O tédio é um elemento fundamental do desenvolvimento infantil. É a partir dele que surgem a imaginação, a criação de brincadeiras, a capacidade de inventar narrativas e a autorregulação emocional. Quando o tédio é constantemente evitado, a criança pode apresentar dificuldade de brincar sozinha, criar e lidar com frustrações. A psicóloga afirma que especialis-

tas são unânimes ao afirmar que o enfrentamento do excesso digital começa em casa. Estratégias protetivas não se baseiam apenas em controle, mas em presença emocional, vínculo e orientação ativa. Entre as principais estratégias estão o uso de telas compatível com a idade, a supervisão do conteúdo acessado, limites claros e previsíveis, rotinas equilibradas e espaços de escuta emocional. O exemplo dos adultos é fundamental. Crianças aprendem observando. Pais que demonizam as redes sociais tendem a perder espaço de diálogo. Já aqueles que acompanham, orientam e conversam tornam-se fatores de proteção emocional. O objetivo não é proibir, mas ensinar a usar.

“A boa notícia é que os efeitos associados ao chamado brain rot são, em grande parte, reversíveis. O cérebro infantil é altamente plástico e responde rapidamente a mudanças no ambiente. A redução gradual do tempo de tela, aliada a estímulos adequados, pode gerar melhorias perceptíveis em poucas semanas”, lembra Flaviana.

Como exemplo, ela lembra que brincadeiras livres, leitura compartilhada, jogos de tabuleiro, atividades artísticas, esportes e contato com a natureza são apontados como estratégias eficazes para reorganizar a aten-

ção, fortalecer vínculos e promover saúde emocional.

O consenso entre especialistas é que a tecnologia não deve ser banida. Vivemos em um mundo digital, e aprender a usar essas ferramentas de forma saudável é uma habilidade essencial. O problema surge quando a tela substitui experiências fundamentais da infância, como o brincar, o convívio e o diálogo.

“O digital precisa ser ferramenta, não babá”, resume Flaviana. O desenvolvimento emocional, social e cognitivo exige tempo, presença e relações reais.

O debate sobre brain rot ultrapassa o âmbito individual e se torna um desafio coletivo. Famílias, escolas, profissionais da saúde e poder público precisam dialogar sobre políticas de proteção à infância no ambiente digital, educação midiática e apoio às famílias.

Mais do que combater um termo da moda, o desafio é recuperar o ritmo da infância, devolver espaço ao silêncio, à imaginação e à convivência. Em uma sociedade acelerada, desacelerar se torna um ato de cuidado.

“O alerta está lançado. O futuro das próximas gerações depende, em grande parte, da forma como a sociedade escolhe equilibrar tecnologia e humanidade, estímulo e pausa, conexão digital e vínculo real” finaliza a psicóloga.



“O cérebro aprende pelo uso e se molda aos estímulos que recebe com maior frequência”, explica a psicóloga Flaviane de Souza - Foto: Divulgação



No Brasil, o Flamengo aproveitou a viralização e criou o “Urubini Flamenguini”, uma versão brainrot do mascote do time - Crédito: Internet



Uma criatura de madeira que segura um taco de beisebol e é descrita pela mesma voz masculina, mas em indonésio - Crédito: Internet



Segundo o site Know Your Meme, o primeiro brainrot a viralizar foi o ‘Tralalelo Tralala’, publicado no TikTok em janeiro de 2025 - Crédito: Divulgação



@odemocratanews

Assim você fica por dentro das notícias de Piracicaba e região!



PADRE JÚLIO LANCELOTTI CRITICA PL QUE RESTRINGE DOAÇÕES DE ALIMENTOS EM PIRACICABA



“A SALA DE AULA VIROU UM ESPELHO DAS DORES SOCIAIS”, DIZ PROFESSOR DE PIRACICABA



PIRACICABA OLÍMPICA: NOVO CENTRO DE TREINAMENTO É REFERÊNCIA DA MODALIDADE NA REGIÃO



SIGA AGORA MESMO

e faça parte da nossa comunidade online!



19:01

odemocratanews



O Democrata

1.255 posts

281 seguidores

101 seguindo

Confira as notícias de Piracicaba e região

#Compartilha e confira a edição dessa semana

Todo sábado uma nova edição do jornal O Democrata

bit.ly/odemocratanews

Seguido(a) por ivanisilsilveira, joaofontesoficial e outras 10 pessoas

Seguindo v Mensagem



PROTEÇÃO DE PATENTES NO EXTERIOR: ENTENDENDO O PCT

POUR EDUARDO CAVALLETO



VOCÊ SABIA? LEI GARANTE MANUTENÇÃO DO PLANO DE SAÚDE APÓS DEMISSÃO E APOSENTADORIA

O DEMOCRATA



COM QUEDA NOS CASOS, GOVERNO ARQUIVA SALA DE SITUAÇÃO DO METANOL

O DEMOCRATA



ESTUDO MOSTRA QUE JOVENS SÃO AS PRINCIPAIS VÍTIMAS DA CRISE DE ANSIEDADE

O DEMOCRATA



ECONOMIA ESFRIA, MAS BC SEGURA TAXA BÁSICA EM 15% AO ANO

POUR DESIDÉRIO ALVARENGA



REYONCE BATE NA PORTA DA

O DEMOCRATA

O DEMOCRATA®

Receba **O Democrata** todos os sábados em seu celular!
Faça seu cadastro enviando seu nome e número para o **WhatsApp: (19) 9.8228-3663**



CIDADE

Escolas estaduais aguardam verbas de manutenção a poucos dias do início das aulas em Piracicaba

Com o início das aulas marcado para 2 de fevereiro, escolas estaduais de Piracicaba e região enfrentam apreensão diante da demora na liberação de recursos para manutenção e da indefinição sobre a entrega dos kits escolares, situação que preocupa diretores, professores e famílias às vésperas do retorno de mais de 30 mil alunos.

Por RENATA PERAZOLI
Jornalista da redação de O Democrata

Com o início do ano letivo da rede estadual marcado para 2 de fevereiro, escolas de Piracicaba e região vivem dias de expectativa e apreensão. Informações recebidas pelo O Democrata apontam que, até o momento, unidades escolares ainda não haviam recebido os recursos tradicionalmente repassados pelo Governo do Estado de São Paulo para reformas, adequações e manutenções básicas, situação que preocupa direções, professores e famílias. Essas verbas, historicamente liberadas no início do ano, são fundamentais para garantir condições mínimas de funcionamento das escolas após o período de recesso. São elas que permitem desde pequenos reparos estruturais, como conserto de telhados, portas e janelas, até serviços essenciais de elétrica, hidráulica, pintura, limpeza pesada e manutenção de banheiros e salas de aula. Procurada pelo O Democrata, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) informou, por meio de sua Assessoria de Imprensa, que a liberação dos recursos financeiros destinados aos serviços de manutenção, via Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), está prevista para o início da próxima semana. Ainda segundo a pasta, o calendário oficial de aulas segue mantido. Apesar da resposta oficial, o curto intervalo entre a liberação anunciada e o retorno dos estudantes levanta questionamentos sobre a capacidade de execução dos serviços em tempo hábil, especialmente em escolas que enfrentam problemas estruturais mais antigos. Outro ponto sensível diz respeito à entrega do kit de material escolar, política pública essencial para milhares de famílias de baixa renda. Segundo a Seduc-SP, a distribuição de mais de 3 milhões de kits em todo o Estado teve início em 9 de janeiro, com previsão de conclusão ao longo do mês de fevereiro. Na prática, porém, muitas escolas ainda não receberam informações detalhadas sobre datas exatas de entrega, o que gera insegurança entre pais e responsáveis, principalmente em um contexto de aumento do custo de vida. Para muitas famílias, o kit fornecido pelo



Cerca de 30 mil alunos da região de Piracicaba receberão kit de material escolar do Estado - Foto: internet

Estado representa a única garantia de que os filhos terão cadernos, lápis, canetas e outros materiais básicos para acompanhar as atividades escolares desde o primeiro dia de aula. A indefinição faz com que parte dos responsáveis tema ter que arcar com despesas inesperadas logo no início do ano, período em que também se acumulam gastos com transporte, alimentação e uniformes.

Mais de 30 mil alunos retornam às salas de aula

De acordo com dados oficiais da Seduc-SP, a Unidade Regional de Ensino de Piracicaba mantém estabilidade no número de matrículas em relação a 2025. Para o ano letivo de 2026, os números são os seguintes:

- **Anos Iniciais do Ensino Fundamental: 2,4 mil alunos**
- **Anos Finais do Ensino Fundamental: 16,7 mil alunos**
- **Ensino Médio: 11,5 mil alunos**

Ao todo, mais de 30 mil estudantes devem retornar às escolas estaduais da região, o que reforça a importância de que todas as unidades estejam preparadas para

recebê-los com segurança, estrutura adequada e material pedagógico disponível. Com o calendário apertado, a expectativa agora recai sobre o cumprimento dos prazos anunciados pelo Governo do Estado. Diretores escolares aguardam a liberação efetiva dos recursos para executar os serviços necessários, enquanto pais e alunos esperam que o retorno às aulas ocorra em ambientes seguros, limpos e adequadamente equipados. O Jornal O Democrata seguirá acompanhando de perto a situação das escolas estaduais de Piracicaba e região, cobrando transparência, cumprimento de prazos e, sobretudo, respeito ao direito de crianças e jovens a uma educação pública de qualidade, que começa, necessariamente, por condições dignas de ensino desde o primeiro dia de aula

A importância do período de férias

Além da infraestrutura, especialistas em educação ressaltam que o período de férias escolares cumpre um papel fundamental no processo de aprendizagem. Longe de

ser apenas uma pausa no calendário, o recesso é essencial para o descanso físico e emocional dos alunos, permitindo a recuperação das energias após um ano intenso de atividades, avaliações e convivência social. Para crianças e adolescentes, as férias contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais, autonomia e criatividade, seja por meio do convívio familiar, de atividades culturais, esportivas ou mesmo do tempo livre, cada vez mais raro na rotina contemporânea. O descanso adequado também impacta diretamente o desempenho escolar, favorecendo a concentração, a motivação e o interesse pelo aprendizado no retorno às aulas. O período de férias também é estratégico para a própria escola. Tradicionalmente, é nesse intervalo que são realizadas manutenções mais complexas, reorganização de espaços, planejamento pedagógico e formação de professores. Quando os recursos não chegam a tempo, esse ciclo é comprometido, afetando não apenas a estrutura física, mas todo o planejamento do ano letivo.

ESCOLHA
ABANDONAR
O FUMO e tenha uma vida
com mais saúde.



Uma campanha do jornal O Democrata

Sob a chuva, infância no sinal vermelho

Por **RENATA PERAZOLI**
Jornalista da redação de O Democrata



Crianças atravessam a cidade para vender doces e ajudar no sustento familiar



Não estou pedindo dinheiro, estou vendendo, afirma Igor - Fotos: Renata Perazoli

Na noite da última quinta-feira, dia 15, uma cena comovente chamou a atenção de motoristas e pedestres no cruzamento das avenidas Independência e Saldanha Marinho, em Piracicaba. Debaixo de chuva, à noite, três crianças vendiam doces no semáforo com um objetivo que ia muito além de um simples trocado, ajudar no sustento da família. Mesmo renunciando ao tempo de brincar, direito garantido por lei, os meninos transformavam o trabalho improvisado em uma espécie de brincadeira. Entre sorrisos tímidos, conversas sobre futebol e a rotina dura, eles tentavam manter a leveza diante da necessidade. Para preservar a identidade, as crianças serão chamadas nesta reportagem de Igor, João e Manoel. Moradores do bairro Santa Fé, eles se deslocaram até a região central da cidade para levantar algum dinheiro. Manoel, de 15 anos, foi direto ao explicar o motivo de estar ali. “Estou aqui para juntar dinheiro para comprar um gás de cozinha para poder fazer comida em casa”, relatou. Questionado se havia alimento em casa, respondeu com sinceridade,

“é, mais ou menos”. Segundo ele, havia arroz e feijão, mas a falta do gás tornava tudo mais difícil. Manoel contou que chegou ao local por volta das duas horas da tarde e, até o início da noite, conseguiu arrecadar cerca de R\$ 50. “Dá para comprar uma mistura de amanhã”, disse, demonstrando maturidade precoce para alguém da sua idade. Mesmo sendo quase nove horas da noite, afirmou que voltaria para casa de ônibus. João, de 16 anos, também participava da venda. Diferente de Manoel, seu objetivo era juntar dinheiro para pagar custos relacionados ao futebol, esporte que ele sonha em seguir. Goleiro, João falou com entusiasmo sobre partidas, posições em campo e até sobre o desempenho recente do XV de Piracicaba. “Se eu estivesse lá, dava para fazer mais que o goleiro”, comentou, entre risadas e provocações típicas de quem ainda carrega a infância no olhar. Já Igor, o mais novo do grupo, tem 13 anos. Ao ser questionado se gostava de ficar ali, foi firme: “Não estou pedindo dinheiro, estou vendendo”. Mesmo assim, quando perguntado sobre o que realmente gostaria de

estar fazendo naquele momento, respondeu sem hesitar, jogar bola.

O que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei Federal nº 8.069/1990, estabelece que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e devem ter prioridade absoluta na garantia de condições dignas de vida. Entre os direitos assegurados pelo ECA, estão: o direito à vida e à saúde; à alimentação adequada; à educação; ao lazer, à cultura e ao esporte; à convivência familiar e comunitária; e à proteção contra qualquer forma de exploração econômica ou trabalho infantil. O trabalho de crianças e adolescentes é permitido apenas na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos, desde que não prejudique a frequência escolar, o desenvolvimento físico e psicológico, nem exponha o menor a riscos, como o trabalho em vias públicas, especialmente à noite e sob chuva. Por outro lado, o ECA também estabelece deveres, como: frequentar a escola; respeitar pais, responsáveis e autoridades; zelar

pelo patrimônio público e privado; e desenvolver-se de forma saudável dentro das normas de convivência social. A situação vivida por Igor, João e Manoel evidencia uma realidade que vai além da vontade individual das crianças. Trata-se de um reflexo da vulnerabilidade social que atinge muitas famílias, onde a necessidade fala mais alto que a legislação. A presença de crianças em semáforos, especialmente em horários noturnos e sob condições climáticas adversas, acende um alerta para o poder público e para a sociedade. O ECA é claro ao afirmar que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Estado assegurar, com absoluta prioridade, os direitos das crianças e dos adolescentes. Mais do que julgamentos, a cena observada no cruzamento das avenidas Independência e Saldanha Marinho pede reflexão, políticas públicas eficazes e ações concretas de proteção social. Porque nenhuma criança deveria trocar a brincadeira, o estudo e os sonhos por um semáforo vermelho em uma noite chuvosa.

Pane na ETA Capim Fino provoca desabastecimento em Piracicaba

Por RENATA PERAZOLI
Jornalista da redação de O Democrata

A cidade de Piracicaba enfrentou, desde a última terça-feira (13), uma série de problemas no abastecimento de água em razão de uma pane elétrica na casa de bombas da Estação de Tratamento de Água (ETA) Capim Fino, uma das principais responsáveis pela distribuição no município. A falha afetou diversos bairros e chegou a comprometer o funcionamento de equipamentos públicos e eventos de grande público. Um dos episódios mais emblemáticos ocorreu na noite de quarta-feira (14), durante o jogo do XV de Piracicaba no Estádio Barão de Serra Negra, no bairro Alto, quando não havia água nos banheiros, impossibilitando o uso de descargas sanitárias e gerando desconforto aos torcedores. Em resposta aos questionamentos, o Serviço Municipal de Água e Esgoto (Semaes) informou que as equipes concluíram os trabalhos de manutenção às 21h de quarta-feira (14/01). A pane elétrica exigiu a troca de cabos de energia na casa de bombas da ETA Capim Fino, o que demandou intervenções emergenciais ao longo do dia. Com a finalização dos serviços, o abastecimento de água para a Estação Elevatória de Água Tratada (EEAT) Marechal e a EEAT Vila Rezende foi restabelecido ainda na noite de quarta-feira, passando a ocorrer de forma gradativa em todas as regiões atendidas. A exceção foi a área abastecida pela EEAT Cecap, cuja retomada ocorreu somente a partir do meio-dia desta quinta-feira (15). Segundo o Semaes, a previsão de normalização completa do sistema deve ter ocorrido ontem (16).

Até a tarde de quinta-feira (15), algumas regiões ainda apresentavam abastecimento prejudicado, entre elas: Cecap / Eldorado, Santa Rita, Taquaral, Unimep e Cidade Judiciária. O Semaes reforça que, mesmo após o religamento das bombas, a recuperação dos reservatórios ocorre de forma gradual, o que pode provocar oscilações temporárias no fornecimento.

Atendimento emergencial com caminhões-pipa

Desde o início da ocorrência, na terça-feira (13), o Semaes destinou 15 caminhões-pipa para atendimento de serviços essenciais, como hospitais, escolas públicas, unidades de saúde, Fundação Casa e o Centro de Detenção Provisória (CDP). Ainda nesta quinta-feira, a autarquia informou que mais oito caminhões-pipa seriam incorporados à operação. Cada caminhão possui capacidade de até 20 mil litros de água, e o atendimento é feito mediante solicitação pelos canais oficiais da autarquia, pelo telefone 115. De acordo com o Semaes, o abastecimento foi regularizado por volta do meio-dia desta quinta-feira (15) na UBS Caxambu e na UBS Piracicamirim. Já nas USFs Cecap, Eldorado 1 e Eldorado 2, além da UBS Cecap, apesar do fornecimento prejudicado, não houve interrupção no atendimento à população. Enquanto o sistema se recupera completamente, o Semaes pede a compreensão dos moradores e orienta a economia de água, especialmente para aqueles que possuem caixas de reservação, de forma a manter o abastecimento interno até a



Troca de cabos de energia elétrica para recuperar a ETA - Foto: Divulgação

normalização total da rede. A situação atualizada do abastecimento pode ser acompanhada na página do Semaes, na aba “Situação do Abastecimento”, que informa regiões afeta-

das por manutenções programadas ou emergenciais. Canais de atendimento: **• WhatsApp 24h: (19) 3403-9608**
• Central 24h: 0800 772 9611
• Disque 115 (telefone fixo)

Condenado por abuso sexual de menores é preso na Itália com apoio da GCM de Piracicaba

Após anos foragido e incluído entre os criminosos mais procurados pelas autoridades brasileiras, um homem foi finalmente capturado pela polícia italiana em uma operação que contou com o apoio da Guarda Civil Metropolitana (GCM) de Piracicaba. As investigações tiveram início graças à atuação de um guarda-civil piracicabano, atualmente em afastamento e residindo na Itália. O agente desconfiou de informações fornecidas pelo foragido durante contatos pessoais e, diante das inconsistências, comunicou os fatos à GCM. A corporação deu sequência às averiguações e acionou os órgãos competentes. O detido é um brasileiro natura-

lizado italiano, de 41 anos, condenado a 20 anos de prisão por abuso sexual de menores, crimes cometidos entre 2012 e 2018 no interior de São Paulo. Segundo as autoridades, ele se aproveitava de vínculos familiares para se aproximar das vítimas. À época, os casos causaram grande comoção nacional, e a sentença foi proferida pelo Tribunal Penal do Distrito de São Paulo. No entanto, o condenado conseguiu escapar da Justiça e passou a viver como fugitivo internacional. Após a análise das informações e contato com a Delegacia da Polícia Federal em Piracicaba, a comarca responsável pela emissão do

mandado de prisão solicitou sua inclusão na lista de procurados da Interpol. A partir daí, o caso passou a ser acompanhado pelo Serviço Internacional de Cooperação Policial, em articulação com a Polícia Italiana (SCO) e a Esquadra Volante de Turim, dentro do Projeto Procurado. Os investigadores monitoraram os deslocamentos do fugitivo por semanas, utilizando técnicas de vigilância e cruzamento de dados, até confirmarem sua localização na região do Piemonte. O desfecho ocorreu em 30 de dezembro de 2025, quando o homem foi encontrado no estacionamento de um supermercado em Cuornè. A prisão aconteceu sem resistência, e ele foi enca-

minhado ao presídio de Ivrea. Atualmente, o detido permanece à disposição da Procuradoria-Geral da República junto ao Tribunal de Apelações de Turim, responsável pelos trâmites do processo de extradição ao Brasil. “Essa prisão evidencia a eficácia da cooperação entre forças de segurança nacionais e internacionais no combate a crimes graves, especialmente aqueles cometidos contra crianças e adolescentes, e reforça que a fuga não garante impunidade, mesmo além das fronteiras nacionais”, destacou o comandante da Guarda Civil Metropolitana de Piracicaba, Marcos Pavanello Rodrigues.

Semana em Piracicaba terá chuvas e sol predominante a partir de terça-feira

A previsão do tempo para Piracicaba nos próximos sete dias aponta uma semana de transição entre instabilidade e dias mais firmes de sol. No sábado e domingo, o cenário segue marcado por pancadas de chuva intercaladas com períodos de céu nublado, mantendo as máximas próximas de 30 °C e mínimas em torno de 20 °C.

Na segunda-feira, a instabilidade ganha força novamente, com previsão de chuva mais intensa e acumulados significativos, o que exige atenção da população para possíveis alagamentos e transtornos. As temperaturas ficam mais amenas, com máxima de 27 °C e mínima de 19 °C. A partir de terça-feira, o tempo começa a se estabilizar. O sol vol-

ta a aparecer entre nuvens, e as temperaturas caem ligeiramente, registrando mínima de 16 °C e máxima de 24 °C. Na quarta-feira, o clima se mantém agradável, com céu parcialmente nublado e termômetros entre 16 °C e 25 °C. Já na quinta-feira, o sol predomina, elevando a máxima para 28 °C e a mínima para 18 °C, indicando

um fechamento de semana mais estável e propício para atividades ao ar livre. Em resumo, Piracicaba terá um início de semana marcado por chuvas e alertas de tempestade, mas a partir de terça-feira o tempo se firma gradualmente, trazendo dias de sol e temperaturas mais confortáveis.



REPÓRTER EM AÇÃO

NAS RUAS DA CIDADE

Por **FERNANDO VIEIRA**



Envie sugestão de pautas, reclamações, flagrantes e denúncias para a coluna “Repórter Em Ação Nas Ruas da Cidade” de O Democrata.

Nosso WhatsApp:
(19) 98228-3663

Buraco na rua



Moradores do bairro Bosque da Água Branca procuraram a coluna Repórter EM AÇÃO”, de O Democrata, para relatar a existência de um buraco na rua Leogildo Salvagni, próximo ao número 644, em Piracicaba. Segundo os relatos, o problema permanece no local há várias semanas e tem se agravado com as chuvas registradas no período. A água acumulada dificulta a visualização do buraco, principalmente durante a noite ou em dias de chuva, o que aumenta o risco para motoristas, motociclistas e ciclistas que circulam pela região. Olha ai, Prefeitura. Fica o alerta. Quando irão arrumar?

Remoção de galhos



Moradores cobram ação da prefeitura na rua General Góes Monteiro, na altura do número 466, no bairro Jardim Elite, na região Sul da cidade. Um amontoado de galhos precisam ser removidos urgentemente da via pública.

Desabastecimento de água em Piracicaba



Moradores de Piracicaba sofreram com a falta d’água e precisaram comprar galões para uso diário. Nos últimos 3 dias, vários bairros enfrentaram o problema. A coluna “Repórter EM AÇÃO”, de O Democrata, recebeu muitas reclamações de moradores do Jardim Elite. Ainda segundo os denunciante, o problema seria devido a uma pane elétrica na Estação de Tratamento de Água (ETA) do Capim Fino, que estaria atingindo diversos bairros da cidade.

Mato alto em Piracicaba



Moradores da região leste de Piracicaba e frequentadores do campo de futebol procuraram a coluna “Repórter EM AÇÃO”, de O Democrata, para relatar a situação de zeladoria do espaço público localizado na rua Álvaro Corrêa de Toledo, na altura do número 80, no bairro Jardim Ipanema. Segundo os relatos recebidos pela reportagem, a vegetação do campo está sem manutenção.

Reclamação no Nova América



Moradores do bairro Nova América procuraram a coluna para relatar o acúmulo de galhos no canteiro central há mais de um mês, na avenida Antônio Fazanaro. Fica o alerta. Quando irão remover?

Problema no Higienópolis



Na rua Prof. Lauro Alves Catulé de Almeida, na altura do número 41, no bairro Higienópolis, em Piracicaba. Moradores do bairro Higienópolis, em Piracicaba, denunciam o que classificam como abandono total do poder público e a falta de serviços básicos na região.

Mais galhos



Galhos no canteiro central da Avenida Antônio Fazanaro. Moradores reclamam de falta de ação de zeladoria urbana na ruas da cidade de Piracicaba.

Moradores estão na bronca. E com razão...



No Centro de Lazer, Ginástica e Playgrounds, localizado na rua Jacques de Andrade, 104, no bairro Nova América, a situação é preocupante. O mato alto coloca em risco a vida de famílias inteiras, especialmente considerando que é um espaço frequentado por crianças. Olha ai, prefeitura. Fica o alerta. Quando irão capinar?

Mato alto toma conta de avenidas em Piracicaba



Municípios cobram ações de zeladoria urbana (capinação e remoção de galhos) nas avenidas Antônio Fazanaro e Prof. Alberto Vollet Sachs, na região Sul da cidade de Piracicaba.

Descarte irregular



De novo. Descarte irregular de móveis nas ruas da cidade. O flagrante agora é na rua 13 de Abril, na altura do número 640, no Jardim Prezotto, na região Leste da cidade.

Buraco na sarjeta



Escoamento de água pluvial comprometida na 13 de Abril, na altura do número 640, no bairro Jardim Prezotto.

Mais descartes irregulares



Descarte irregular de resíduos sólidos em calçada, localizada na Rua Ernani Braga, próximo ao número 510, no bairro Jardim Caxambu.

Cratera aberta em Piracicaba



Uma cratera se abriu na rua Riachuelo, na altura do número 1291, no bairro Alto. Moradores alertam motoristas e motociclistas para evitar riscos de acidentes no local. Segundo relatos recebidos, o buraco tem aumentado com as fortes chuvas que atingiram Piracicaba. Fica o alerta.

Perigo no Água Branca



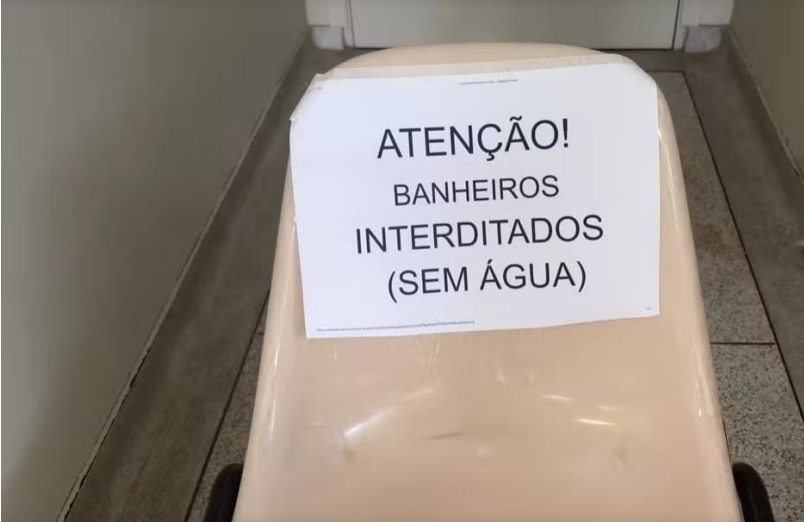
Moradores do Bosque da Água procuraram a coluna “Repórter EM AÇÃO”, de O Democrata, para relatar a existência de um buraco na rua João Francisco de Oliveira, na altura do número 259. Olha ai, Prefeitura. Fica o alerta. Quando irão arrumar?

Abandono em praça



Moradores reclamam de mato alto na Praça Thereza Razera Camuzzi, na rua Frei Luiz Maria de São Tiago, 275, no bairro Nova América, em Piracicaba. O que você acha?

Falta de água atinge a Saúde



Desabastecimento em Piracicaba atinge postos e paralisa procedimentos básicos. Banheiros interditados na UBS do Caxambu, os atendimentos foram realizados, mas os pacientes não puderam utilizar os banheiros. Nossa reportagem ouviu muitos relatos de munícipes revoltados. “É um absurdo, né? Como uma unidade de saúde não tem água nem no banheiro? E a higiene? Isso sendo uma unidade de saúde. Onde fica a prefeitura numa situação dessa?

REGIÃO METROPOLITANA

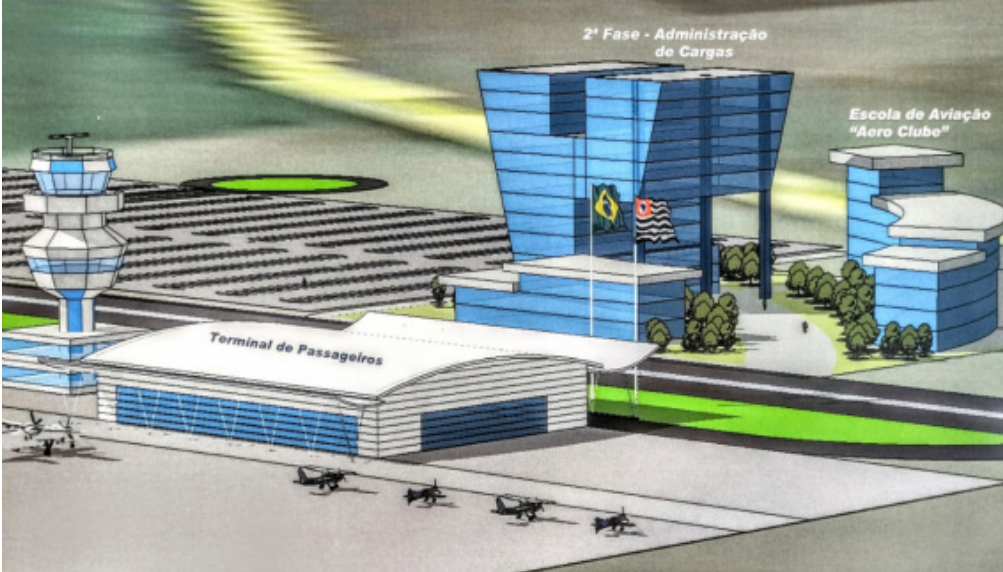
Aeroporto regional pode impulsionar a região

Já está em fase final de elaboração o projeto para a construção de um aeroporto regional em nossa cidade. Ele ficará na estrada que liga a Piracicaba a Rio Claro e existem muitos detalhes definidos. Entre eles, um aporte do PAC, Programa de Aceleração do Crescimento.

Por ADOLPHO QUEIROZ
Jornalista da redação de O Democrata



Área à esquerda, localizada próxima ao pedágio de Piracicaba a Rio Claro, sinalizada na foto, já está definida



Maquete, com projeção das áreas administrativa e de carga, terminal de passageiros e uma pista de 2.300 metros

O ex-prefeito de Rio Claro, Du Altimari esteve em Piracicaba recentemente e participou de reunião com o diretor de A Tribuna Piracicabana, Evaldo Vicente. Na ocasião, ele que está lutando pelo projeto do Aeroporto Regional desde 2012, apresentou detalhes sobre a situação atual do projeto, que tramita no Ministério dos Portos e Aeroportos em Brasília. Para sua execução, há recursos do PAC, Plano de Aceleração do Crescimento, já destinados, em torno de R\$ 100 milhões de reais. O PAC destina recursos para obras de alcance regional. A área escolhida para sua localização fica na rodovia que liga Piracicaba a Rio Claro entre o distrito de Tanquinho e de Assistência em Rio Claro. De quem vai de Piracicaba a Rio Claro, a esquerda, nas proximidades do pedágio que existe na região. Recentemente os prefeitos de Rio Claro, Gustavo Periscinoto e o de Piracicaba, Hélio Zanata, estiveram no Ministério, tratando do assunto. Houve também, uma reunião virtual. Os prefeitos conheceram os estudos para a definição de área onde poderá ser construído o aeroporto regional de

Rio Claro. Os documentos foram apresentados em reunião on-line, que teve a participação de representantes do Ministério de Portos e Aeroportos, Secretaria Nacional de Aviação Civil, Instituto Tecnológico de Aeronáutica e da Universidade Federal de Santa Catarina, que fará os projetos executivos. No Estado de São Paulo está sendo concluído o aeroporto de Olimpia; na Serra Gaúcha, o de Vila Oliva, ambos com alcance regional.

CONSÓRCIO E AQUISIÇÃO DA ÁREA

Altimari também comentou com a reportagem da Tribuna sobre a questão da desapropriação da área e a formação de um consórcio intermunicipal. Em 2012 quando eram Prefeitos de Rio Claro Du Altimari e em Piracicaba Barjas Negri , e as duas cidades foram contempladas no Programa de Avião Regional da Presidente Dilma Rousseff segundo Altimari “abrimos mão para um projeto de Aeroporto Regional que se localizava entre Rio Claro , Piracicaba e Limeira , ao lado direito do pedágio (Fazenda Bertioga) vindo de Piracicaba em direção a

Rio Claro , depois de tudo em andamento o projeto foi interrompido na fase de sondagem da área ,por impedimento do proprietário autorizar a entrada ao local o que inviabilizou o mesmo” disse Altimari. Agora em 2024 o projeto de aeroporto regional foi novamente retomado pelos Prefeitos de Rio Claro, Gustavo Periscinoto e de Piracicaba Helinho Zanata e para o andamento, é preciso do decreto de utilidade (DUP) ser publicado para novamente dar início ao projeto executivo, pois precisa das licenças ambientais da área, bem como referendar o estudo de espaço aéreo pelo Cindacta que anteriormente já havia sido aprovado na área anterior. Depois desta etapa, entra o processo de desapropriação da área, que tem que ser feita pelas cidades de Piracicaba e Rio Claro onde está localizada a pista ou pelo Governo do Estado. Na sequência o da desapropriação entra a etapa da construção do Aeroporto Regional da Região Metropolitana de Piracicaba, que vai ser feita pelo Governo Federal num montante de aproximadamente 100 milhões de reais. Importante ressaltar que este in-

vestimento pelo governo federal só vai ser feito por ser um projeto regional, se fosse para uma cidade individualmente isso não aconteceria. Depois de pronta a construção, vem a gestão do mesmo, que a sugestão é um consórcio entre os 24 municípios que compõem a Região Metropolitana de Piracicaba. Agora estamos na fase onde as cidades de Piracicaba e Rio Claro tem que fazer o decreto de utilidade pública (DUP), já que o ITA indicou e fez o estudo da área. Além da visita ao diretor da Tribuna, Altimari esteve em Piracicaba recentemente, onde concedeu entrevista ao programa “Os Comentaristas”, da rádio Educadora, sob o comando de Jairinho Mattos e, em outra ocasião, compareceu à Tribuna Popular da Câmara Municipal, informando os atuais vereadores sobre a situação do projeto. Como desdobramento de sua presença, a Câmara vota, no início pós recesso, a criação de uma frente parlamentar, proposta pelo vereador Fábio Silva, do Republicanos, para entender a dimensão do projeto e de que forma Piracicaba pode colaborar para o seu êxito.

Capivari realiza mapeamento preventivo em áreas de risco

Da Redação

A Prefeitura de Capivari, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social, da Vigilância Socioassistencial, dos CRAS e CREAS e da Defesa Civil, realizou no último mês de dezembro um mapeamento preventivo das residências localizadas em áreas que historicamente registram episódios de alagamento no município. A ação teve caráter exclusivamente preventivo e teve como principal objetivo atualizar os dados das famílias residentes nessas localidades, garantindo que o município mantenha um diagnóstico territorial atualizado e qualificado. “O levantamento vai permitir que, em situações emergenciais futuras, as equipes públicas possam atuar de forma mais rápida, organizada e eficiente, assegurando proteção

e orientação à população”, explica Luciana Amaral, secretária de Desenvolvimento Social de Capivari. No total, as equipes realizaram visitas em 630 residências, sendo que 62% das casas estavam com moradores presentes no momento da abordagem. Em todas as residências visitadas, em que não foi possível contato direto, foi deixado um panfleto orientativo, informando sobre a ação e solicitando que os moradores procurem o CRAS para atualização cadastral. O mapeamento contemplou os seguintes bairros e vias do município: Moreto, Padovani, Residencial Santo Antônio, Jardim Elisa, Ponte Santoro, rua Tiradentes, Avenida Brigadeiro Faria Lima, Nova Aparecida, Vila Fátima, Santa Rita do

Trevo, Cancian, Ribeirão, Juventus, Flamboyant e Vila Balan.

Resultados positivos

Os resultados da ação no último mês já estão sendo sentidas no dia a dia. Desde a realização da ação, as unidades do CRAS têm registrado maior procura da população, tanto presencialmente quanto por telefone, para o preenchimento dos formulários e complementação das informações, demonstrando o engajamento e a colaboração dos moradores com a iniciativa. A Vigilância Socioassistencial destaca que o mapeamento territorial é uma ferramenta estratégica para o planejamento das políticas públicas de Assistência Social, permitindo identificar vulnerabilidades,

organizar fluxos de atendimento e fortalecer ações preventivas, especialmente em territórios sujeitos a riscos ambientais. A Prefeitura de Capivari reforça que as equipes que realizam essas ações estão devidamente identificadas.



As equipes realizaram visitas em 630 residências, sendo que 62% das casas estavam com moradores presentes no momento da abordagem - Foto: Divulgação

Limeira realiza plantão com multivacinação e drive-thru

Da Redação

A Secretaria de Saúde de Limeira realiza neste sábado (17) mais um Plantão de Vacinação, com atendimento à população em dois pontos distintos: a Unidade Básica de Saúde (UBS) Nossa Senhora das Dores 1 e o sistema drive-thru do Parque Cidade. A ação acontece das 8h às 13h e tem como objetivo ampliar o acesso à imunização e facilitar a proteção contra diversas doenças. Na UBS das Dores 1, localizada na Avenida Frei João das Mercês, 50, será realizada a multivacinação, incluindo a aplicação de doses contra a gripe. Já no drive-thru do Parque Cidade, ao lado da pista de skate, estarão disponíveis vacinas contra dengue, covid-19, gripe e febre amarela. O acesso de veículos deve ser feito pelo Portão A, na Via Antônio Cruães Filho, s/nº. Para receber as vacinas, é necessário apresentar documento pessoal com foto, Cartão SUS, comprovante de endereço e Carteira de Vacinação. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais. A vacina contra a gripe está liberada para toda a população a partir dos seis meses de idade. Já a vacina contra a dengue é indicada para crianças e adolescentes de 10 a 14 anos. No caso da covid-19, o imunizante é destinado a gestantes, pessoas imunocom-



A iniciativa reforça o compromisso de Limeira com a prevenção e o cuidado com a saúde pública - Foto: Divulgação

prometidas e idosos com 60 anos ou mais, que devem receber uma dose a cada seis meses. Crianças de 6 meses a 4 anos, 11 meses e 29 dias devem completar o esquema com duas doses, com intervalo de quatro semanas. Pessoas de 5 a 59 anos, sem comorbidades e já vacinadas anteriormente, não precisam receber novas doses, exceto os grupos especiais, como profissionais da saúde, pessoas com deficiência permanente, co-

morbidades, povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pessoas em situação de rua, puérperas, privados de liberdade, trabalhadores do sistema prisional, adolescentes e jovens em medidas socioeducativas, além de funcionários dos Correios. A vacina contra a febre amarela é indicada para crianças a partir de 9 meses que ainda não foram vacinadas ou não completaram o esquema de duas doses, pesso-

as que receberam apenas uma dose antes dos 5 anos de idade, pessoas que não sabem se já foram imunizadas e pessoas com 60 anos ou mais, mediante apresentação de recomendação médica por escrito. A iniciativa reforça o compromisso da Secretaria de Saúde de Limeira com a prevenção e o cuidado com a saúde pública, oferecendo alternativas acessíveis e seguras para a imunização da população.

Projeto Viveiro une educação ambiental e sustentabilidade em Águas de São Pedro

A Prefeitura de Águas de São Pedro, por meio da Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (SSUMA), está desenvolvendo o Projeto Viveiro – Educação Ambiental, uma iniciativa que integra preservação ambiental, educação e participação comunitária. O projeto tem como objetivo principal a produção de mudas de espécies nativas, aliada à formação ambiental de alunos, munícipes e diversos setores da sociedade. Uma vez implementado, o projeto levará o nome de Viveiro – Águas das Árvores. A previsão é que as ações comecem junto com o início do período escolar de 2026. O projeto envolve uma metodologia completa que vai desde o mapeamento de espécies necessárias para o município até a expedição das mudas para ações de arborização urbana, áreas de preservação ambiental (APAs) e projetos ambientais da comunidade. A proposta se desenvolve em várias etapas integradas. Nas áreas externas, são realizadas atividades de coleta de sementes, com a participação de alunos acompanhados por professores e biólogos, promovendo o aprendizado sobre espécies nativas, endêmicas e exóticas, além da conservação da biodiversidade. Já no laboratório da escola, ocorrerá a triagem e, após o armazenamento, será criado um herbário municipal. O Mini Horto e a fase que inclui entidades reforçam o caráter educativo do projeto, envolvendo os estudantes na



Fachada do Horto de Águas de São Pedro - Foto: Divulgação

preparação do substrato, semeadura, germinação, envase e rustificação das mudas. Nesta fase também haverá interação e colaboração da Melhor Idade de Águas de São Pedro. Nesses momentos, temas como sustentabilidade, uso consciente da água, reaproveitamento de materiais, captação de água da chuva e controle da dengue são trabalhados de forma transversal no ambiente escolar. Na etapa final, as mudas seguem para o Bosque Municipal, onde passam por envases maiores, acompanhamento de crescimento e classificação de acordo com critérios técnicos para posterior distribuição. O projeto também aborda eixos pedagógicos ligados ao ar e ao fogo, discutindo poluição atmosférica, queimadas e seus impactos ambientais, ampliando a consciência ecológica dos participantes. Além do aspecto educacional, o Projeto Viveiro conta com uma estrutura de gestão e administração que envolve a SSUMA e a Secretaria de Educação. Estão previstos investimentos em infraestrutura, como isolamento da área do bosque, bancadas, sistema de armazenamento ou captação de água, garantindo a sustentabilidade do viveiro a longo prazo. Com essa iniciativa, Águas de São Pedro reafirma seu compromisso com o meio ambiente e com a formação de cidadãos mais conscientes, transformando o viveiro em um verdadeiro espaço de aprendizado, preservação e construção de um futuro mais verde para a cidade.

rica, queimadas e seus impactos ambientais, ampliando a consciência ecológica dos participantes. Além do aspecto educacional, o Projeto Viveiro conta com uma estrutura de gestão e administração que envolve a SSUMA e a Secretaria de Educação. Estão previstos investimentos em infraestrutura, como isolamento da área do bosque, bancadas, sistema de armazenamento ou captação de água, garantindo a sustentabilidade do viveiro a longo prazo. Com essa iniciativa, Águas de São Pedro reafirma seu compromisso com o meio ambiente e com a formação de cidadãos mais conscientes, transformando o viveiro em um verdadeiro espaço de aprendizado, preservação e construção de um futuro mais verde para a cidade.

Cordeirópolis prorroga pagamento da primeira parcela do IPTU

A Prefeitura de Cordeirópolis prorroga o vencimento da primeira parcela do IPTU 2026, bem como do pagamento à vista com desconto. A medida está prevista em decreto assinado pela prefeita Cristina Saad e atende a uma solicitação dos vereadores Paulo César Morais, Vilson Caleffi, Valmir Sanches, Cícero da Silva Saraiva, Deize Bettin, Sidnei Gambaro e Rozimar Rodrigues. O novo prazo é 30 de janeiro de 2026. As demais parcelas permanecem com os vencimentos já estabelecidos, todo dia 15. Segundo o departamento Tributário, o pagamento pode ser feito via bancos conveniados – internet ou caixa eletrônico e nas casas lotéricas. No site da prefeitura (www.cordeirópolis.sp.gov.br) é possível emitir a segunda via do tributo municipal.

Rio Claro inicia venda de ingressos para o desfile de carnaval

Da Redação

Rio Claro iniciou a venda de ingressos para os desfiles das escolas de samba no carnaval 2026, que serão realizados dos dias 14, 15 e 17 de fevereiro. Os ingressos podem ser comprados no Mercado Municipal, na Rua 8 com a Avenida Visconde, ou na Casa Amarela, localizada na Avenida 5 com Rua 1. O pagamento deve ser feito exclusivamente em dinheiro. Os preços dos ingressos variam de acordo com os setores, podendo ser de arquibancadas, camarotes, frisas ou no Espaço Festa da Cidade. No Mercado, as vendas serão realizadas às terças e quartas-feiras das 10h às 14h; às quintas e sextas-feiras das 10h às 14h e das 18h às 21h; e aos sábados, das 9h às 16h. Na Casa Amarela as vendas são de segunda a sexta-feira das 9h às 19h e aos sábados das 9h às 13h. “Colocamos várias opções de horários para facilitar o acesso da população aos ingressos”, afirma o secretário municipal de Turismo, Guilherme Pizzirani. Os ingressos de arquibancadas nos setores Azul, Amarelo e Laranja custam 10 por noite, mais um pacote de absorvente íntimo. Outra opção é pagar R\$ 15,00 mais um pacote de absorvente pelas três noites. Os absorventes serão entregues ao Fundo Social de Solidariedade que fará distribuição para mulheres que precisam de auxílio.



Rio Claro tem um dos carnavais mais tradicionais do interior do estado de São Paulo - Foto: Divulgação

O carnaval de Rio Claro terá dois tipos de camarotes. O camarote Capital da Alegria, com arquibancada coberta, acesso à praça de alimentação, bar e sanitários exclusivos, massagem, maquiagem e DJs todas as noites. Nesses, os ingressos por noite custam R\$ 50,00 e o pacote para três noites R\$ 120,00. No camarote Festa Solidária, que tem praça de alimentação, bar e sanitários exclusivos, massagem e maquia-

gem todas as noites, os ingressos custam R\$ 40,00 por noite e R\$ 100,00 para três noites. As frisas, espaços junto à pista de desfiles, serão vendidas com 15 lugares e os preços variam de acordo com o setor. No setor Amarelo o pacote para três dias com duas vagas de estacionamento de veículos custa R\$ 2.500,00 e, sem estacionamento, R\$ 2.000,00. No setor Laranja, o pacote para três dias nas frisas custa R\$ 2.000,00.

Os desfiles das escolas de samba de Rio Claro também poderão ser assistidos gratuitamente. Cinco mil lugares foram reservados no Espaço Festa da Cidade, com acesso à praça da alimentação bar e sanitários. O local também terá espaço inclusivo, com 100 vagas para pessoas com deficiência e acompanhantes. Os interessados em ocupar o espaço inclusive devem fazer cadastramento prévio.

Araras se destaca em ranking nacional de abertura de empresas

O município de Araras alcançou a 204ª colocação entre as 5.569 cidades brasileiras segundo o Ranking de Competitividade dos Municípios, elaborado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), que avaliou o ano de 2025. O destaque foi o indicador relacionado ao tempo de abertura de empresas. A posição representa um avanço expressivo de 127 posições em relação ao último ranking divulgado, de 2023. No cenário regional, o município ocupa a 40ª colocação no Sudeste, subindo 84 posições, e figura na 12ª posição no Estado de São Paulo, com uma evolução de 31 colocações. “Os resultados evidenciam os esforços do município na modernização de processos, desburocratização e incentivo ao ambiente de negócios, contribuindo para maior agilidade na formalização de em-



No cenário regional, o município ocupa a 40ª colocação no Sudeste, subindo 84 posições, e figura na 12ª posição no Estado de São Paulo - Foto: Divulgação

presas e fortalecimento da economia local”, afirma o secretário de Desenvolvimento Econômico, Marcos Zurita. Também em 2025, o município recebeu o Selo Bronze do programa

FacilitaSP, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo que reconhece e incentiva práticas voltadas à simplificação administrativa e ao estímulo do ambiente de negócios.

São Pedro recebe a Primeira Mostra de Cinema Caipira

A Estância Turística de São Pedro recebe, nos próximos dias 17 e 18 de janeiro (sábado e domingo), no Espaço Artístico Clarice Zezza Matarazzo, a Primeira Mostra de Cinema Caipira de São Pedro. Com apoio da Prefeitura de São Pedro, a mostra é uma realização da “Já Viu? Filmes” e reunirá três produções audiovisuais, produzidas no interior paulista, que celebram as histórias, memórias e culturas que atravessam a região. Na ocasião, serão exibidos três

documentários: “Benzadeus”, filme premiado e dirigido por Fabiano Liporoni, que registra a memória das benzedadeiras e benzedores de São Pedro; “Corda de Barro: Notas e Tons no Caminho da Sustentabilidade”, um média-metragem dirigido por Ricca Santana que acompanha a trajetória da banda Corda de Barro e que faz da música uma ponte entre arte, ecologia e consciência ambiental; e “Caipiras nas Telas”, de Gustavo Padovan, que acompanha o

nascimento de produções cinematográficas na cidade de Campinas. Os três cineastas confirmaram presença no evento. Além das exibições, a Primeira Mostra de Cinema Caipira de São Pedro irá promover a roda de conversa “Desenvolvimento de Documentário Multiplataforma”, ministrada por Gustavo Padovan. O objetivo é capacitar historiadores, artistas e pesquisadores a trabalharem com ciência e arquivos na criação de obras audiovisuais inovadoras e de alta qualidade.

Saltinho tem programa do Sebrae para melhorar rendimento das empresas

Empresários de Saltinho que possuem micro e pequenas empresas dos setores de indústria, comércio e serviços têm uma excelente oportunidade para fortalecer seus negócios. Estão abertas, até o dia 30 de janeiro, as inscrições para o Programa ALI Produtividade – Brasil Mais Produtivo, uma iniciativa do Sebrae que oferece acompanhamento gratuito e personalizado para melhorar a gestão e os resultados das empresas. O programa tem como objetivo identificar os principais desafios de cada negócio e apoiar a implantação de soluções práticas para aumento de faturamento e produtividade. O acompanhamento ocorre entre os meses de janeiro e junho, com a realização de 10 encontros individuais, conduzidos por um Agente Local de Inovação (ALI) — profissional capacitado e acompanhado pelo Sebrae durante todo o processo. Os resultados comprovam a eficácia da iniciativa: empresas participantes registram, em média, crescimento de 11% no faturamento e 22% na produtividade após seis meses de acompanhamento. A participação é gratuita e exclusiva para micro e pequenas empresas. As Inscrições podem ser realizadas até o dia 30 de janeiro pelo link: <https://forms.cloud.microsoft/r/iSm5UPxmQX>

ARTICULAÇÃO

Área do Zoológico pertence à USP e uso pela Prefeitura depende de nova regularização

Apesar de ser conhecido como patrimônio da cidade, o Zoológico Municipal de Piracicaba está instalado em área que pertence oficialmente à Universidade de São Paulo (USP). A ocupação pela Prefeitura decorre de uma concessão firmada em 1974, já vencida, e hoje carece de regularização jurídica.

Da Redação

A área ocupada pelo Zoológico Municipal de Piracicaba pertence oficialmente à Universidade de São Paulo (USP) e não integra o patrimônio do município. A informação foi confirmada pela diretoria da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP), por meio de sua assessoria de imprensa, em resposta a questionamentos feitos pelo jornal O Democrata sobre a situação jurídica do espaço. Mesmo assim, a Câmara Municipal de Piracicaba aprovou, em novembro de 2025, projetos de autoria do prefeito que autorizam a concessão à iniciativa privada do Zoológico Municipal e do Paraíso das Crianças, com prazo inicial de 25 anos. Houve questionamentos do Ministério Público sobre o cumprimento de acordos anteriores e o foco da concessão. De acordo com a USP, os registros patrimoniais da Universidade indicam claramente que o terreno onde está instalado o Zoológico Municipal é de sua propriedade. O uso do local pela Prefeitura de Piracicaba tem origem em uma concessão firmada ainda na década de 1970, quando o imóvel pertencia à Fazenda do Estado de São Paulo. Essa concessão de uso foi formalizada em 10 de dezembro de 1974 e autorizava a Prefeitura a utilizar parte da área exclusivamente para a instalação do Jardim Zoológico Municipal e do Parque da Criança. O instrumento estabelecia regras claras e restritivas: o terreno só poderia ser utilizado para essa finalidade específica, sendo vedada qualquer mudança de destinação ou transferência de posse, total ou parcial. O descumprimen-

to dessas condições implicaria a rescisão do contrato e a reversão imediata da posse ao concedente, sem direito a indenização ou retenção por benfeitorias realizadas. Outro ponto central do acordo diz respeito ao prazo. A concessão foi feita a título gratuito e pelo período de 20 anos, contados a partir da data de assinatura da escritura. Ao final desse prazo, o terreno deveria retornar automaticamente à posse do concedente, também sem qualquer direito à indenização pelas melhorias eventualmente realizadas no local. Segundo a USP, após o encerramento desse período, a área de fato retornou ao patrimônio da Universidade. Não houve, em nenhum momento, transferência definitiva do imóvel para a Prefeitura de Piracicaba nos termos da concessão firmada em 1974. Assim, do ponto de vista jurídico e patrimonial, o município não é proprietário da área, mas apenas usuário, sem que haja, atualmente, um instrumento plenamente regularizado que sustente essa ocupação. Apesar disso, a Universidade reconhece a relevância social do espaço. Em manifestação feita em 2010, a USP informou que não pretende utilizar a área para fins próprios e avalia que a permanência do uso pelo município traz benefícios à coletividade. Entre os pontos destacados estão os impactos positivos do zoológico para a educação ambiental, o lazer da população e o turismo local. Diante desse cenário, a USP admite a possibilidade de formalização de um novo instrumento de cessão de uso, que permitiria regularizar a situação do espaço. No entanto, a Universidade ressalta



Área do zoológico pertence oficialmente a Esalq/USP - Foto: Divulgação

que, em razão do tempo decorrido desde a última manifestação, será necessária uma nova análise do caso. Qualquer novo acordo dependerá do atendimento integral às exigências legais e ambientais atualmente vigentes. Sobre o andamento desse processo, a Esalq informou que a Prefeitura já apresentou parte da documentação exigida, especialmente aquela relacionada à regularidade junto a órgãos vinculados à Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais. No entanto, ainda existem pendências que precisam ser sanadas para que a instrução do processo seja considerada completa e a regularização efetivamente concluída, conforme as normas dos órgãos competentes. Em relação a outros aspectos jurídicos e administrativos, como

responsabilidades, prazos, modelo do instrumento a ser adotado e condições formais da cessão, a USP esclareceu que ainda não pode se manifestar de forma definitiva. Para isso, será necessária a consulta à Procuradoria Geral da Universidade, órgão responsável pela orientação e validação jurídica institucional. O posicionamento da Esalq reforça que a discussão sobre o Zoológico Municipal não envolve apenas a função social do espaço, mas também a necessidade de segurança jurídica e adequação às exigências legais e ambientais. Enquanto a regularização não é concluída, o tema segue como pauta relevante para o município, a Universidade e a população que utiliza e valoriza o zoológico como patrimônio ambiental e educativo de Piracicaba.

Vereador Bicheiro cobra esclarecimentos sobre crise no abastecimento de água em Piracicaba

O vereador Marco Bicheiro (PSDB) protocolou nesta semana um requerimento pedindo explicações ao Sema (Serviço Municipal de Água e Esgoto) sobre os recentes problemas de abastecimento que afetaram cerca de 30 bairros da cidade. Segundo o parlamentar, a população tem enfrentado dificuldades desde o dia 13 de janeiro, quando uma pane elétrica na casa de bombas da Estação de Tratamento de Água (ETA) Capim Fino interrompeu o fornecimento para a Estação Elevatória Marechal, comprometendo a distribuição em regiões como Cecap, Jardim Elite, Algodão e Vila Rezende. Apesar das promessas de normalização, moradores relataram que a falta de água persistiu por dias, geran-

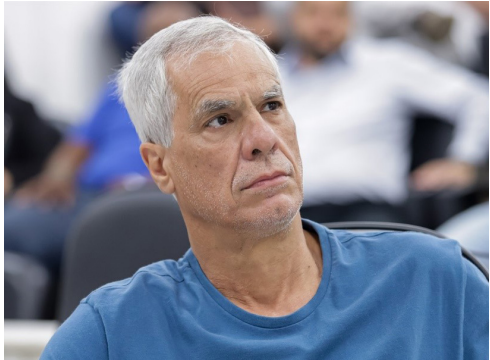
do indignação e transtornos. Bicheiro destacou que o problema não é pontual e já se repete em diferentes ocasiões, exigindo maior transparência da autarquia municipal. “A população merece respostas claras sobre os motivos da falha, os prazos para solução e as medidas que estão sendo tomadas para evitar que situações como essa voltem a ocorrer”, afirmou o vereador durante sessão plenária. O requerimento solicita informações detalhadas sobre:

- As causas técnicas da pane elétrica na ETA Capim Fino.
- O tempo previsto para a completa normalização do abastecimento.
- As ações emergenciais adotadas pelo Sema para minimizar os impactos.

- Os investimentos planejados para garantir segurança no sistema de distribuição.

A cobrança do vereador ocorre em meio a críticas de moradores e entidades civis, que apontam falhas recorrentes na gestão do abastecimento de água em Piracicaba. Em resposta preliminar, o Sema informou que equipes trabalham desde o dia da pane para restabelecer o fornecimento e que a normalização completa está prevista para ocorrer de forma gradativa. Para Bicheiro, além da solução imediata, é necessário discutir a modernização da infraestrutura hídrica da cidade. “Não podemos aceitar que milhares de famílias fiquem sem água por dias. É um serviço essencial e precisa ser tratado

com prioridade absoluta”, reforçou. O tema deve voltar à pauta da Câmara nas próximas sessões, com a expectativa de que o Sema apresente relatório técnico e cronograma de ações. Enquanto isso, moradores seguem cobrando respostas e medidas concretas para garantir o abastecimento regular.



O vereador Marco Bicheiro (PSDB) durante sessão na Câmara - Foto: Câmara de Piracicaba

Governo Helinho sofre duas baixas em uma semana

Por **RENATA PERAZOLI**
Jornalista da redação de O Democrata

A semana foi marcada por mudanças importantes no primeiro escalão do governo Helinho Zanatta (PSD), em Piracicaba. Em um intervalo de dois dias, a administração municipal confirmou a saída de dois integrantes estratégicos: o secretário municipal de Administração e Governo, João Victor Blasco, e o secretário-executivo de Meio Ambiente, Edson Marcus Bucci. Ontem, 16, João Victor Blasco pediu desligamento da Secretaria de Administração e Governo para tratar de questões particulares e se dedicar a novos projetos profissionais. Até que um novo nome seja definido, o chefe de Gabinete Executivo, Francisco Duarte, responderá interinamente pela Secretaria Municipal de Administração e Governo. Dois dias antes, na quarta-feira, 14/01, foi a vez do secretário-exe-

cutivo de Meio Ambiente, Edson Marcus Bucci, comunicar sua saída do governo municipal. O pedido de desligamento, segundo ele, foi motivado pela decisão de se dedicar a novos desafios profissionais na iniciativa privada. Segundo a Prefeitura, um novo nome para o Meio Ambiente deverá ser anunciado em breve. Nos bastidores da política local, as duas saídas já alimentam rumores sobre uma possível reorganização política no governo. Vereadores da base aliada do prefeito Helinho Zanatta estariam sendo cotados para assumir secretarias estratégicas, em um movimento que pode fortalecer a relação do Executivo com a Câmara Municipal e redesenhar o tabuleiro político da atual gestão. Até o momento, porém, não há confirmações oficiais sobre esses possíveis nomes.



Edson Marcus Bucci



João Victor Blasco

Bebel: vereadores do PL que invadiram a Apeoesp e responderão criminalmente

Por **VANDERLEI ZAMPAULO**

A segunda presidente da Apeoesp, a deputada estadual Professora Bebel (PT), considera inadmissível e inaceitável que um grupo de baderneiros ligados ao PL invada um espaço que não lhes pertence. Bebel se refere ao fato de dois vereadores do PL, Kleber Ribeiro (PL), do município de Guarulhos, e Eduarda Campopiano (PL), da cidade de Praia Grande, liderarem na tarde desta última quarta-feira, 14 de janeiro, invasão à sede da Apeoesp na Praça da República, em São Paulo, quando jogaram pés de frango nos funcionários. A deputada Professora Bebel diz que a invasão extrapola o campo do debate político e representa uma ameaça direta à democracia e à atuação sindical, deixando claro que a sede da Apeoesp é das professoras e dos professores. “Pessoas detentoras de cargos públicos, como o vereador e a vereadora do PL que lideraram esta inva-

são, estão desonrando a função que exercem e devem responder criminalmente pelos seus atos”, escreveu em suas redes sociais. Diante do episódio, a Apeoesp registrou Boletim de Ocorrência e exige a apuração completa dos fatos, além da responsabilização dos envolvidos. “Esses grupos colocam a nossa democracia em risco e por isso devemos estar sempre unidos para defendê-la”, diz. A invasão à sede da Apeoesp ocorre justamente na semana que a entidade completou 81 anos. A Apeoesp foi fundada em 13 de janeiro de 1945. “São 81 anos de organização, enfrentamento e conquistas que não cairam do céu: foram arrancadas com coragem, unidade, greves e muita luta na rua, sobretudo a partir de 1979, quando o movimento de oposição dos professores ganhou a diretoria da entidade e transformou, de fato, em uma entidade sindical”, diz Bebel.



A deputada Professora Bebel repudiou a invasão à sede da Apeoesp, em São Paulo - Foto: Divulgação

“Tenho orgulho, continua a Professora Bebel, de ter construído essa história junto com a categoria. Como professora, dirigente e militante, aprendi cedo que nenhum direito é permanente quando o poder decide atacar — e que só a luta coletiva é capaz de virar

o jogo. Parabéns à Apeoesp e a cada educadora e educador que faz da escola um espaço de dignidade e futuro. Seguimos, lado a lado, defendendo a educação e os direitos do nosso povo. Ontem, hoje e sempre: organizar, resistir e conquistar”, completa.

Deputada comemora descongelamento da contagem do tempo do funcionalismo

A deputada estadual Professora Bebel (PT), que também é segunda presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo), comemorou a decisão do presidente Lula de sancionar o Projeto de Lei Complementar 143/2020, que descongela o tempo de serviço na pandemia da covid-19. Para Bebel, a sanção deste projeto original protocolado pela então deputada e atual senadora Dorinha Seabra, “é uma grande vitória do funcionalismo público do Brasil”. Bebel se recorda que em 7 de março de 2023, entregou documento

ao presidente Lula solicitando o descongelamento, que agora passa a incidir sobre contagem para aposentadoria, quinquênios, sexta-parte e demais benefícios do funcionalismo público no país, que ficou congelado nos anos de 2020 e 2021. “A Lei aprovada autoriza entes federados a pagarem retroativos, enquanto que os estados e municípios dependerão de leis próprias”, explica. Na Indicação 106/2023, entregue ao presidente Lula, Bebel solicitou a presidente recém empossado à época, que garantisse a contagem do tempo de serviço dos anos de 2020 e 2021 para os servidores

públicos brasileiros, que havia sido congelado em função da pandemia da covid-19. O pedido da deputada Professora Bebel, que agora se concretizou, foi pela revogação do artigo 8º da Lei Complementar 173, de 27 de maio de 2020, para que o tempo de serviço possa voltar a ser computado para fins de promoções e evoluções na carreira, como concessão de adicionais e concessão de licença prêmio, entre outras vantagens decorrentes do tempo de serviço. “Obviamente que isso foi um descalabro, mas que seguia gerando efeito até os dias de hoje, com servidores injustiçados

por conta da sanha persecutória de um governo que já se findou”, ressalta.



Para Bebel, a sanção do projeto “é uma grande vitória do funcionalismo público

Cunhado de Vorcaro teve sociedade com parentes de Toffoli em resort no Paraná, aponta jornal

Da Redação

Segundo reportagem da Folha de São Paulo, o cunhado do banqueiro Daniel Vorcaro, controlador do Banco Master, manteve sociedade indireta com parentes do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Dias Toffoli em um resort localizado no Paraná. A relação empresarial teria ocorrido por meio de fundos de investimento utilizados na aquisição de participações no empreendimento turístico, o que reacendeu debates sobre possíveis conflitos de interesse, já que Toffoli é relator de processos no STF relacionados a investigações que envolvem o banco. De acordo com a apuração jornalística, Fabiano Zettel, cunhado de Vorcaro, foi cotista de fundos que compraram parte das ações pertencentes a familiares do ministro no resort Tayayá, situado no interior paranaense. A operação teria envolvido milhões de reais e foi estruturada por meio de fundos administrados por uma gestora que também aparece em investigações conduzidas pela Polícia Federal. Com a transação, Zettel passou a figurar como sócio indireto de irmãos e de um primo de Toffoli, ainda que o ministro não

tenha participação societária no empreendimento. As reportagens apontam que os investimentos ocorreram em um período em que o Banco Master e empresas ligadas à gestora dos fundos passaram a ser alvo de apurações no âmbito da chamada Operação Compliance Zero. Embora Toffoli não seja investigado e não tenha vínculo direto com o negócio, o fato de seus parentes terem integrado a sociedade levantou questionamentos sobre a necessidade de maior transparência e eventual impedimento do ministro em processos relacionados ao caso. Ainda segundo os relatos, a sociedade no resort não é mais mantida. As participações teriam sido vendidas posteriormente, encerrando o vínculo empresarial entre os fundos ligados ao cunhado de Vorcaro e os familiares de Toffoli. Em manifestações à imprensa, Zettel afirmou que atuou apenas como investidor, negou irregularidades e disse já ter se desligado do negócio. A defesa de Daniel Vorcaro, por sua vez, declarou que o banqueiro não teve conhecimento nem participação nas ope-



Vorcaro e Toffoli: ficou estranho

rações envolvendo o resort. O episódio passou a ser analisado por especialistas em direito e política como mais um exemplo da complexa relação entre interesses privados e o sistema de Justiça, especialmente quando envolve pessoas próximas a autoridades

com poder de decisão. Apesar de não haver, até o momento, comprovação de ilegalidade, o caso intensificou o debate público sobre ética, governança e a necessidade de critérios rigorosos para evitar qualquer sombra de conflito de interesses no Judiciário.

Flávio Bolsonaro cresce nas pesquisas, mas divide base bolsonarista por ser mais “moderado”

Flávio Bolsonaro tem aparecido com destaque nas últimas pesquisas eleitorais, mas o desempenho do senador vem provocando uma repercussão ambígua entre os próprios eleitores bolsonaristas. De um lado, há quem veja na sua candidatura a continuidade natural do legado político da família, capaz de manter viva a marca do bolsonarismo no cenário nacional. De outro, setores mais fiéis ao estilo combativo de Jair Bolsonaro demonstram resistência, apontando em Flávio um perfil considerado mais moderado e menos alinhado ao discurso radical que mobilizou a base nos últimos anos. Os números divulgados recentemente mostram o senador em segundo lugar nas intenções de voto, atrás apenas de Lula, o que

o coloca como principal nome da direita no momento. Ainda assim, a elevada taxa de rejeição registrada nas sondagens acende um alerta: parte significativa do eleitorado não estaria disposta a apoiá-lo em um eventual segundo turno, o que limita seu potencial de crescimento. Essa percepção alimenta a discussão interna sobre a viabilidade de sua candidatura e abre espaço para alternativas como Tarcísio de Freitas, que aparece como opção mais competitiva em cenários de confronto direto com o presidente. Entre os bolsonaristas, a repercussão se divide entre entusiasmo e cautela. Alguns enxergam a ascensão de Flávio como sinal de força e de que o bolsonarismo permanece relevante mesmo sem a presença direta de Jair Bolso-

naro na disputa. Outros, porém, avaliam que o senador não teria a mesma capacidade de mobilização popular e de enfrentamento político que caracterizou o pai, o que poderia fragilizar a estratégia da direita em 2026. O próprio Flávio tem reforçado que sua candidatura é irreversível e que o importante é observar a tendência de crescimento, mais do que os números isolados. Ainda assim, a discussão sobre sua rejeição e sobre a fidelidade da base bolsonarista deve continuar sendo um dos pontos centrais da corrida eleitoral, revelando que o caminho até a consolidação de sua candidatura será marcado por disputas internas e pela necessidade de ampliar apoios além do núcleo duro do bolsonarismo.



O senador Flávio Bolsonaro, pré-candidato à presidente



www.realizaprodutora.com.br

Rua Alexandre Herculano, 120 - Vila Monteiro, Piracicaba-SP - Edifício JK, Torre A (10º Andar, sala 101)

POLITICANDO

Michelle pede prisão domiciliar para Bolsonaro em conversa com Moraes

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro se reuniu com o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), em Brasília, em um encontro que ocorreu poucas horas antes da decisão que transferiu Jair Bolsonaro da sede da Polícia Federal para a chamada “Papudinha”. A reunião foi articulada pelo deputado Altineu Côrtes (PL-RJ), vice-presidente da Câmara, e teve como objetivo apresentar um pedido de prisão domiciliar para o ex-presidente, que, segundo Michelle, enfrenta problemas de saúde após procedimentos médicos recentes. Durante a conversa, Michelle destacou a preocupação com o estado físico do marido e argumentou que a permanência dele em uma cela comum poderia agravar sua condição. Moraes ouviu os apelos, mas não concedeu a prisão domiciliar. Em vez disso, decidiu pela transferência de Bolsonaro para a Papudinha, uma unidade considerada menos severa, com melhores

condições de acomodação, o que foi interpretado como uma medida de “redução de danos”. O gesto foi visto por aliados como uma vitória parcial, já que havia receio de que Bolsonaro permanecesse em instalações mais rígidas da Polícia Federal. A decisão de Moraes, embora não tenha atendido integralmente ao pedido de Michelle, foi recebida como um alívio pelo entorno do ex-presidente. Michelle, por sua vez, reforçou seu papel de articuladora política ao buscar diálogo não apenas com Moraes, mas também com outros ministros do STF, como Gilmar Mendes. A movimentação mostra que ela assumiu protagonismo nas negociações em defesa do marido, ampliando sua atuação para além da esfera familiar e consolidando sua imagem como figura política ativa. O episódio evidencia a tensão em torno da situação judicial de Jair Bolsonaro e a tentativa de Michelle de suavizar os impactos das decisões judiciais sobre o ex-presidente. Embora



A ex-primeira dama Michele Bolsonaro - Foto: Reuters

não tenha obtido a prisão domiciliar, o encontro com Moraes foi decisivo para a mudança de cenário, garantindo a transferência para uma cela considerada mais adequada às condições de saúde de Bolsonaro.

Irmã do prefeito de São Paulo é pivô de polêmica

A advogada Janaína Reis Miron, irmã do prefeito de São Paulo Ricardo Nunes (MDB), foi detida na quinta-feira (15) pelo sistema de reconhecimento facial Smart Sampa, implantado pela Prefeitura para monitoramento em espaços públicos. O programa identificou que havia dois mandados de prisão em aberto contra ela, relacionados a condenações por desacato, lesão corporal e embriaguez ao volante. Janaína foi localizada em uma Unidade Básica de Saúde na zona sul da capital, onde buscava medicamentos, e encaminhada ao 11º Distrito Policial de Santo Amaro. No dia seguinte, sexta-feira (16), passou

por audiência de custódia no Fórum da Barra Funda, quando a Justiça determinou sua soltura mediante cumprimento de pena em regime aberto. A decisão impôs medidas restritivas, como comparecimento às audiências de execução penal e respeito às normas de conduta estabelecidas. O caso ganhou repercussão por envolver diretamente a família do prefeito e por ter sido resultado da atuação do Smart Sampa, considerado uma das principais vitrines da atual gestão municipal na área de segurança. A defesa de Janaína alegou que ela enfrenta problemas de dependência química e de álcool, o que teria dificultado o cumprimento das medidas anteriores.



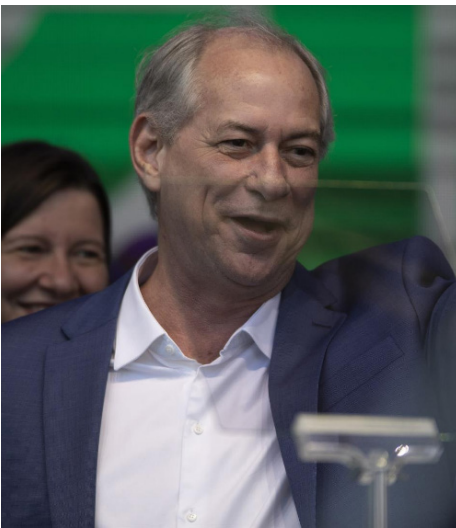
A advogada Janaína Reis Miron, irmã do prefeito de São Paulo Ricardo Nunes

Sem definir cargo, Ciro anuncia chapa ampla contra governistas

Em entrevista coletiva realizada na Assembleia Legislativa do Ceará, Ciro Gomes (PSDB) oficializou sua intenção de disputar as eleições de 2026, embora tenha evitado cravar qual cargo pretende ocupar. O ex-governador destacou que o movimento da oposição busca unir forças em torno de um projeto de mudança, e que sua candidatura poderá ser ao governo estadual ou até mesmo à Presidência da República, dependendo das articulações e do cenário político nacional. O anúncio ganhou ainda mais peso pela composição da chapa majoritária. Ciro revelou que deve dividir espaço com dois antigos adversários políticos: Capitão Wagner (União Brasil) e Roberto Cláudio

(União Brasil). A aliança, que até pouco tempo parecia improvável, sinaliza uma tentativa de consolidar a oposição ao atual governador Elmano de Freitas (PT) e ampliar o alcance eleitoral. Além dos três nomes, a chapa deve incluir ainda outro candidato ao Senado, reforçando a estratégia de união entre diferentes grupos. A movimentação ocorre após a recente filiação de Ciro ao PSDB, partido ao qual retornou em 2025 depois de deixar o PDT. A articulação contou com apoio de lideranças tucanas, como o ex-senador Tasso Jereissati, e foi celebrada como um passo importante para reposicionar Ciro no cenário político cearense e nacional. Apesar da tendência apontar para uma candidatura ao governo do Ce-

ará, Ciro não descarta disputar novamente a Presidência da República. Segundo aliados, ele avalia pesquisas e o desempenho da oposição em nível nacional antes de tomar a decisão final. A possibilidade de uma candidatura presidencial se fortalece diante de um cenário fragmentado, em que múltiplos nomes da oposição poderiam abrir espaço para sua viabilidade. A união com ex-rivais marca uma guinada estratégica na trajetória de Ciro, que já ocupou cargos como prefeito de Fortaleza, governador do Ceará, ministro da Fazenda e ministro da Integração Nacional. Agora, ao lado de Wagner e Roberto Cláudio, ele aposta em uma frente ampla para enfrentar o grupo governista e recolocar seu nome no centro das disputas eleitorais.



Ciro faz mistério em torno do rumo da candidatura

Brasil lança painel para identificar oportunidades de exportação

O Governo do Brasil lançou, ontem, o Painel de Oportunidades Mercosul-União Europeia, plataforma digital que reúne dados do comércio entre os dois blocos. A ferramenta também permite identificar as oportunidades criadas pelo acordo comercial firmado entre Mercosul e União Europeia. O painel consolida informações sobre países compradores, produtos exportados pelo Brasil, distribuição regional das exportações, tarifas aplicadas e o cronograma de redução tarifária previsto no acordo. O objetivo é apoiar a atuação de exportadores brasileiros e orientar políticas públicas de comércio exterior. “O acordo com a União Europeia é o mais relevante já firmado pelo Mercosul. Para que ele alcance todo o seu potencial, é necessário transformar os compromissos assumidos em oportunidades concretas. O Painel representa uma primeira contribuição em um esforço contínuo de implementação do acordo a partir de sua assinatura. Ele organiza informações estratégicas e as coloca à disposição de quem decide, produz e exporta”, afirmou a secretária de Comércio Exterior do MDIC, Tatiana Prazeres. Desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Co-

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Acordo Mercosul - União Europeia

Oportunidades de exportação para o Brasil

omércio e Serviços (MDIC), por meio da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o painel funciona como instrumento de política pública para

democratizar o acesso à informação, reduzir assimetrias e apoiar decisões de empresas, estados e entidades setoriais.

Vereador aciona Ministério Público contra aumento do IPTU e ITBI

Da Redação

A atualização da Planta Genérica de Valores (PGV) de Piracicaba, que resultou em aumento significativo do IPTU e impacto direto no ITBI a partir de 2026, segue repercutindo intensamente no cenário político e entre os contribuintes do município. O tema ganhou um novo capítulo com a representação protocolada pelo vereador André Gustavo Bandeira (PSDB) junto ao Ministério Público do Estado de São Paulo, pedindo a apuração de possíveis inconstitucionalidades na Lei Complementar nº 477/2025. A lei teve origem no Projeto de Lei Complementar nº 22/2025, encaminhado pelo Poder Executivo à Câmara Municipal no dia 1º de dezembro de 2025, às vésperas do encerramento do ano legislativo. A proposta, que promoveu a atualização da PGV, foi colocada em regime de urgência e apreciada de forma acelerada pelos vereadores. Na representação encaminhada ao Ministério Público, o vereador solicita a instauração de procedimento para apurar vícios formais e materiais da Lei Complementar nº 477/2025 e, caso constatadas irregularidades, a propositura de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) junto ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, com pedido de medida cautelar para suspender os efeitos da norma. Entre os argumentos apresentados estão possíveis violações aos princípios constitucionais da capacidade contributiva, da razoabilidade, da proporcionalidade e da vedação ao efeito confiscatório, além do desrespeito às regras da Lei de Responsabilidade Fiscal e do devido processo legislativo. O parlamentar também requer acesso a todos os documentos que instruíram o PLC nº 22/2025, incluindo pareceres jurídicos, notas técnicas e análises financeiras, para melhor compreensão do processo de aprovação. Após duas sessões extraordinárias, o projeto foi aprovado no dia 29 de dezembro, com 14 votos favoráveis e 7 contrários, e posteriormente sancionado pelo Executivo Municipal. A nova legislação passou a prever um aumento médio estimado de 21,5% no IPTU para o exercício de 2026, percentual divulgado oficialmente pela Prefeitura.



O vereador André Gustavo Bandeira (PSDB) protocolou representação no Ministério Público questionando o aumento do IPTU e do ITBI em Piracicaba – Foto: Guilherme Leite

Apesar do percentual médio anunciado, a representação aponta que a lei contém tabelas com índices variados, que em determinados casos podem resultar em aumentos superiores a 21,5%. Em outras situações, os percentuais são menores, o que, segundo o vereador, gera insegurança e dificulta a compreensão por parte dos contribuintes. Outro ponto que chama atenção é que o aumento divulgado se refere apenas ao primeiro ano de vigência da lei. Conforme destacado na representação, não ficou claro como se darão os reajustes nos anos seguintes, além da correção inflacionária. “A partir dos próximos anos, o IPTU continuará sendo reajustado com base nessa nova PGV, o que pode significar aumentos contínuos e cumulativos”, argumenta o parlamentar. Além do IPTU, a atualização da PGV impacta diretamente o Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI), elevando o custo de compra, venda e regularização de imóveis no município. Como o ITBI incide sobre o valor venal, qualquer majoração nessa base de cálculo resulta automaticamente em imposto mais alto nas transações imobiliárias. Enquanto o Ministério Público analisa a representação, milhares de contribuintes de Piracicaba acompanham o desdobramento do caso com apreensão. Proprie-

tários de imóveis residenciais, comerciais e industriais, além de pessoas que pretendem comprar ou vender imóveis, podem sentir no bolso os efeitos da nova PGV já no próximo exercício. O debate sobre o aumento do IPTU e do ITBI reacende discussões sobre justiça fiscal, transparência e o papel do Legislativo municipal, colocando em pauta até que ponto o aumento da arrecadação pode ocorrer sem comprometer a capacidade de pagamento da população.

Tramitação acelerada e falta de estudos técnicos

Um dos principais questionamentos levantados por André Bandeira diz respeito à ausência de estudos técnicos e de impacto orçamentário-financeiro durante a tramitação do projeto na Câmara. Segundo ele, não foram apresentados demonstrativos que indicassem quanto o município pretende arrecadar a mais com a medida, nem análises sobre os efeitos da majoração para a população. Ainda de acordo com a representação, não houve indicação clara de compatibilidade da nova receita com os instrumentos de planejamento orçamentário, como o Plano Plurianual (PPA), a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e a Lei Orçamentária Anual (LOA). Questionada formalmente, a própria Administração Municipal teria

informado que as receitas decorrentes da atualização da PGV não estavam previstas na LDO nem na LOA, o que pode configurar violação à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Para o vereador, a tramitação às pressas, no fim do ano, somada à falta de dados técnicos, compromete o debate público e o papel fiscalizador do Legislativo. “Uma matéria dessa magnitude exige transparência, planejamento e informações claras para que os vereadores e a população possam avaliar seus reais impactos”, sustenta. Câmara no centro do debate A aprovação do projeto pela Câmara Municipal também passou a ser alvo de críticas. Parlamentares contrários à proposta alegaram, à época da votação, que o curto prazo de análise impediu um debate mais aprofundado. Mesmo assim, a maioria dos vereadores aprovou o texto, incluindo uma emenda que, segundo a representação, não deixa claro quais contribuintes teriam direito a um percentual menor de reajuste nem quais critérios seriam adotados para esse benefício. Com a sanção da lei, a Câmara agora se vê novamente no centro da discussão, diante da possibilidade de questionamento judicial da norma e da insatisfação crescente de contribuintes que temem aumentos expressivos nos carnês do IPTU a partir de 2026.

Lula admite: salário-mínimo é insuficiente

Da Redação

Durante a cerimônia que marcou os 90 anos da criação do salário-mínimo no Brasil, realizada sexta-feira (16) na Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o valor atualmente pago aos trabalhadores ainda não é suficiente para assegurar direitos básicos. Segundo Lula, o ato não teve como objetivo exaltar o valor vigente do salário-mínimo, mas sim relembrar o princípio que orientou sua criação em 1936. “O salário-mínimo é muito baixo no Brasil. O que estamos celebrando é a ideia de um presidente da República que instituiu um salário capaz de garantir direitos elementares aos trabalhadores”, afirmou. O presidente destacou que esses direitos incluem moradia, alimen-

tação, educação e liberdade de locomoção, ressaltando que, ao longo da história, o salário-mínimo não conseguiu cumprir plenamente as finalidades previstas em lei. Em vigor desde 1º de janeiro de 2026, o salário-mínimo passou a R\$ 1.621, um reajuste de 6,79%, equivalente a R\$ 103, em relação ao valor anterior de R\$ 1.518. O cálculo seguiu a política de correção que considera a inflação medida pelo INPC, acumulada em 4,18% nos últimos 12 meses, somada ao crescimento de 3,4% do PIB em 2024. De acordo com o Dieese, o reajuste deve movimentar R\$ 81,7 bilhões na economia, impulsionando o consumo, a arrecadação e a renda, mesmo diante das limitações fiscais previstas no novo arcabouço fiscal. Durante a solenidade, foi lançada



Lula e o ministro do Trabalho, Luiz Marinho - Foto: Divulgação

uma medalha comemorativa em alusão aos 90 anos do salário-mínimo, criado em 1936 e implemen-

tado a partir de 1940, considerado uma das principais políticas de proteção social do país.

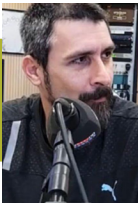


CORTE & STILO

Shopping Piracicaba
Av. Limeira, 722 - Areião, Piracicaba-SP
Contato: (19) 99447-6732

DEBATE

Exclusivo para O Democrata - Antonio Carlos Azeredo
Jornalista, Turismólogo e botafoguense apaixonado



A morte como política: execuções, guerra e o fracasso da proteção humana



Erfan Soltani, jovem de 26 anos, nascido no Irã e condenado à morte após manifestar-se contra governo iraniano. Ele continua encarcerado em Karaj



Corpos das vítimas do massacre covarde tomam conta das ruas

A situação na Palestina, especialmente em Gaza e na Cisjordânia, tem sido marcada por uma escalada contínua de violência, com impactos devastadores sobre a população civil. Relatos de bombardeios intensos, incursões militares, mortes de civis, detenções arbitrárias e execuções extrajudiciais alegadas por organizações de direitos humanos compõem um cenário de grave crise humanitária. Crianças, mulheres, idosos, jornalistas e profissionais de saúde têm sido atingidos, o que levanta sérias preocupações sobre o respeito ao direito internacional humanitário, em especial aos princípios de distinção, proporcionalidade e proteção de civis. Quando se fala em execuções, é importante manter precisão: há acusações documentadas por entidades internacionais de mortes sem devido processo legal em operações militares e de segurança, bem como punições internas aplicadas por grupos armados palestinos contra seus próprios membros ou opositores. Em todos os casos, trata-se de violações graves de direitos humanos, independentemente de quem as pratique. A centralidade da discussão deve ser a proteção da vida humana e a responsabilização por crimes, não a legitimação da violência por razões políticas, religiosas ou de segurança.

Reflexão sobre a postura do governo brasileiro
O governo brasileiro tem historicamente defendido o princípio da autodeterminação dos povos e reconhecido a Palestina como Estado, enfatizando o respeito à sua soberania. Em termos diplomáticos, isso se insere numa tradição brasileira de apoio ao multilateralismo e a uma solução de dois Estados. No entanto, surge uma tensão ética quando o discurso de soberania parece se sobrepor à defesa explícita e inequívoca dos direitos humanos, sobretudo diante de denúncias de execuções e mortes de civis. Respeitar a soberania de um povo não pode significar silêncio diante da morte de seres humanos. A soberania não é um escudo para a impunidade, nem deve ser usada como justificativa para a inação moral. O direito internacional contemporâneo é claro ao afirmar que a proteção dos direitos humanos é uma responsabilidade compartilhada da comunidade internacional. Quando civis são mortos, quando há indícios de crimes de guerra ou de execuções extrajudiciais, a neutralidade se transforma em cumplicidade passiva. A crítica que muitos fazem à postura brasileira, e que merece reflexão, é a de que o país poderia adotar uma posição mais firme e humanitária, condenando todas as violações, independentemente do

autor, e defendendo mecanismos internacionais de investigação e responsabilização. Não se trata de negar a soberania palestina, nem de ignorar o contexto histórico de ocupação, bloqueio e assimetria de poder; trata-se de afirmar que a vida humana é o valor político supremo. Em última instância, uma política externa coerente com os valores constitucionais brasileiros, como a prevalência dos direitos humanos, exigiria mais do que declarações diplomáticas cuidadosas. Exigiria empatia ativa, linguagem clara na condenação da violência contra civis e compromisso com a justiça internacional. Porque quando a política se cala diante da execução de seres humanos, ela deixa de ser prudente e passa a ser moralmente insuficiente.

Quem é Erfan Soltani
Erfan Soltani é um jovem iraniano de 26 anos, trabalhador comum que foi detido em 8 de janeiro de 2026 em sua casa na cidade de Karaj, perto de Teerã, após manifestar-se contra o governo. Ele foi julgado e condenado à morte por “moharebeh” (um termo legal iraniano que significa “inimizade contra Deus”), uma acusação usada frequentemente no país para punir dissidência política ou participação em protestos antigovernamentais. Organizações de direitos humanos e familiares afirmam que o processo foi feito de forma acele-

rada, que Soltani não teve direito adequado a um advogado e que as garantias legais fundamentais não foram asseguradas.

Execução marcada e posteriormente adiada
A execução de Soltani estava marcada para esta quarta-feira (14 de janeiro de 2026), gerando ampla repercussão porque se tratava de uma das primeiras sentenças de morte decorrentes dos protestos no país. No entanto, informações recentes indicam que a execução não foi realizada conforme o cronograma e foi adiada, segundo relatos de ONGs como a Hengaw Organization for Human Rights e familiares do jovem, embora autoridades iranianas não tenham dado explicações claras sobre o adiamento. A família foi informada pela ONG e por notícias de imprensa de que a ordem de execução foi suspensa ou postergada, mas a situação permanece incerta e sob forte controle informacional do governo. Embora o caso de Soltani esteja sendo destacado pela imprensa internacional, ele não se refere diretamente à Palestina nem faz parte do conflito entre Israel e grupos palestinos. Trata-se de um caso de repressão no Irã, onde o Estado tem reagido com força às manifestações populares.

Uma campanha do jornal O Democrata

DIGA NÃO AO ALCOOLISMO

DIREITOS EM FOCO

Escolas não podem exigir itens de uso coletivo na lista de material

Procon esclarece direitos do consumidor e dá orientações para evitar gastos indevidos; exigências devem se limitar a itens individuais e ter justificativa pedagógica.

Por **CLAYTON MURILLO**
Jornalista da redação de O Democrata

Começo de ano letivo costuma vir acompanhado de uma velha dor de cabeça para famílias a lista de material escolar. Mas o que muita gente ainda não sabe é que boa parte do que aparece nessas listas simplesmente não pode ser exigida pelas escolas. O alerta é do Procon que reforça direitos do consumidor e pede atenção redobrada antes de sair comprando tudo sem questionar. Itens de uso coletivo como álcool algodão papel higiênico detergente sabonete materiais de limpeza em geral grampeadores toner ou grandes quantidades de papel sulfite não podem ser jogados na conta dos pais. Esses produtos fazem parte da manutenção da escola e não do material individual do aluno. A regra é clara a lista deve contemplar apenas itens de uso pessoal e pedagógico. Outro ponto que merece atenção é a tentativa de empurrar gastos extras por meio da venda casada. A escola não pode obrigar a compra do material em um local específico nem exigir marcas determinadas. A única exceção é o material didático em formato de apostila. Fora isso qualquer indicação obrigatória de loja ou marca é prática abusiva e passível de denúncia. Também entram na lista de abusos as taxas genéricas e pouco transparentes. Cobranças para

cobrir despesas como água luz telefone impressão ou manutenção sem uma lista clara e detalhada são consideradas irregulares. A escola precisa explicar exatamente o que está sendo cobrado e por qual motivo. Por outro lado algumas exigências são permitidas desde que façam sentido pedagógico e respeitem limites. Cadernos lápis borrachas tesouras pincéis cola branca canetas hidrográficas EVA e cartolina podem ser solicitados quando o uso for individual. Se a quantidade parecer exagerada vale questionar se o material será realmente usado pelo aluno ou se acabará servindo de estoque coletivo. Para aliviar o impacto no bolso o Procon também dá dicas práticas. Reaproveitar materiais do ano anterior ainda em bom estado como mochilas lápis de cor e cadernos pode gerar uma economia significativa. Pesquisar preços é essencial já que a variação entre lojas físicas grandes redes e internet pode ultrapassar 400 por cento. Outra orientação é fugir de produtos com personagens licenciados. Cadernos mochilas e estojos com super heróis ou princesas costumam custar bem mais caro sem oferecer qualquer vantagem pedagógica. Optar por versões básicas ajuda a manter o orçamento sob controle.



Volta às aulas reacende debate sobre listas de material escolar - Foto: Divulgação

Pais também podem apostar na compra coletiva. Juntar pedidos com outras famílias aumenta o poder de negociação e pode render bons descontos. E quanto antes melhor planejar com antecedência evita a correria de última hora e os preços inflacionados típicos do período.

Em resumo lista de material escolar não é cheque em branco. Informação questionamento e planejamento são as melhores ferramentas para garantir economia e fazer valer os direitos do consumidor. Quando a conta parece grande demais desconfie e procure o Procon.

Criança pode pedir proteção sozinha ou a lei ainda manda ficar em silêncio?

A violência doméstica contra crianças e adolescentes segue como uma das faces mais duras e escondidas da realidade brasileira. Ela acontece dentro de casa, muitas vezes praticada por quem deveria proteger, e quase sempre é cercada pelo silêncio, pelo medo e pela subnotificação. Diante desse cenário, a pergunta incomoda e precisa ser feita sem rodeios. Uma criança vítima de violência pode, sozinha, pedir ajuda ao Judiciário? A criação da lei 14.344 de 2022, conhecida como Lei Henry Borel, foi saudada como um avanço histórico. Inspirada diretamente na Lei Maria da Penha, ela trouxe para o centro do debate a necessidade de proteção urgente de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e familiar. A lógica é simples e potente. Se medidas protetivas salvaram vidas de mulheres, por que não poderiam salvar também a vida de crianças? Assim como a Lei Maria da Penha, a legislação prevê medidas protetivas de urgência, como afastamento do agressor, proibição de contato, restrição de visitas e outras providências capazes de interromper o ciclo da violência. São instrumentos rápidos, de caráter preventivo, pensados para agir antes que o pior aconteça. Mas é justamente nesse ponto que surge um problema grave

e pouco discutido. Diferente da Lei Maria da Penha, que permite que a própria mulher vítima peça diretamente a medida protetiva, a Lei Henry Borel não garante de forma clara esse mesmo direito à criança ou ao adolescente. Pelo texto legal, quem pode pedir a proteção inicial é o Ministério Público, a polícia, o Conselho Tutelar ou um adulto que atue em favor da criança. Na prática, isso significa que a lei não reconhece expressamente a capacidade da própria vítima infantojuvenil de pedir proteção em seu nome. A criança não aparece como sujeito ativo do pedido. Ela depende de um adulto para falar por ela. O paradoxo é evidente. A mesma lei que nasce para proteger crianças da violência doméstica reforça uma lógica adultocêntrica que silencia a vítima justamente quando ela mais precisa ser ouvida. A situação se torna ainda mais contraditória porque, em outro trecho da própria lei, a criança ou adolescente é autorizada a pedir a revisão ou ampliação de medidas já concedidas. Ou seja, depois que alguém falou por ela, aí sim sua voz passa a valer. Essa distinção não faz sentido. Nos casos mais graves, quando ainda não há nenhuma medida em vigor, exigir a intermediação de um adulto pode significar atraso, omissão ou até impossibili-

dade de proteção. E o problema se agrava quando o agressor é justamente o responsável legal. Nesses casos, a criança fica refém de quem a violenta. O ordenamento jurídico brasileiro ainda carrega uma visão rígida de incapacidade baseada apenas na idade. Pelo Código Civil, menores de 16 anos são considerados absolutamente incapazes para todos os atos da vida civil. Essa regra, pensada para proteger o patrimônio e evitar abusos contratuais, torna-se cruel quando aplicada ao contexto da violência doméstica. Aqui, a incapacidade não protege. Ela expõe. Obrigar uma criança a depender de um adulto para denunciar o próprio agressor é transformar a proteção em barreira. É institucionalizar o silêncio. Esse modelo entra em choque direto com a Constituição de 1988, com o Estatuto da Criança e do Adolescente e com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança. Esses marcos reconhecem crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, titulares de proteção integral e prioridade absoluta. Mais do que isso, afirmam o direito à participação e à autonomia progressiva, respeitando o grau de maturidade de cada um. A lógica é clara. Capacidade não é um interruptor que liga aos 18 anos. Ela se constrói de forma gradual. Uma criança que consegue

pedir socorro, explicar o que sofre e buscar ajuda demonstra discernimento suficiente para acionar o sistema de proteção. Negar essa possibilidade é manter viva uma estrutura que já falhou inúmeras vezes. Casos emblemáticos mostram que depender exclusivamente da atuação de terceiros pode custar vidas. Quando o sistema exige formalidades excessivas, quem paga o preço é a vítima. Diante dessa lacuna, cabe ao Judiciário, à polícia, ao Ministério Público e ao Conselho Tutelar interpretar a Lei Henry Borel de forma ampla e protetiva. A manifestação de vontade da criança deve ser suficiente para acionar o mecanismo de proteção, ainda que posteriormente se ajuste a representação formal. A pergunta inicial não pode ter uma resposta burocrática. Uma criança vítima de violência tem o direito de pedir ajuda. Tem o direito de ser ouvida. Tem o direito de ser protegida sem depender da boa vontade de adultos que podem ser omissos ou, pior, os próprios agressores. Reconhecer a capacidade da criança de buscar proteção não é um favor nem um ativismo jurídico. É cumprir a essência da lei, da Constituição e dos direitos humanos. Silenciar uma criança que pede socorro é repetir a violência com a chancela do Estado.

DIVERSIDADE

Quando o amor vira motivo de expulsão e a novela escancara uma ferida real

Enquanto a novela choca, dados revelam como a expulsão de jovens LGBTQIA+ de casa segue sendo uma ferida aberta no país.

Na novela Três Graças, exibida pela Rede Globo, o público acompanha Santiago Ferette, personagem de Murilo Benício, assumir o papel que infelizmente não é só de ficção. Pai autoritário, homofóbico e incapaz de amar a filha como ela é, ele rejeita o relacionamento de Lorena, vivida por Alanis Guillen, com a policial Juquinha, interpretada por Gabriela Medvedovsky. A reação é extrema, cruel e conhecida por milhares de brasileiros. Lorena é expulsa de casa e, a cada capítulo, Santiago reafirma o quanto o preconceito pode ser violento dentro da própria família. Do outro lado da trama está Zenilda, personagem de Andréia Horta, a mãe que acolhe, protege e apoia a filha sem hesitar. Ela oferece o que deveria ser básico em qualquer lar, amor, escuta e presença. Fora da televisão, a realidade é dura e urgente. Mais de 20 por cento dos jovens LGBTQIA+ já foram expulsos de casa ou ameaçados de expulsão por causa da orientação sexual ou identidade de gênero. O motivo quase sempre é o mesmo. Falta de aceitação, preconceito e LGBTfobia dentro do próprio lar, onde deveria existir proteção. As consequências são profundas e perigosas. Muitos desses jovens acabam em situação de rua, expostos à violência, à exploração e à prostituição forçada. O impacto psicológico é devastador. A rejeição familiar compromete o desenvolvimento emocional, a autoestima e as oportunidades de estudo, trabalho e futuro. Dados da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da



História de Lorena escancara um problema estrutural que vai além da TV e atinge lares em todo o Brasil - Foto: Reprodução/Rede Globo

Prefeitura de São Paulo revelam que entre 5,3% e 8,9% da população em situação de rua na capital pertence à comunidade LGBT. Entre jovens de 18 a 25 anos, 63 por cento relatam rejeição total ou parcial da família após se assumirem. Apenas 59 por cento conseguem revelar a orientação sexual em casa, o que mostra que o medo ainda mora dentro do armário. Para quem vive essa realidade, existem caminhos possíveis, mesmo em meio ao abandono. A Defensoria Pública oferece orientação e apoio legal. Centros de Referência LGBTQIA+ acolhem e encaminham para redes de proteção. Denúncias podem ser feitas pelo Disque 100, que funciona 24 horas de forma gratuita e anônima, ou pelo aplicativo Todxs, que mapeia casos de LGBTfobia. Registrar boletim de ocorrência também é um direito, já que discriminação, homofobia e transfobia são crimes.

Há ainda casas de acolhimento que se transformam em família quando a biológica falha. Iniciativas como a Casa Nem, no Rio de Janeiro, e a Casa Miga, no Amazonas, oferecem abrigo, afeto e recomeço para quem foi expulso de casa por ser quem é. Esse drama também atravessa a literatura. O livro Dama Guia mergulha no subconsciente de um jovem homossexual rejeitado pela família, expondo o conflito entre razão e emoção diante da expulsão e do abandono. Uma leitura sensível e necessária para quem quer entender as marcas deixadas pela rejeição. Ao colocar essa história no horário nobre, Três Graças faz mais do que entreter. A novela escancara uma ferida social que insiste em sangrar fora da ficção. A pergunta que fica não é sobre os personagens, mas sobre o país que ainda permite que o amor de um filho seja tratado como motivo para expulsão.



Se todo lar tivesse amor, ninguém teria medo de ser quem é

Por: Clayton Murillo
Jornalista

Hoje o papo é reto, mas o coração é quentinho. É sobre mami, essa entidade poderosa que me mostrou, na prática, que amor não precisa de manual nem de autorização divina extra. Cresci em um lar cristão, sim, mas também em um lar onde o afeto sempre falou mais alto. No começo, foi confuso — porque quase tudo que foge do “padrão” costuma ser —, mas nunca faltaram apoio, colo e aquela sensação de “aqui você é seguro”. E eu sei: essa não é a realidade da maioria das pessoas LGBTQIA+. Falta amor nos lares. Falta respeito. Falta vontade básica de aprender. Falta humanidade, pra resumir. Sou um cara gay sortudo. Pelo menos dentro de casa. Porque, se o assunto for relacionamento, aí o papo fica igual novela das nove: cheio de reviravolta, drama e personagens que somem do nada. Mas dentro de casa, não. Lá sempre foi território do afeto. Lembro como se fosse hoje quando contei pra minha mãe — por mensagem, veja bem, porque coragem às vezes vem em pacote digital. Ela tinha acabado de chegar da igreja e respondeu com a maior naturalidade do mundo: que já sabia e que me amava do mesmo jeito. Do mesmo jeito, não. Do jeito certo. Foi aquele momento em que a vida poderia ter virado um novela das nove, mas preferiu ser uma cena leve. Quase ouvi a Perpétua, de Tieta, sussurrando: “Quenga, você é quenga!”. Só que, no meu caso, não tinha vilania, só amor. Amor simples, direto, sem discurso torto. Daqueles que protegem, defendem e enfrentam os “seres mal-amados” da vida real sem precisar levantar a voz. Minha mãe é dessas que não fazem cena, mas fazem história. E, como diria Crô, de Fina Estampa: “Riqueza não é dinheiro, é berço”. No meu caso, foi berço de amor. Obrigado, mami, por ser abrigo quando o mundo insiste em ser tempestade.



Vale lembrar de Agenor de Miranda Araújo Neto não apenas como o poeta exagerado do rock nacional, mas como um dos primeiros artistas brasileiros a escancaranar, sem rodeios, as contradições de viver fora da norma. Cazuza foi — e continua sendo — um ícone potente para pessoas bissexuais e para toda a comunidade LGBT que, por muito tempo, se viu sem representação nas narrativas públicas. À frente do Barão Vermelho, onde foi vocalista e principal letrista, ele já demonstrava que não estava ali só para cantar sobre amores fáceis. Suas letras traziam inquietação, raiva, desejo e confusão — sentimentos comuns a quem cresce em uma sociedade que insiste em negar a diversidade sexual. Era um incômodo que pulsava em versos e atitudes. Na carreira solo, meteórica e intensa como sua própria vida, Cazuza construiu a imagem do

Ele cantou o que muitos escondiam Cazuza e a coragem de existir



homem rebelde, boêmio e provocador. Mas por trás da pose afrontosa havia um artista que falava de afeto entre homens, de desejo sem rótulo e de um amor que não cabia em padrões. Canções como Por Que a Gente é Assim?, Só as Mães São Felizes, Guerra Civil, Como Já Dizia Djavan (Dois Homens Apaixonados), Problema Moral e Quero Ele são retratos diretos das dores e delícias de existir no espectro LGBT. Em 1989, ao assumir publicamente que havia contraído o vírus da

AIDS, Cazuza novamente rompeu o silêncio — em um período marcado por preconceito, desinformação e estigmatização. Sua morte, em 1990, aos 32 anos, não calou sua voz. Pelo contrário: transformou suas palavras em legado. Vale lembrar de Cazuza porque ele cantou o que muitos não podiam dizer. Porque desafiou a moral vigente com poesia e verdade. E porque, ainda hoje, segue ensinando que viver intensamente também é um ato político.

CULTURA

Cultura além do roteiro

No céu de Piracicaba: quando hobby vira espetáculo, o fim de semana dos aeromodelistas no Aeroporto de Piracicaba.

Por ANTONIO CARLOS AZEREDO
Jornalista da redação de O Democrata

A manhã em Piracicaba começa com um zumbido diferente. Não é o som típico dos carros na avenida ou o canto das aves à beira do rio. Aqui, quem comanda o clima são aeronaves em miniatura, tomadas pelo vento enquanto cortam o céu do Aeroporto Municipal Comendador Pedro Morganti, palco de um dos eventos mais esperados pelos apaixonados por aeromodelismo no interior paulista.

Contexto e história

O aeromodelismo é um hobby antigo no Brasil, que mistura paixão pela aviação, tecnologia, engenharia e amizade. Em Piracicaba, essa tradição ganhou um ponto alto com a Festa Aviatória, promovida pela prefeitura com programação gratuita no aeroporto municipal.

O que acontece no evento

Durante dois dias, geralmente no fim de julho, como parte da programação de aniversário da cidade, o espaço recebe demonstrações de aeromodelismo, voos de planadores, ultraleves, balão ancorado e paraquedismo. Mas o que realmente encanta os amantes da miniatura são os voos competitivos e acrobáticos dos aeromodelos, conduzidos por pilotos de diversas partes do estado e do país. Além disso, o público pode conversar com os aeromodelistas, conhecer seus equipamentos e



Apresentação do fantástico piloto “Cabeça”, na Festa Aviatória de Piracicaba

entender a lógica por trás de cada modelo. Para muitas crianças e jovens, é a primeira oportunidade de ver um avião voar tão de perto, sem precisar estar dentro dele.

Cada modelo tem uma história

Eduardo Silva, 47 anos, começou no hobby aos 15, construindo modelos de madeira com o pai, e hoje pilota réplicas controladas por rádio que ultrapassam dois metros de envergadura. Marina Santos, 32, é uma das poucas mulheres nessa comuni-

dade tradicionalmente dominada por homens e acredita que “cada voo é uma pequena conquista”. São histórias como essas que transformam o aeromodelismo em mais do que um passatempo: uma rede social offline, feita de conversas sobre motores, aerodinâmica e, claro, café à tarde entre um voo e outro. O Aeroporto Municipal Pedro Morganti é mais do que um cenário para o aeromodelismo; é um símbolo da cultura aeronáutica local. Com longa tradição de aviação e

paraquedismo, o aeródromo abre suas portas para que a comunidade se aproxime também dos esportes aéreos, aproximando gerações e estimulando futuros pilotos. Quando o sol começa a se pôr, e os aeromodelos descem das alturas para o descanso, resta a certeza de que Piracicaba não é apenas um ponto no mapa do aeromodelismo. É um encontro de sonhos, onde adultos e crianças compartilham um mesmo olhar para o céu, atento, curioso e sempre pronto para a próxima decolagem.

Clube Piracicabano de Aeromodelismo (CPA): tradição e comunidade

No km 162 da Rodovia do Açúcar, em um amplo campo que parece feita sob medida para voos, encontra-se um ponto de encontro que respira vento e controle remoto: o Clube Piracicabano de Aeromodelismo (CPA). Fundado em 1964, ele é um dos espaços mais tradicionais para quem ama aeromodelos no interior de São Paulo. O CPA não é apenas um clube, é uma comunidade. Espaços amplos, pátio de manobras coberto, galpão para reuniões e uma infraestrutura que inclui churrasqueira e áreas de convivência transfor-

mam as tardes de voo em autênticos encontros sociais.

Encontros e eventos

Todo ano, o clube organiza o Encontro Piracicabano de Aeromodelismo, evento que recebe pilotos e entusiastas de todo o país para competições, trocas de experiências e demonstrações de voo. Nessas ocasiões, o local fica repleto de modelos de todos os tipos: planadores que deslizam sem motor, controlados apenas pelo vento e habilidade do piloto, aeromodelos com motores a combustão ou elétricos que ul-

trapassam velocidades impressionantes, drones e réplicas detalhadas feitas artesanalmente por seus próprios donos.

A paixão por trás dos controles

Conversar com os membros é descobrir que aeromodelismo vai além de “fazer o avião voar”: é aprender física, eletrônica e paciência. Muitos constroem seus próprios modelos, ajustam cada parafuso e passam horas no hangar antes de ver o resultado no ar.

Aprendizagem e novos talentos

O CPA também funciona como

uma escola informal. Pilotos experientes orientam iniciantes nos dias de encontro, compartilhando dicas sobre manutenção, técnicas de voo e segurança. É comum ver grupos reunidos rezando pela calma do vento ou comemorando um voo perfeito ao fim da tarde. Ao final de mais um domingo de encontros e voos, fica claro que o aeromodelismo em Piracicaba não é apenas uma atividade de fim de semana: é uma tradição que gera amizades, ensina ciência e faz com que o céu de Piracicaba seja um pouco mais animado.

Rota dos céus: aeromodelismo e encontros entre clubes pelo interior de São Paulo

No interior de São Paulo, a paixão pelos mini aviões não se limita à pista de um único clube. De Piracicaba a cidades como Sumaré, Jundiaí e Ribeirão Pires, encontros e eventos reúnem entusiastas para compartilhar técnicas, modelos e histórias de voo.

Piracicaba como polo regional

Piracicaba serve como um ponto de referência para aeromodelistas da região, não só por seus encontros anuais e eventos no aeroporto, mas também por sua comunidade ativa e aberta a novos praticantes.

Outros clubes e encontros no interior

• Associação Sumareense de Aeromodelismo (ASA): localizada em Sumaré, oferece pista asfaltada,

infraestrutura completa e já sediou campeonatos oficiais, atraindo pilotos de diversas cidades.

- Encontros em Ribeirão Pires: eventos anuais gratuitos, como o Encontro de Aeromodelismo, atraem público diverso com apresentações, demonstrações e réplicas impressionantes de aeronaves.
- Eventos itinerantes: encontros em cidades como Piraju e Andradina fazem parte do calendário paulista de aeromodelismo, fortalecendo a comunidade e incentivando a troca de experiências.

A conectividade entre clubes

Pilotos não voam isoladamente: eles compartilham dicas, peças e até caronas para os encontros. É comum que um aeromodelista de Piracicaba faça sua inscrição em eventos fora da cidade para tes-



Primeiro voo do aeromodelo F3A de competição feito pelo Zelão, aeromodelista brasileiro conhecido no meio do aeromodelismo, particularmente associado à prática e à construção/voo de aeromodelos de competição e de escala. Vídeo feito no aeroporto piracicabano e disponível no Youtube

tar seu modelo em novas pistas e diante de novos juízes.

Cultura e futuro

Com o crescimento do hobby e a presença de drones e novas tecnologias, o aeromodelismo no interior paulista tem se reinventado,

atraindo jovens e curiosos, tanto nas pistas quanto no público. Do campo de voo no interior de Piracicaba às pistas de Sumaré e Ribeirão Pires, o aeromodelismo no interior de São Paulo é mais do que um hobby: é uma rota de amizade, técnica e emoção nos céus.

“A Solidão que Me Escuta”: livro lançado em janeiro propõe escuta como cura para tempos de silêncio

Da Redação

O psicanalista e escritor piracicabano André Antonio de Siqueira lançou neste mês de janeiro seu novo livro, *A Solidão que Me Escuta*, obra que já começa a repercutir entre leitores. Publicado pela UICLAP, o livro propõe uma abordagem sensível e profunda sobre a solidão, a dor silenciosa e a escuta como forma de acolhimento e transformação.

Com uma escrita poética e intimista, André constrói o livro como uma sequência de cartas e reflexões que dialogam com quem já se sentiu só, com quem carrega dores invisíveis e com quem busca sentido no silêncio. “Este livro não foi escrito para ensinar. Foi escrito para tocar”, afirma o autor no prefácio.

A obra é dividida em capítulos que funcionam como cartas abertas, cada uma abordando uma dimensão da solidão: a ausência, a dor, o amor que permanece, o corpo que escuta, o silêncio como protesto, entre outros. O texto é marcado por uma linguagem acessível, mas carregada de profundidade emocional, o que tem atraído leitores de diferentes perfis — desde profissionais da saúde mental até pessoas em busca de acolhimento pessoal.

André, que atua como psicanalista clínico há cinco anos, também é especialista em neuropsicanálise. Mas, como ele mesmo diz, antes de qualquer formação, é alguém que aprendeu a escutar. “Escutar o que não é dito, o que se esconde entre palavras, o que se revela no silêncio”, escreve.

O livro traz ainda uma seção interativa, com um quiz poético que convida o leitor a refletir

sobre sua própria relação com a solidão. Não se trata de um teste técnico, mas de um espelho emocional. A proposta é que cada pessoa se escute com mais delicadeza e verdade.

A dedicatória especial do livro é feita a Carlos Gilberto Zanette Mader, reconhecido por sua escuta acolhedora. André descreve Carlos como “presença onde muitos só encontram silêncio” e “ponte entre o sofrimento e o consolo”.

Além disso, o autor dedica o livro à sua filha, Beatriz, a quem chama de “minha presença mais silenciosa, meu amor mais constante, minha escuta mais profunda”. A relação entre pai e filha é abordada com ternura no capítulo *O amor que permanece*, onde André escreve: “Esse amor não se mede. Ele se sente. E quando é verdadeiro, ele não desaparece. Ele se transforma, se adapta, se renova.”

O lançamento de *A Solidão que Me Escuta* marca um momento importante na trajetória do autor, que já vinha sendo reconhecido por seus textos nas redes sociais e no *Jornal O DEMOCRATA* e por sua atuação clínica voltada ao acolhimento emocional. A obra chega como um convite à escuta, não apenas do outro, mas de si mesmo.

Em tempos de hiperconexão e ruído constante, o livro propõe uma pausa. Uma escuta sem pressa, sem julgamento, sem resposta pronta. “Porque às vezes, o que nos falta não é companhia. É coragem para estar com quem somos”, escreve André.

A recepção inicial tem sido positiva, com leitores relatando identificação profunda com os textos



e com a proposta de transformar a solidão em espaço fértil. O livro está disponível em versão física, e pode ser adquirido diretamente pela plataforma da UICLAP. - <https://loja.uiclap.com/titulo/ua133399/>

Com uma abordagem que une psicanálise, motivação e literatura, *A Solidão que Me Escuta* se posiciona como uma obra relevante para quem busca compreender e acolher as dores silenciosas que habitam em todos nós.

União Operária abre iniciação musical

A Corporação Musical União Operária está com inscrições abertas para o seu projeto “Sou Musical”, que visa oferecer ensino de carreira musical para pessoas a partir dos 12 anos de idade. De acordo com o maestro Jonas Dionísio, não é necessário ter conhecimento prévio de música ou possuir um instrumento musical. Durante as aulas, serão fornecidos conhecimentos teóricos e práticos, proporcionando uma introdução ao mundo da música. E o melhor de tudo: é totalmente gratuito. Essa iniciativa faz parte das atividades da Banda União Operária

para o ano de 2026, com o objetivo de ampliar o acesso às aulas de música para a comunidade de Piracicaba e promover maior concentração nos alunos por meio da música. Além disso, busca resgatar a tradição das bandas de praça.

As inscrições e informações podem ser obtidas pelo whatsapp 19 9 9.812-7045. O responsável pelo projeto é o músico e maestro Jonas Dionísio, que possui formação musical pelo Conservatório Musical de Tatuí e outras qualificações no campo da música. As vagas são limitadas.



O responsável pelo projeto é o músico e maestro Jonas Dionísio - Foto: Divulgação

CUIDE DA SUA

SAÚDE MENTAL

UMA CAMAPNHA DO JORNAL O DEMOCRATA

Julio Iglesias nega acusações feitas por ex-funcionárias

Da Redação

O cantor espanhol Julio Iglesias, um dos nomes mais emblemáticos da música latina, se pronunciou publicamente na sexta-feira (16) após vir à tona uma série de acusações feitas por duas ex-funcionárias que trabalharam em suas residências. As denúncias, divulgadas por uma investigação jornalística da Univision em parceria com o portal espanhol elDiario.es, relatam supostos episódios de assédio sexual, intimidação e abuso de poder ocorridos em 2021, período em que as mulheres atuavam em casas ligadas ao artista. Segundo os relatos, o ambiente de trabalho seria marcado por pressão psicológica, ofensas, situações humilhantes e exigências de natureza sexual, além de episódios de abusos físicos e verbais. As ex-funcionárias — uma ex-empregada doméstica e uma ex-fisioterapeuta — afirmaram ainda que teriam sido submetidas a condições degradantes e práticas que poderiam configurar tráfico humano. Diante da repercussão internacional, Julio Iglesias divulgou uma

nota oficial em suas redes sociais. Em comunicado, o cantor afirmou: “Nego ter abusado, coagido ou desrespeitado qualquer mulher. Essas acusações são absolutamente falsas e me causam grande tristeza”. Iglesias acrescentou que jamais havia enfrentado tamanha crueldade e que pretende defender sua dignidade diante do que classificou como uma grave ofensa. O caso já está sendo acompanhado por organizações de direitos humanos e será investigado pelo Ministério Público espanhol, que analisa os elementos apresentados pelas denunciadas. Promotores confirmaram que estão avaliando os relatos e que poderão abrir um processo formal caso sejam encontradas evidências suficientes. A defesa de Julio Iglesias reforçou que as acusações não têm fundamento e que o cantor sempre manteve relações profissionais respeitadas com seus funcionários. A equipe jurídica do artista também destacou que ele colaborará com as autoridades para esclarecer os fatos e proteger sua reputação.



O cantor espanhol Julio Iglesias: graves acusações contra ele na justiça - Foto: Divulgação



VINO&PIZZA

Delivery das 18h às 23 h

(19) 99736-1997



ABRAÇO EDUCADORA

TODO DOMINGO 10H AO VIVO

1060 E 650 AM



Alceu Valença: entre raízes nordestinas e a força universal da música brasileira

Por SORAIA MASSANO
Jornalista da redação de O Democrata

Alceu Valença é um dos artistas que melhor traduzem a riqueza cultural do Brasil em sua obra. Nas- cido em Pernambuco, sua música carrega as marcas profundas das paisagens e tradições do sertão, do agreste e do litoral nordestino. Essa diversidade geográfica e cul- tural moldou sua sonoridade, que transita entre o lirismo poético e a força rítmica dos gêneros popula- res. O frevo, o maracatu, o coco e o baião são elementos recorrentes em suas composições, sempre re- visitados com ousadia e reinven- tados em diálogo com a moderni- dade. Alceu conseguiu transformar ritmos tradicionais em linguagem contemporânea, aproximando-os de novas gerações sem perder a essência da cultura nordestina. Nos anos 1970, sua trajetória se cruzou com o movimento tropica- lista, que já havia revolucionado a música brasileira ao misturar tra- dição e vanguarda. Alceu incorpo- rou essa ousadia estética e políti- ca em sua obra, criando um estilo próprio que o diferenciava dos de- mais ícones da época. Enquan- to Caetano Veloso e Gilberto Gil exploravam a fusão entre MPB e rock, Alceu trazia para o centro da cena nacional a força dos ritmos nordestinos, com letras que uniam crítica social, poesia e irreverên- cia. Sua postura artística refletia não apenas inovação musical, mas também resistência cultural,



A discografia de Alceu é vasta e marcada por fases distintas, cada uma refletindo mudanças sociais e pessoais - Foto: Divulgação

reafirmando o Nordeste como pro- tagonista da música brasileira. A discografia de Alceu é vasta e marcada por fases distintas, cada uma refletindo mudanças sociais e pessoais. Em Cavalo de Pau, por exemplo, o artista mergulha nas raízes populares com intensida- de, reafirmando sua ligação com o sertão e os ritmos tradicionais. Já em Anjo Avesso, a poesia ga- nha contornos mais intimistas, re- velando um lado lírico e reflexivo. Em Sete Desejos, Alceu explora novas sonoridades e reafirma sua capacidade de se reinventar, dia- logando com diferentes públicos

sem perder sua identidade. Cada álbum é um retrato de sua inquie- tude artística e de sua habilidade em transformar experiências pes- soais e coletivas em música. No palco, Alceu Valença é pura energia. Seus shows são inten- sos, performáticos e carregados de emoção, transformando cada apresentação em uma experiên- cia única. A relação com o público é visceral: ele canta, dança e inte- rage de forma apaixonada, crian- do uma atmosfera de celebração coletiva. Relatos de apresenta- ções históricas em festivais nacio- nais e internacionais reforçam sua

capacidade de encantar plateias diversas, levando a cultura nor- destina para o mundo. A energia contagiante de seus shows é, para muitos, a melhor tradução de sua obra — uma música que não se limita ao som, mas que se trans- forma em vivência, em festa e em resistência cultural. Assim, Alceu Valença se consolida como um artista que une tradição e modernidade, raízes e inovação, poesia e performance. Sua traje- tória é um testemunho da força da música brasileira e da capacidade de um artista de transformar sua própria história em legado cultural.

Valença deu vida e forma ao movimento coletivo nordestino

Alceu Valença construiu sua tra- jetória artística não apenas como cantor e compositor solo, mas também como parte de um mo- vimento coletivo que fortaleceu a música nordestina dentro da MPB. Suas parcerias com nomes como Elba Ramalho, Geraldo Azevedo e Zé Ramalho foram fundamen- tais para consolidar um repertório que uniu tradição e modernidade, colocando o Nordeste no centro da cena musical brasileira. Esses encontros resultaram em apre- sentações memoráveis e canções que se tornaram símbolos de re- sistência cultural, mostrando que a força da música nordestina está também na coletividade e na tro- ca entre artistas que compartilham raízes e histórias semelhantes. Além das colaborações, Alceu se destaca pela poesia presente em suas letras. Sua obra mistura liris- mo, crítica social e regionalismo, criando imagens que dialogam tanto com o cotidiano popular quanto com reflexões universais. Essa dimensão literária aproxima sua produção de grandes poetas nordestinos, como João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, que também transformaram o sertão e a cultura regional em matéria-pri- ma para obras de alcance nacio- nal. Alceu, com sua musicalidade,



Alceu se destaca pela poesia presente em suas letras. Sua obra mistura lirismo, crítica social e regionalismo - Foto: Divulgação

traduz em versos e melodias o mesmo espírito de resistência e beleza que esses escritores impr- miram em suas páginas. O legado de Alceu Valença é vas- to e continua inspirando novas gerações de músicos. Sua músi- ca aparece em trilhas sonoras de filmes e novelas, é constantemen- te reinterpretada por artistas con- temporâneos e permanece viva em versões que atravessam esti-

los e públicos. Como guardião da cultura nordestina, ele conseguiu ao mesmo tempo se tornar um ar- tista universal, capaz de dialogar com plateias internacionais sem perder a essência de suas raízes. No cinema, sua obra também en- controu espaço. Alceu participou de projetos audiovisuais e teve músicas incluídas em trilhas sono- ras que reforçam a atmosfera po- ética e vibrante de sua produção.

Sua relação com a estética cine- matográfica é natural: suas letras e melodias carregam imagens for- tes, narrativas intensas e uma dra- maticidade que se conecta com a linguagem do audiovisual. Assim, Alceu Valença se afirma como um artista múltiplo, cuja música ultra- passa o palco e se transforma em experiência cultural completa, ca- paz de atravessar gerações e dife- rentes formas de expressão.

COMUNICAÇÃO & IA

Sabrina Scarpore
Especialista em narrativas e criação de conteúdo com IA



Por que seu cliente não compra de você



Esse neurologista português mudou para sempre a forma como entendemos por que as pessoas dizem sim ou não.

Antônio Damásio tem mais de 40 anos de pesquisa publicados nas principais revistas científicas do mundo. E foi ele quem provou algo que desmonta boa parte do discurso tradicional de vendas, marketing e argumentação lógica: o ser humano não decide com a razão. Decide com a emoção... e só depois usa a razão para justificar.

Damásio ficou conhecido pela chamada hipótese do marcador somático. Em termos simples, ele mostrou que toda experiência emocionalmente relevante que você vive deixa uma marca no corpo e no cérebro. Uma espécie de cicatriz invisível.

Quando você se depara com uma situação parecida a que já viveu, o corpo reage antes do pensamento consciente. O coração acelera, a respiração muda, surge um aperto no peito ou um estado de alerta. É o

corpo dizendo: “Atenção. Já estivemos aqui antes.”

Só depois disso o cérebro racional entra em cena para criar uma história lógica que justifique aquela reação inicial.

Ou seja: nós não escolhemos com a cabeça. Escolhemos com o corpo primeiro. E é por essa e outras que as histórias são tão importantes em nossas vidas!

E aqui entra um dado ainda mais interessante dos estudos de Damásio: pessoas que perderam a capacidade de sentir emoções — por lesões específicas no cérebro — continuavam inteligentes, racionais e articuladas. Conseguiram listar prós e contras, analisar cenários, montar argumentos perfeitos, mas não conseguiam decidir.

Ficavam paralisadas diante de escolhas simples. E sem emoção, não existe decisão. Existe análise infinita.

Agora, vamos pensar na SUA comunicação como especialista ou marca.

Se o seu conteúdo não ativa nada no corpo de quem te escuta, se não dispara nenhum marcador

somático, se não cria sensação de urgência, risco, identificação ou relevância real, podem até ser interessante e bem feito, mas não move ninguém. E comunicação que não move decisão não cumpre o seu papel.

O cérebro usa emoção como atalho de sobrevivência. Ele não quer reavaliar tudo do zero o tempo todo. Ele busca experiências passadas que digam rapidamente: isso importa ou isso não importa.

É por isso que a maioria dos especialistas erra ao tentar convencer apenas com lógica: argumentos bem estruturados, provas sociais, números, cases. Tudo isso é importante sim, mas vem depois. Antes, o corpo precisa reagir, entende?

E não, isso não tem nada a ver com drama, exagero ou sensacionalismo (o famosos ‘mimimi’). Emoção, aqui, não é teatro. É pura relevância.

Comunicação clara não é falar mais bonito, nem falar mais organizado.

É ativar o cérebro certo, na ordem certa.

Primeiro a emoção, que dispara no corpo.

Depois a lógica, que organiza a justificativa.

Quando essa ordem é invertida, ou quando a emoção é ignorada, você pode ter o melhor argumento do mundo e ainda assim ninguém se mexe. Ninguém decide. Ninguém escolhe.

Quando eu li, recentemente, os estudos de Damásio, tudo fez sentido de uma forma quase desconfortável. Ele estava descrevendo exatamente o que o mercado inteiro está em busca: a narrativa que conecta de verdade.

E isso não é manipulação. É simplesmente entender como o ser humano funciona e parar de brigar contra a natureza do cérebro.

A diferença entre uma comunicação que converte e uma que só fica bonita no feed é simples: uma ativa o corpo e cria caminho para a decisão. A outra entretém a mente racional... e desaparece sem deixar rastro.

Não adianta só culpar o algoritmo.

UMA CAMPANHA DO JORNAL O DEMOCRATA

**O TRÂNSITO REQUER ATENÇÃO**

**NÃO MEXA NO CELULAR ENQUANTO ESTIVER DIRIGINDO**

**GRUPO
DO ZAP**

**Receba em
primeira mão,
todo sábado,
a edição
do jornal
O Democrata.**

VENHA JUNTO!

CLIQUE AQUI

EDUCAÇÃO

Voltar a estudar sem largar o trabalho: São Paulo amplia EJA noturna e aposta em ensino sob medida

Novas escolas passam a oferecer Ensino Médio com presença flexível no Estado de São Paulo; Seduc amplia alternativas para quem precisa conciliar estudo, trabalho e família.

Por CLAYTON MURILLO
Jornalista da redação de O Democrata

A escola pública paulista começa o ano letivo com uma promessa ousada: dar mais flexibilidade para quem precisa estudar, mas não pode abrir mão do trabalho, da renda ou da família. A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo vai colocar em funcionamento mais 88 escolas de Ensino Médio com EJA em modelo de presença flexível, ampliando para 108 unidades espalhadas pela capital, região metropolitana e interior. O foco são estudantes maiores de 18 anos que carregam uma rotina cheia e, muitas vezes, marcada por interrupções no percurso escolar. Todas as unidades funcionam exclusivamente no período noturno e se somam aos 43 CEEJAs já existentes, reforçando uma rede voltada a quem não se encaixa no modelo tradicional de ensino. Na prática, o estudante não precisa seguir uma ordem engessada de disciplinas. Assim como nos CEEJAs, o modelo de presença flexível permite montar um percurso formativo personalizado. Cada aluno escolhe por onde começar, de acordo com afinidade ou necessidade, avança no próprio ritmo e só segue para novos conteúdos depois de consolidar a aprendizagem anterior, sempre com acompanhamento dos professores.

Outro diferencial está nos itinerários formativos. Todas as escolas oferecem duas opções de aprofundamento curricular. Quem opta por Matemática encontra percursos com foco em competências aplicadas e práticas integradoras previstas no Currículo Paulista. Já o itinerário de linguagens e suas tecnologias aposta em uma formação crítica, conectando linguagem, sociologia, geografia e outros componentes para ampliar a leitura do mundo contemporâneo. O ensino também foge da lógica tradicional. As metodologias priorizam o atendimento individualizado, com projetos, oficinas e diferentes formas de avaliação. Em cada disciplina, o estudante passa por quatro avaliações processuais e uma final, respeitando um intervalo mínimo de três dias letivos entre elas, o que reduz a pressão e favorece o aprendizado contínuo. Nos CEEJAs, além do Ensino Médio, segue disponível o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano. Em ambas as etapas, é possível aproveitar estudos anteriores. Quem não possui histórico escolar não fica de fora: a escola aplica avaliações diagnósticas para identificar o nível de conhecimento do candidato. As matrículas podem ser feitas



Novo modelo da EJA permite que estudantes organizem o próprio percurso de aprendizagem - Foto: Governo do Estado de SP

em qualquer escola estadual ou nos postos do Poupatempo, com RG, histórico escolar e comprovante de residência. Também há a opção de cadastro virtual pela Secretaria Escolar Digital, facilitando o acesso para quem tem pouco tempo disponível. Para quem prefere uma rotina mais tradicional, a Seduc-SP mantém ainda a EJA de presença regular em cerca de 600 escolas estaduais. Nesse formato, há encontros

coletivos, turmas organizadas por classe e acompanhamento contínuo da aprendizagem. Com dois modelos funcionando lado a lado, o Estado amplia as possibilidades e deixa claro o recado: voltar a estudar não precisa mais ser um privilégio de quem tem tempo sobrando. A escola pública tenta, finalmente, se adaptar à vida real de jovens, adultos e idosos que ainda insistem em não desistir da educação.

Volta às aulas chega com menos compras e mais reaproveitamento de material escolar

A volta às aulas de 2026 chega com um recado claro nas mochilas e nos bolsos das famílias brasileiras: economizar é palavra de ordem. Oito em cada dez brasileiros com filhos em idade escolar pretendem reaproveitar materiais do ano passado, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva em parceria com a QuestionPro. A prática, que antes podia soar como improviso, agora ganha status de planejamento. O levantamento mostra que a decisão de reaproveitar cadernos, lápis, mochilas e outros itens não nasce apenas da falta de dinheiro, mas de uma postura mais estratégica diante do orçamento apertado. Para o presidente do Instituto Locomotiva, Renato Meirelles, há um lado positivo nesse movimento. Segundo ele, as famílias estão lidando de forma mais “profissional” com recursos limitados, trocando o desespero por organização. Mesmo com esse cuidado, o peso financeiro da volta às aulas continua alto. O material escolar lidera a lista de gastos que mais pressionam o orçamento, citado por 89% dos entrevistados, seguido por uniforme, com 73%, e livros didáticos, com 69%. Não é pouca coisa, especialmente

quando esses custos se concentram logo no início do ano. A percepção de impacto no bolso é quase unânime. Cerca de 88% dos brasileiros afirmam que os gastos com a escola afetam o orçamento familiar. O aperto é ainda mais sentido entre as famílias de menor renda. Para 52% das classes D e E, o impacto é considerado muito grande. Já entre as classes A e B, esse índice cai para 32%, mostrando que a desigualdade também se reflete na forma de encarar a lista de materiais. Os efeitos não param por aí. O aumento nos preços dos itens escolares influencia decisões em outras áreas da vida. Para 84% dos entrevistados, comprar material para os filhos significa repensar gastos com lazer, alimentação ou até contas básicas do mês. Quando o preço assusta, a reação é quase automática: dois em cada três consumidores trocam a marca desejada por uma opção mais barata. Na hora da compra, o brasileiro segue dividido entre o físico e o digital. As lojas tradicionais ainda lideram, escolhidas por 45% dos consumidores. Outros 39% pretendem mesclar compras presenciais e online, enquanto 16%



Com o aumento dos custos, oito em cada dez famílias planejam reutilizar itens do ano anterior para enfrentar a volta às aulas - Foto: Divulgação

planejam adquirir quase tudo pela internet. O dado revela um consumo cada vez mais híbrido, em que preço, praticidade e comparação rápida fazem toda a diferença. No fim das contas, a volta às aulas de 2026 escancara uma re-

alidade já conhecida, mas agora mais organizada: reaproveitar deixou de ser vergonha ou exceção. Virou estratégia de sobrevivência e, para muitos, sinal de maturidade financeira em tempos de orçamento curto.

A MAGIA DAS LETRAS, LIVROS E DA LEITURA

Exclusivo para O Democrata - Prof. Everton Viesba
É editor-Chefe da V&V Editora, Doutorando em Educação na UNICID e
Coordenador do ObES-UNIFESP - eviesba@gmail.com



Onde foram parar as histórias?

Às vezes tudo começa de um jeito banal. Uma mesa de café, o barulho da colher batendo na xícara, alguém comentando o clima, outro reclamando da pressa do dia. E, no meio disso, um silêncio que não existia quando éramos mais jovens. Um silêncio que não é só a ausência de barulho, mas a ausência de narrativa. Hoje falta alguém dizer “deixa eu te contar uma coisa” e, com isso, suspender o tempo.

Muita gente que lê isso agora vai se reconhecer. Houve um tempo em que visitar a casa de um avô, de uma avó, de um tio mais velho significava entrar num território de histórias. A gente se sentava e, sem perceber, era levado para outro século, outro lugar, outra vida. Hoje, a gente senta e disputa atenção com a televisão, com o celular, com o noticiário que repete as mesmas tragédias.

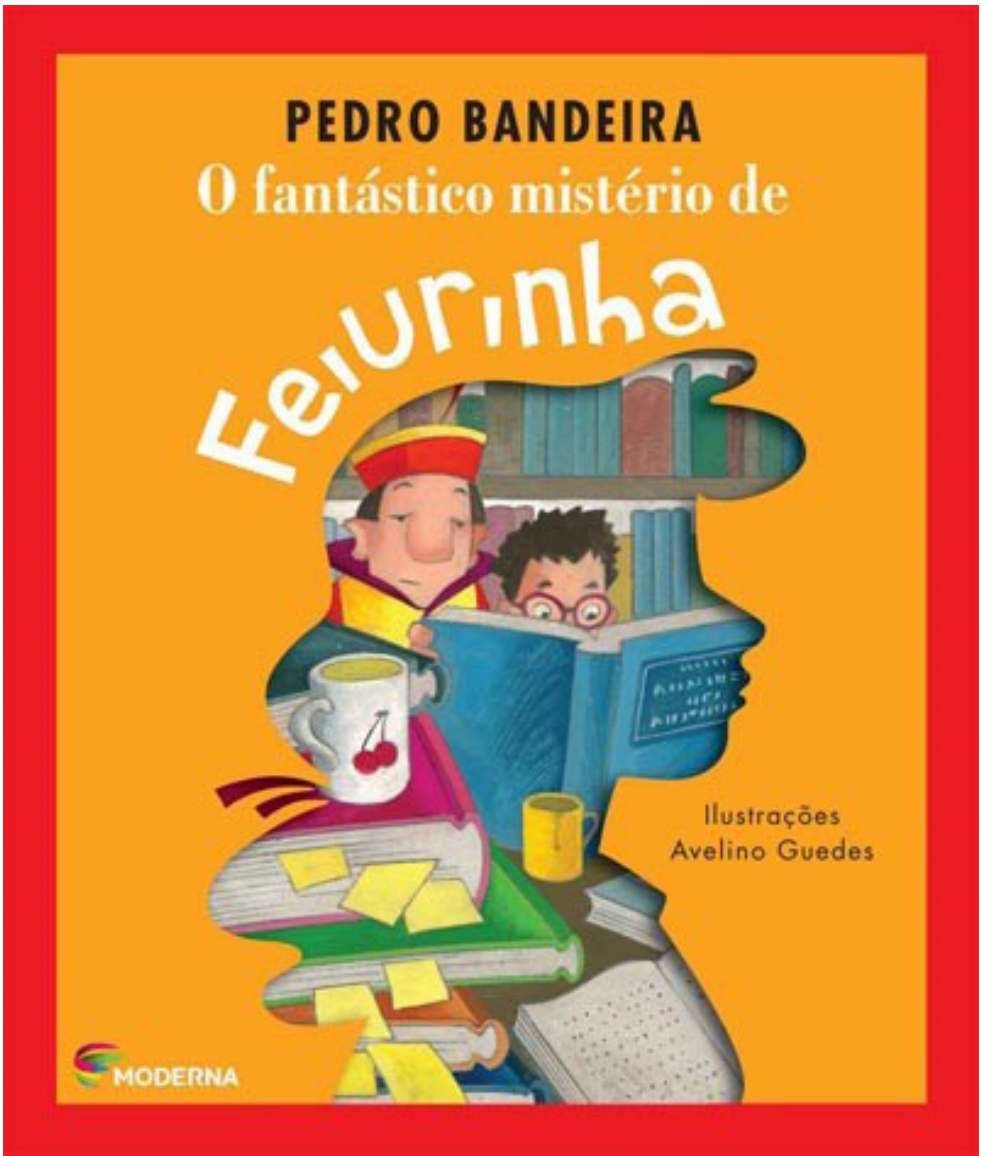
Talvez seja por isso que essa falta incomode tanto. Porque, quando ninguém mais conta histórias, não é só a imaginação que empobrece. É o próprio passado que começa a se apagar, como uma fotografia esquecida ao sol. Isso me faz pensar em Escolástica, a avó paterna da minha parceira de vida. Ela viveu cerca de oitenta anos, mas parecia ter vivido vários séculos. Cada vez que a visitávamos, era uma nova história. Não no sentido de invenção, mas de memória viva, pulsante, que parecia nunca se esgotar.

Escolástica falava dos antepassados como se estivessem ali, sentados na sala. Falava de

um bisavô que cruzou o sertão, de uma tia que fugiu para casar-se, de um vizinho que virou lenda porque ajudava todo mundo da vila. E falava também de si mesma, das secas do Ceará, da infância dura, da mudança para a cidade grande, da luta para sobreviver. Não havia pressa nas palavras de Escolástica. Havia ritmo, pausa, detalhe. E quando ela percebia que quem ouvia se distraía, ela logo dizia: — Ei, escuta! Era como se cada história precisasse ser bem acomodada no ouvido de quem escutava, como um objeto frágil que não pode cair.

Na última semana, estive em Minas Gerais, numa tentativa intuitiva de me aproximar das minhas próprias raízes. Queria ouvir as histórias do meu avô e de minha tia-avó nos lugares de onde vieram. Queria reencontrar algo que não está nos documentos, mas nas vozes. A paisagem ainda está lá. As colinas, o verde, o cheiro de terra molhada, o café passado cedo, às cinco da manhã, enquanto o sol começa a desenhar sombras compridas sobre a roça. O queijo ainda tem aquele gosto que parece condensar décadas de saber. O galo ainda canta, e como canta! Soa como um coral, primeiro um, depois outro, ora todos ao mesmo tempo.

Mas a cultura já não é a mesma. A moda de viola que embalava as noites quase desapareceu. Os repentes improvisados, que misturavam humor, crítica e poesia, deram lugar ao barulho da televisão ligada o dia inteiro. As histórias do meu avô cessaram, não porque não existam, mas porque não há mais disposição em contá-las. Os tios estão cansados, a comunidade,



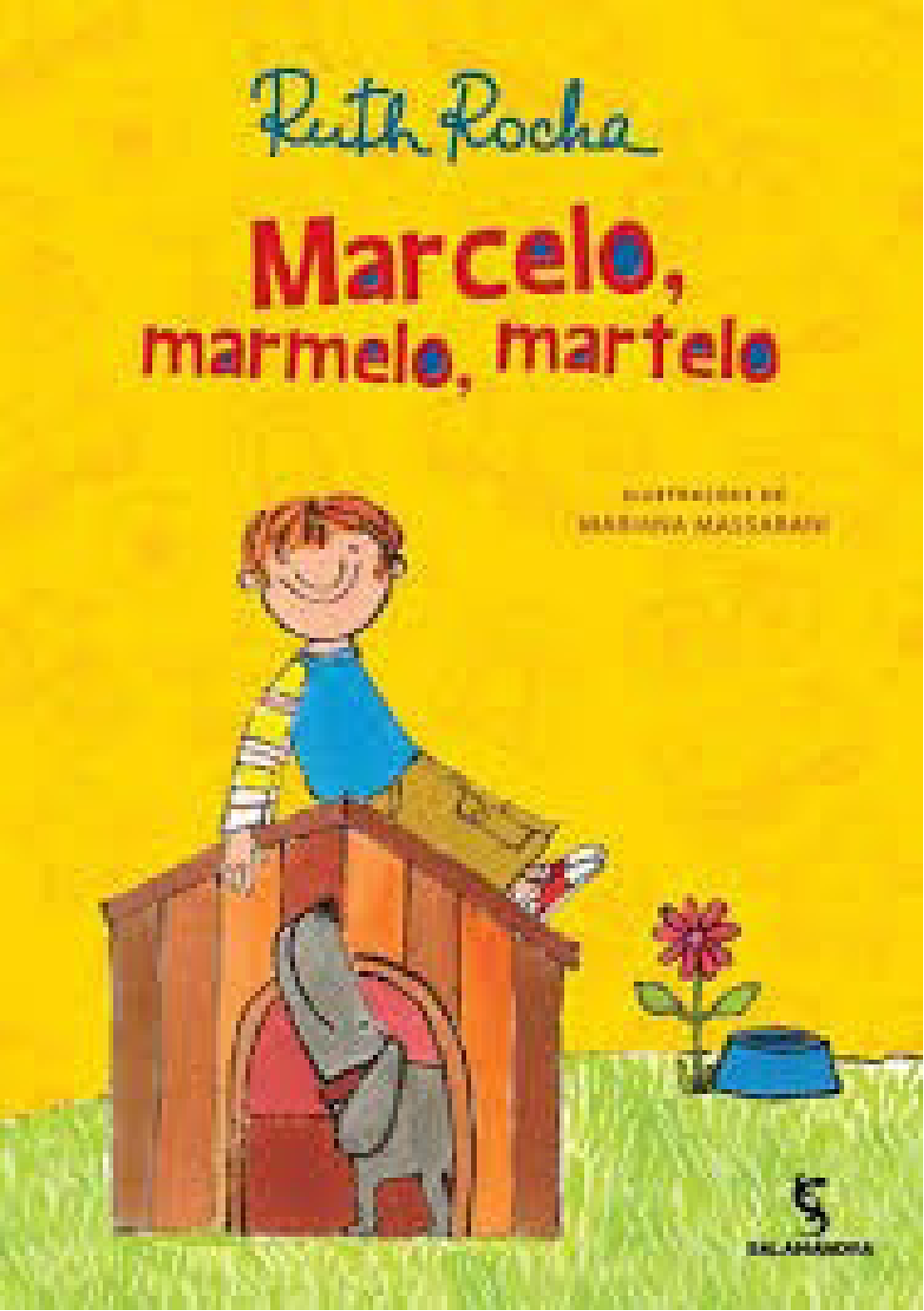
O fantástico mistério de Feiurinha (Ed. Moderna Literatura, 2009, 64 p.): a memória aparece como algo vivo, que se move, que se reinventa

de, mesmo fisicamente afastada do mundo urbano, abriu espaço para as fofocas da internet, para as narrativas prontas, importadas, que não falam daquele chão.

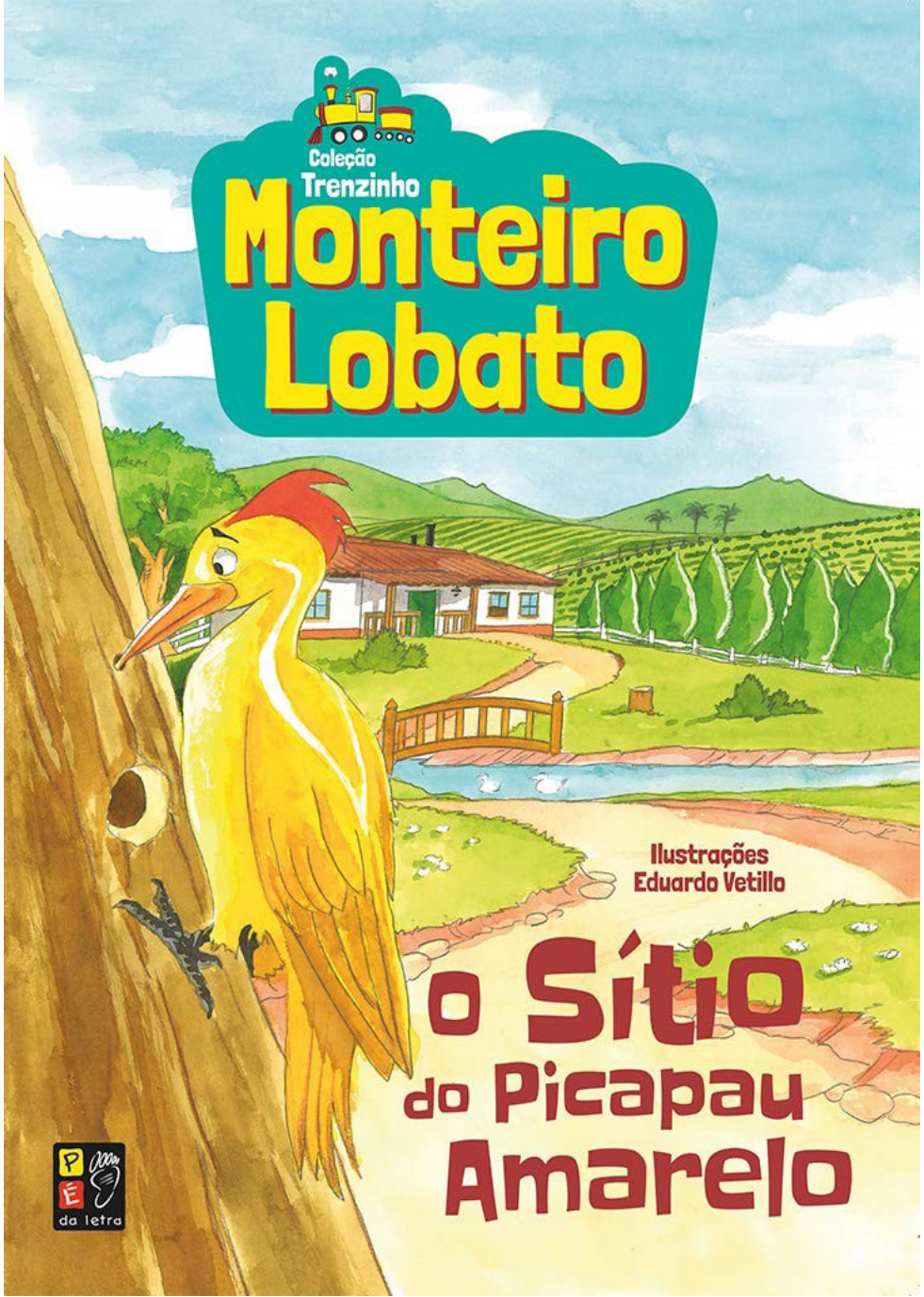
É estranho perceber que até na roça as histórias estão se calando. O vento passa, os animais seguem seus ciclos, as plantações crescem, mas as vozes humanas parecem cada vez mais tímidas diante do próprio passado. Isso nos obriga a reconhecer algo incômodo. Nem todo mundo sabe

ou consegue contar histórias. E isso também precisa ser respeitado. Meus pais, por exemplo, raramente me contavam histórias de suas vidas.

Eles não eram narradores como Escolástica. Não tinham prazer em reencenar o passado em palavras. Mas tinham um gesto igualmente poderoso. Cercavam-me de livros, valorizavam o conhecimento e faziam da leitura uma presença constante. Talvez fosse o jeito de-



Marcelo, Marmelo, Martelo (Ed. Salamandra, 2011, 64 p.) ensinava que as palavras também têm infância, que perguntar o porquê das coisas é uma forma legítima de estar no mundo



O Sítio do Picapau Amarelo (Ed. Pé da Letra, 2016, 16 p.) era, antes de tudo, um lugar de histórias compartilhadas

EDUCAÇÃO

les de dizer o que não sabiam contar. Talvez, ao me dar livros, estivessem me oferecendo as histórias que não conseguiam narrar em voz alta. Ainda hoje, quando tento puxar lembranças, perguntar sobre infância, sobre juventude, sobre dores e alegrias, sinto uma certa relutância. Há quem guarde suas memórias como quem guarda objetos frágeis demais para serem manuseados.

E está tudo bem. Nem toda história precisa ser dita. Mas o mundo empobrece quando nenhuma é. Contar histórias é uma arte. Não no sentido técnico, mas no sentido humano. É escolher o que lembrar, o que esquecer, o que destacar. É dar forma ao caos da experiência.

Quando alguém conta uma história, não está apenas informando. Está recriando. Está reorganizando a própria vida para que ela faça sentido para si e para o outro. A literatura infantil sempre soube disso. Autores como Pedro Bandeira, Ruth Ro-

cha e tantos outros entenderam que contar histórias é, na verdade, ensinar a viver. É mostrar que o mundo pode ser lido, interpretado, transformado.

Em obras como O fantástico mistério de Feiurinha (Ed. Moderna Literatura, 2009, 64 p.) ou nas narrativas de Ruth Rocha sobre família, escola e cotidiano, a memória aparece como algo vivo, que se move, que se reinventa. Muitos de nós aprendemos a escutar histórias primeiro pelos livros. Marcelo, Marmelo, Martelo (Ed. Salamandra, 2011, 64 p.) ensinava que as palavras também têm infância, que perguntar o porquê das coisas é uma forma legítima de estar no mundo. Ruth Rocha, ali, não contava apenas uma história engraçada. Ela autorizava a curiosidade, o estranhamento e o direito de não aceitar tudo como está.

Monteiro Lobato, com todas as contradições que hoje revisitamos criticamente, criou um espaço simbólico poderoso. O Sítio do Picapau Amarelo (Ed. Pé da Letra,

2016, 16 p.) era, antes de tudo, um lugar de histórias compartilhadas. Dona Benta narrava, tia Nastácia escutava e reinventava e as crianças perguntavam. O conhecimento circulava em forma de conversa, não de imposição. Ana Maria Machado também compreendeu cedo que contar histórias é ensinar a lidar com o invisível. Em livros como Bisa Bia, Bisa Bel (Ed. Salamandra, 2007. 60 p.), a memória aparece como presença que atravessa gerações. Uma bisavó que já não está mais presente continua falando, aconselhando, provocando. A tradição oral ali ganha forma literária, mas não perde o afeto.

Esses livros funcionaram, para muitos de nós, como substitutos das histórias que não ouvimos em casa. Eles nos ensinaram que lembrar é uma forma de viver de novo e que narrar é um gesto de cuidado com quem vem depois.

Ler essas histórias é aprender que recordar não é ficar preso ao passado. É manter o passado em diálogo com o presente. Talvez

seja por isso que a perda da tradição oral traga tantos prejuízos. Porque, quando ninguém mais conta histórias, o presente fica sem espelho. E o futuro, sem raízes.

As crianças de hoje crescem cercadas de conteúdos, mas carentes de narrativas. Veem muito, ouvem pouco. Sabem repetir, mas não sabem lembrar. Fazem dancinhas, mas perdem o ritmo da vida. Escolástica, com suas memórias do sertão, com seus relatos de migração e sobrevivência, costurava gerações sem saber. Ela dava às pessoas um lugar de onde vieram. Minas, com seu silêncio atual, me ensinou o contrário. Quando as histórias cessam, até a paisagem começa a parecer mais vazia.

Mas enquanto houver alguém disposto a contar, a escrever, a ler e a ouvir, as histórias não morrerão. Mas, quando ninguém mais conta, não é só a infância que se perde. É a própria memória do que fomos e do que ainda podemos ser.



ECONOMIA

CIESP Piracicaba divulga balanço de 2025 com queda nas exportações e alta nas importações

Déficit comercial da região alcança US\$ 515,2 milhões no acumulado de janeiro a dezembro.

Da Redação

O CIESP Piracicaba divulgou o desempenho do comércio exterior da região em 2025 e confirmou um cenário de pressão sobre a balança comercial. Entre janeiro e dezembro, as exportações recuaram -11,7% em relação a 2024, enquanto as importações avançaram 5,9%, resultando em um déficit de US\$ 515,2 milhões. A regional — que abrange Piracicaba, Águas de São Pedro, São Pedro, Santa Maria da Serra, Charqueada, Laranjal Paulista, Rio das Pedras e Saltinho — registrou queda nas vendas externas, que passaram de US\$ 3.318,0 bilhões para US\$ 2.929,3 bilhões. O recuo refletiu menor dinamismo da demanda internacional e os efeitos das tarifas implementadas em agosto. A pauta exportadora manteve forte concentração em máquinas e equipamentos mecânicos (63,7%), seguida por açúcares e produtos de confeitaria (7%) e quí-

micos orgânicos (6,8%). Os Estados Unidos seguiram como principal destino, absorvendo 44,4% das vendas, seguidos por Canadá (6,1%) e Argentina (5,3%). No sentido contrário, as importações somaram US\$ 3.444,5 bilhões, puxadas por máquinas e instrumentos mecânicos (50%), equipamentos elétricos (15,1%) e veículos automóveis e tratores (13%). Coreia do Sul (23,4%), Estados Unidos (21,8%) e China (17,2%) foram os principais fornecedores.

Perspectivas

Segundo o CIESP Piracicaba, o impacto das tarifas em vigor desde 6 de agosto foi sentido até dezembro e deve provocar ajustes no curto prazo. Empresas da região já trabalham com revisão de contratos, prazos de entrega e reorganização logística, além da busca por novos mercados — processo que tende a levar tempo para maturar.



A retração nas exportações confirma a desaceleração observada ao longo de 2025, movimento também registrado em outras 15 diretorias do CIESP no estado. Já o avanço das importações acompanha a tendência de alta em 32 diretorias, reforçando a

demanda por bens intermediários e de capital. Apesar do déficit, Piracicaba manteve a 8ª posição entre as diretorias do CIESP em valores exportados no acumulado de 12 meses, reafirmando sua relevância industrial no cenário paulista.

Netflix avalia oferta integral em dinheiro pela Warner Bros. Discovery

A Netflix estuda reformular sua proposta de compra da Warner Bros. Discovery e considera apresentar uma oferta totalmente em dinheiro, em uma tentativa de acelerar o processo de aquisição dos estúdios e dos negócios de streaming da companhia. A mudança nos termos do acordo, segundo fontes próximas às negociações, busca reduzir incertezas e dar maior segurança aos acionistas da Warner, que ainda estão divididos sobre qual proposta seria mais vantajosa. O plano original previa uma combinação de pagamento em dinheiro e ações da Netflix, mas a volatilidade do mercado e a resistência de concorrentes levaram a empresa a avaliar uma alternativa mais direta. Pelo modelo inicial, os acionistas da Warner receberiam US\$ 23,25 em dinheiro e US\$ 4,50 em ações ordinárias da Netflix, com ajustes previstos caso os papéis

da companhia recuassem abaixo de US\$ 97,91. Agora, a gigante do streaming cogita simplificar a transação com uma oferta 100% em dinheiro, o que poderia acelerar a conclusão do negócio, ainda sujeito a aprovações regulatórias nos Estados Unidos. A disputa pela Warner Bros. Discovery não se limita à Netflix. A Paramount Skydance Corporation também apresentou uma proposta e chegou a entrar com ação judicial para exigir mais informações sobre o acordo, defendendo que sua oferta de US\$ 30 por ação seria superior à da Netflix, avaliada em US\$ 27,75 por ação. Além da concorrência direta, o processo enfrenta resistência política, já que a aquisição envolve ativos estratégicos como HBO, CNN e o estúdio de cinema Warner Bros., todos com forte peso cultural e econômico.



Batalha bilionária envolve o histórico acervo de produções da Warner - Foto: Eric Gaillard /Reuters

Desde que a Netflix manifestou interesse na compra, as ações da Warner Bros. Discovery sofreram queda, refletindo a incerteza do mercado sobre o desfecho da negociação. Ainda assim, analistas destacam que uma oferta in-

tegral em dinheiro poderia reduzir riscos e aumentar as chances de aprovação pelos órgãos reguladores, além de sinalizar a disposição da Netflix em consolidar sua posição como líder global no setor de entretenimento.

ESCOLHA
ABANDONAR
O FUMO

e tenha uma vida
com mais saúde.

Uma campanha do jornal O Democrata

Exclusivo para O Democrata - Edvandro Cavaletto

Advogado especialista em Propriedade Intelectual, diretor da empresa Village Marcas e Patentes.



Marca registrada: transformando proteção em lucro

Muitos gestores cometem o erro de visualizar o registro de marca apenas como um custo operacional ou uma formalidade burocrática. No entanto, essa proteção jurídica deve ser encarada como um investimento estratégico capaz de aumentar diretamente o patrimônio e o faturamento de uma empresa.

Confira as principais formas de gerar receita através da sua marca:

1. Geração de Royalties e Expansão

O registro permite que a empresa lucre ao autorizar que terceiros utilizem seu nome e identidade visual.

- **Franquias:** É o pilar fundamental para quem deseja expandir o negócio através de novos franqueados.
- **Licenciamento:** O recebimento de royalties por uso da marca ou tecnologias associadas é uma fonte eficiente de renda passiva.
- **Atração de Capital:** Esses ganhos recorrentes tornam o

2. Valorização Patrimonial e de Mercado

Uma marca registrada deixa de ser apenas um nome e passa a ser um ativo intangível de alto valor.

- **Valuation:** Em negociações ou apresentações para investidores, a marca registrada justifica um valor de mercado (valuation) significativamente mais alto para o negócio.
- **Ações:** Para empresas listadas na bolsa de valores, a segurança jurídica do registro contribui para a valorização das ações.

3. Poder de Preificação e Branding

O registro garante a exclusividade necessária para que as estratégias de branding funcionem plenamente.

- **Valor Intrínseco:** Ao associar valores como qualidade e confiança à marca, cria-se uma percepção de valor superior no consumidor.

4. Acessibilidade para Todos

Diferente do que muitos pensam, a construção de uma marca

forte e rentável não é exclusividade de gigantes multinacionais. Atualmente, qualquer empresa pode utilizar as redes sociais para fortalecer sua imagem, garantir o registro e colher os frutos financeiros desse reconhecimento.

Fonte: VILAGE Marcas e Patentes



Marcas e Patentes



Banco Master: operações suspeitas levam a liquidação e inspeção do TCU

Da Redação

Nesta semana, o Banco Master voltou a ser alvo de investigações por parte da Polícia Federal e do Ministério Público Federal, após revelações sobre operações financeiras suspeitas envolvendo empréstimos e aplicações em CDBs. Segundo apurações, o banco teria concedido cerca de R\$ 1,45 bilhão em empréstimos ao longo de um ano, sendo que 95% desse montante retornou ao próprio banco por meio da compra de certificados de depósito bancário com rentabilidade acima do mercado. As autoridades investigam se essas movimentações foram utilizadas para simular liquidez e atrair investidores, o que pode configurar fraude financeira.

Além disso, o Banco Central decretou a liquidação extrajudicial da CBSF Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários, anteriormente conhecida como Reag Trust DTVM, que possui vínculos com o Banco Master. A decisão foi tomada com base em “violações graves” detectadas nas operações da instituição, e os bens dos controladores e ex-administradores foram tornados indisponíveis. O Banco

O Banco Master está no centro de uma crise que pode impactar a confiança no setor financeiro - Foto: Divulgação

Central indicou que novas medidas poderão ser adotadas conforme o avanço das investigações. O Tribunal de Contas da União também iniciou uma inspeção nos documentos que embasaram a decisão do Banco Central, com o objetivo de verificar a regularidade

das ações tomadas pela gestão de Roberto Campos Neto. A análise será conduzida por três técnicos e deve durar entre 15 e 20 dias. Esses desdobramentos colocam o Banco Master no centro de uma crise que pode impactar a con-

fiança no setor financeiro, especialmente entre instituições menores que operam com fundos de investimento. O mercado aguarda novas atualizações das autoridades, que podem incluir sanções adicionais ou responsabilizações criminais.

SUA DOAÇÃO NÃO TEM PREÇO

A doação mais generosa é a doação de sangue.

Uma campanha do jornal O Democrata



Primeiro sócio expõe: Banco Master nasceu de fraude na Faria Lima

Da Redação

Na quinta-feira, 15 de janeiro, veio a público o relato de Antonio Augusto Conte, primeiro sócio de Daniel Vorcaro na Faria Lima, que afirmou que o Banco Master já nasceu de operações fraudulentas. O empresário, responsável por apresentar Vorcaro ao mercado financeiro paulista há mais de uma década, foi alvo de busca e apreensão na segunda fase da Operação Compliance Zero, deflagrada pela Polícia Federal. Durante a ação, Conte entregou seu celular aos agentes, que investigam um esquema bilionário de fraudes envolvendo ocultação de patrimônio e lavagem de dinheiro. Segundo ele, o primeiro grande episódio ocorreu em 2011, quando Daniel Vorcaro e seu pai, Henrique Vorcaro, buscaram investidores para um projeto de hotel de luxo em Belo Horizonte, ligado à marca Golden Tulip. Esse empreendimento teria sido usado como fachada para movimentações financeiras irregulares, marcando o início da trajetória que culminaria na criação do Banco Master. As revelações de Conte reforçam a tese dos investigadores de que o Banco Master não apenas se envolveu em práticas ilícitas ao longo dos anos, mas que sua própria origem já estava marcada por irregularidades. A Operação Compliance Zero apura como fundos e empresas ligadas ao grupo foram utilizados para mascarar operações financeiras e dar aparência de solidez a negócios que, na prá-



Depoimento do ex-sócio é considerado crucial

tica, serviam para desviar recursos e lavar dinheiro. O depoimento do ex-sócio é considerado crucial porque ele esteve presente nos primeiros passos de Vorcaro na Faria Lima, ambiente que consolidou a imagem do banqueiro como um novo player do mercado. Agora, porém, essa narrativa é desmontada por acusações de fraude desde o início. Além disso, familiares próximos de Vorcaro — incluindo irmã, cunha-

do e primo — também se tornaram alvo da investigação, ampliando o alcance das diligências e reforçando a suspeita de que o esquema envolvia uma rede de pessoas ligadas diretamente ao banqueiro. Essas revelações colocam em xeque não apenas a reputação de Daniel Vorcaro, mas também a credibilidade do Banco Master, que já enfrenta medidas severas do Banco Central e inspeções do Tribunal de Contas da União. O

caso expõe como práticas fraudulentas podem se infiltrar no sistema financeiro desde sua fundação, gerando riscos para investidores e para a estabilidade do mercado. Em resumo, o relato de Antonio Augusto Conte sugere que o Banco Master nasceu de uma base fraudulenta, e que a ascensão de Vorcaro na Faria Lima foi construída sobre operações irregulares que hoje estão no centro de uma investigação bilionária.

Passagens aéreas mais baratas em 2026? Planejamento é a chave

Quem pretende viajar em 2026 sem comprometer o orçamento precisa ficar atento ao calendário de promoções das companhias aéreas e programas de fidelidade. Segundo levantamento do UOL e de sites especializados, como Promoção Relâmpago Passagens e Mercado & Eventos, há períodos específicos ao longo do ano em que as ofertas se intensificam, permitindo a compra de passagens com descontos significativos. Ao contrário da alta temporada e dos feriados prolongados, que costumam elevar os preços, os meses de aniversário das empresas aéreas e dos programas de pontos concentram ações promocionais voltadas à fidelização de clientes. Nesses períodos, é comum encontrar feirões de passagens, bônus de transferência de pontos, milhas reduzidas para resgate e até descontos para acompanhantes. Janeiro, por exemplo, é considerado um dos melhores meses para quem busca preços baixos. Além de marcar o início do ano, muitas companhias aproveitam para lançar campanhas promocionais ligadas a metas de vendas e fidelização. Março e abril também costumam trazer boas oportunidades, especialmente em datas próximas ao aniversário de programas como Smiles e Latam Pass.



Meses de aniversário das empresas aéreas e dos programas de pontos concentram ações promocionais voltadas à fidelização de clientes

Julho e agosto, embora tradicionalmente associados às férias escolares, podem surpreender com ofertas pontuais, principalmente em voos internacionais. Já novembro, com a chegada da Black Friday, é um dos momentos mais aguardados pelos viajantes. Nessa época, as empresas aéreas costumam liberar cupons de desconto, pacotes promocionais e condições

especiais para quem compra com antecedência. Além das datas comerciais, é importante acompanhar os canais oficiais das companhias aéreas e aplicativos de viagem, que frequentemente divulgam promoções relâmpago com duração limitada. A recomendação dos especialistas é que o consumidor mantenha um perfil ativo nos programas de fidelidade, cadastre alertas de preço e

esteja disposto a flexibilizar datas e horários para aproveitar as melhores tarifas. Embora o calendário não garanta descontos, ele serve como guia estratégico para quem deseja economizar e ampliar suas opções de viagem. Em tempos de inflação e orçamento apertado, voar barato exige mais do que sorte — exige planejamento e atenção às oportunidades.

Aluguel residencial dispara: preços sobem quase 10% em 2025



O preço do aluguel residencial no Brasil registrou forte alta em 2025, segundo dados divulgados pelo índice FipeZap. O levantamento apontou que os valores médios subiram quase 10% ao longo do ano, bem acima da inflação oficial medida pelo IPCA. Esse movimento reflete a combinação de maior demanda por imóveis urbanos e a escassez de novas unidades disponíveis para locação. Em grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, os reajustes foram ainda mais expressivos, pressionando o orçamento das famílias. Especialistas destacam que a procura por imóveis menores e bem localizados cresceu, impulsionada pelo retorno presencial ao trabalho e pela busca por mobilidade. Ao mesmo tempo, os proprietários aproveitaram o cenário de juros mais baixos para repassar aumentos. O mercado imobiliário, que vinha de anos de estabilidade, mostrou recuperação acelerada em 2025. A valorização dos aluguéis também atraiu investidores, que enxergam maior rentabilidade no setor. Para os inquilinos, no entanto, o impacto foi significativo, com aumento da inadimplência em algumas regiões. O estudo da FipeZap reforça que o aluguel residencial se tornou um dos principais motores de pressão no custo de vida urbano. A expectativa para 2026 é de manutenção da alta, ainda que em ritmo mais moderado.

Ibovespa em recorde histórico

O Ibovespa fechou o pregão acima de 165 mil pontos, atingindo máxima histórica. A alta foi puxada por ações de bancos, mineradoras e petroleiras. O movimento refletiu otimismo dos investidores após dados positivos do varejo. Apesar do avanço, analistas alertam para volatilidade no curto prazo. O dólar recuou para R\$ 5,38, trazendo alívio ao câmbio.

Banco Central endurece fiscalização

O Banco Central decretou a liquidação extrajudicial da CBSF DTVM, antiga Reag Investimentos. A medida foi motivada por graves violações financeiras e suspeitas de ligação com o Banco Master. Os bens dos controladores foram tornados indisponíveis para garantir ressarcimento. Autoridades reforçam que novas medidas podem ser adotadas conforme a apuração. O caso aumenta a pressão sobre instituições menores do mercado financeiro.

Juros futuros em alta

Os contratos de juros futuros avançaram nesta quinta-feira. O movimento reflete cautela dos investidores diante da liquidação decretada pelo Banco Central. A curva de juros precifica maior risco fiscal e incertezas externas. Especialistas avaliam que o cenário pode limitar cortes mais agressivos na Selic. O mercado segue atento às próximas reuniões do Copom.

Comércio varejista surpreende

Dados recentes mostraram crescimento acima do esperado nas vendas do varejo. O setor foi impulsionado por promoções de fim de ano e maior confiança do consumidor. Empresas de e-commerce registraram forte participação no resultado. O desempenho reforça a expectativa de expansão moderada do PIB em 2026. Analistas destacam que o consumo interno segue como motor da economia.

Inflação em desaceleração

A inflação medida pelo IPCA mostrou queda no último trimestre, refletindo menor pressão dos alimentos. O recuo foi impulsionado pela safra agrícola mais robusta e pela estabilidade nos combustíveis. Economistas avaliam que o movimento abre espaço para cortes adicionais na taxa Selic. O Banco Central, contudo, mantém cautela diante da volatilidade internacional. O mercado projeta inflação abaixo de 4% para o ano.

Selic em debate

O Comitê de Política Monetária discute novos cortes na taxa básica de juros. A decisão será influenciada pelo comportamento da inflação e da atividade econômica. Parte dos analistas defende redução mais agressiva para estimular crédito e consumo. Outros alertam para riscos de desvalorização cambial e fuga de capitais. O consenso aponta para corte moderado de 0,25 ponto percentual.

PIB com sinais mistos

O Produto Interno Bruto apresentou crescimento modesto no úl-

timo trimestre. A indústria segue em recuperação lenta, enquanto o setor de serviços mostra vigor. O consumo das famílias foi sustentado pelo crédito e programas sociais. Já os investimentos privados permanecem tímidos diante da incerteza política. Economistas projetam expansão anual próxima de 2%.

Mercado de trabalho

A taxa de desemprego caiu levemente, mas ainda permanece elevada. A informalidade continua sendo a principal forma de ocupação. Setores de tecnologia e serviços puxam a criação de vagas formais. O rendimento médio real cresceu, impulsionado pela queda da inflação. O desafio segue sendo a inclusão produtiva de jovens.

Câmbio volátil

O dólar oscilou fortemente diante das tensões geopolíticas e da política monetária dos EUA. A moeda americana chegou a superar R\$ 6 em momentos de maior estresse. Exportadores se beneficiaram da valorização cambial, ampliando receitas externas. Importadores, por outro lado, enfrentaram custos mais altos em insumos. O Banco Central interveio com leilões de swap cambial.

Crédito em expansão

Os bancos ampliaram a oferta de crédito para empresas e famílias. Linhas de financiamento imobiliário tiveram forte crescimento. O crédito consignado também avançou, sustentado por juros menores. Apesar disso, a inadimplência mostra sinais de alta entre pessoas físicas. Autoridades monitoram riscos de endividamento excessivo.

Investimentos estrangeiros

O Brasil registrou aumento no fluxo de investimentos diretos. Projetos em energia renovável atraíram capital internacional. A confiança dos investidores foi reforçada por reformas estruturais. Ainda assim, a instabilidade política gera cautela em novos aportes. O país segue como destino relevante na América Latina.

Energia renovável

O setor de energia limpa atraiu novos investimentos. Projetos solares e eólicos ganharam destaque em diversas regiões. O governo anunciou incentivos fiscais para ampliar a matriz sustentável. Empresas estrangeiras demonstraram interesse em parcerias locais. A transição energética avança como prioridade estratégica.

Tecnologia financeira

As fintechs ampliaram participação no mercado de crédito. Plataformas digitais oferecem soluções mais ágeis e acessíveis. A concorrência pressiona bancos tradicionais a inovar. O Banco Central acompanha o setor para evitar riscos sistêmicos. O open banking fortalece a integração entre instituições.

Mercado de capitais

A bolsa de valores registrou alta impulsionada por empresas de tecnologia. Investidores estrangeiros voltaram a comprar ações brasileiras. O volume de IPOs aumentou, sinalizando confiança no mercado. Ainda assim, a volatilidade global afeta o desempenho dos papéis. Analistas recomendam cautela em setores mais expostos ao câmbio.

Dívida pública

A dívida pública cresceu em função de gastos sociais e subsídios. O Tesouro Nacional busca alternativas para reduzir o endividamento. Leilões de títulos atraíram investidores diante de juros elevados. Economistas alertam para necessidade de ajuste fiscal. A sustentabilidade das contas públicas segue em debate.

Consumo das famílias

O consumo doméstico mostrou recuperação após retração no ano anterior. Programas de transferência de renda ajudaram a sustentar a demanda. O crédito mais barato também impulsionou compras de bens duráveis. O comércio varejista registrou aumento nas vendas online. A confiança do consumidor permanece em trajetória positiva.

Setor automotivo

A produção de veículos cresceu com foco em exportações. Montadoras anunciaram novos investimentos em fábricas locais. O mercado interno ainda enfrenta demanda moderada. Carros elétricos começam a ganhar espaço nas vendas. O setor aposta em inovação para manter competitividade.

Comércio eletrônico

O e-commerce registrou expansão significativa. Plataformas digitais ampliaram participação no varejo. O setor logístico investiu em eficiência para atender à demanda. Consumidores adotaram novas formas de pagamento online. A concorrência intensificou-se entre grandes marketplaces.

Perspectivas para 2026

Economistas projetam crescimento moderado da economia brasileira. A inflação controlada abre espaço para juros menores. O câmbio seguirá volátil diante de incertezas externas. Investimentos em infraestrutura podem impulsionar o PIB. O desafio será manter equilíbrio fiscal e confiança do mercado.

SAÚDE

Injeção a cada seis meses pode virar o jogo na prevenção do HIV no Brasil

Aprovado pela Anvisa, o medicamento promete alta eficácia e menos abandono do tratamento ao exigir apenas duas aplicações por ano.

Por CLAYTON MURILLO
Jornalista da redação de O Democrata



Novo medicamento aprovado no Brasil alia alta proteção, tecnologia inédita e praticidade no cuidado preventivo - Foto: Divulgação

A Anvisa deu sinal verde para um avanço que promete mexer com a forma como o país encara a prevenção do HIV. O órgão aprovou o uso do Sunlenca, medicamento à base de lenacapavir, como profilaxia pré-exposição, a chamada PrEP. O detalhe que chama atenção e muda a lógica do cuidado é a possibilidade de uma injeção subcutânea aplicada apenas duas vezes por ano. O novo fármaco é indicado para adultos e adolescentes a partir de 12 anos, com peso mínimo de 35 kg, que estejam sob risco de infecção pelo HIV-1. Antes de iniciar o uso, é obrigatório apresentar teste negativo para o vírus. Além da versão injetável, o medicamento também possui apresentação em comprimidos, mas é o esquema

semestral que vem sendo visto como um divisor de águas na adesão ao tratamento. Os estudos clínicos analisados pela Anvisa apontam números expressivos. Entre mulheres cisgênero, o Sunlenca apresentou 100 por cento de eficácia na redução da incidência do HIV-1. Em outros grupos, a proteção foi 96 por cento maior em relação à incidência de base e 89 por cento superior quando comparada à PrEP oral diária. Os dados indicam não apenas proteção elevada, mas também maior continuidade no uso, um dos principais desafios das estratégias atuais. O lenacapavir é classificado como um antirretroviral de primeira classe. Ele atua diretamente no

capsídeo do HIV-1, bloqueando múltiplos estágios do ciclo do vírus. Na prática, isso impede que o HIV consiga se replicar e realizar a transcrição reversa, processo essencial para usar as células humanas como fábrica de novas cópias do vírus. Apesar da aprovação regulatória, o medicamento ainda não está disponível no mercado. O próximo passo é a definição do preço máximo pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos. Já a possível oferta pelo SUS dependerá da análise da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde e de decisão do Ministério da Saúde. A PrEP é considerada uma das principais ferramentas da preven-

ção combinada ao HIV, estratégia que reúne diferentes ações para reduzir a transmissão do vírus. Entre elas estão a testagem regular, o uso de preservativos, o tratamento antirretroviral para pessoas vivendo com HIV, a profilaxia pós-exposição e o acompanhamento de gestantes soropositivas. O peso da aprovação do lenacapavir vai além do Brasil. Em julho de 2025, a Organização Mundial da Saúde passou a recomendar o medicamento como opção adicional para PrEP, classificando-o como a melhor alternativa disponível depois de uma vacina contra o HIV, que ainda não existe. A expectativa agora é saber quando essa inovação vai sair do papel e chegar, de fato, a quem mais precisa.

Menos infecção, mais vida e economia: projeto vira o jogo nas UTIs do SUS

Uma boa notícia em meio a um cenário historicamente crítico da saúde pública brasileira. Um projeto desenvolvido para combater infecções hospitalares em unidades públicas está mostrando que é possível salvar vidas, melhorar o atendimento e ainda economizar recursos do Sistema Único de Saúde. Entre setembro de 2024 e outubro de 2025, o Saúde em Nossas Mãos reduziu em 26% as infecções relacionadas à assistência à saúde em UTIs de adultos, crianças e recém-nascidos em todo o país. O impacto vai além dos números clínicos. Com menos infecções, o SUS deixou de gastar mais de R\$ 150 milhões no período. Cada caso evitado representa uma economia que varia entre R\$ 60 mil e R\$ 110 mil, valores que costumam ser consumidos por tratamentos prolongados, uso de antibióticos e aumento do tempo de internação.

O projeto é fruto da parceria entre alguns dos maiores hospitais do país, como Oswaldo Cruz, Beneficência Portuguesa de São Paulo, Albert Einstein, Hcor, Moinhos de Vento e Sírio-Libanês. Todos integram o Proadi-SUS, programa do Ministério da Saúde que une excelência hospitalar privada ao fortalecimento da rede pública. Na prática, o Saúde em Nossas Mãos atua diretamente nas UTIs para reduzir três das infecções mais graves e frequentes: infecção primária de corrente sanguínea associada a cateter venoso central, pneumonia ligada à ventilação mecânica e infecção urinária relacionada ao uso de sonda vesical. São problemas que aumentam o risco de morte e os custos hospitalares, mas que podem ser prevenidos com protocolos bem definidos e treinamento das equipes. Segundo a coordenadora geral do projeto, Claudia Garcia, a inicia-

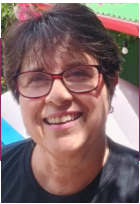


Projeto Saúde em Nossas Mãos avança no enfrentamento das principais infecções hospitalares no país - Foto: Divulgação

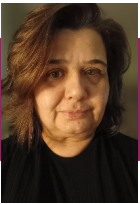
tiva vai além de regras técnicas. Ela destaca que o programa cria um ambiente de aprendizado coletivo dentro das unidades de terapia intensiva, onde profissionais compartilham experiências e aprimoram práticas de cuidado com foco na prevenção. O desafio não é pequeno. Estimativas globais indicam que as infecções relacionadas à assistência à saúde podem provocar até 3,5 milhões de mortes por ano.

No Brasil, elas ainda representam um problema silencioso, mas com efeitos devastadores para pacientes e para o sistema de saúde. Com os resultados positivos já alcançados, a meta agora é ainda mais ambiciosa: reduzir em 50% as infecções hospitalares até o fim deste ano. Se depender do que já foi feito, o projeto mostra que investir em prevenção não é só uma escolha inteligente, é uma necessidade urgente.

SAUDE MENTAL EM PROSA - Exclusivo para O Democrata



Dra. Ana Paterniani
É médica psiquiatra e terapeuta sexual



Daniela Zampieri
Psicóloga Clínica especializada em Neurodivergências

Feminicídio e saúde mental da mulher

Se tem um tema que certamente não gostaríamos de tratar em nossa coluna e sequer desejaríamos que existisse é o feminicídio, e enquanto mulheres, nos é doloroso falar, ouvir, e saber que diariamente muitas das nossas são mortas simplesmente por serem mulheres.

Feminicídio é o assassinato de uma mulher por sua condição de gênero, ou seja, por ser mulher. Ocorre com frequência em contextos de violência doméstica, familiar, menosprezo ou discriminação. Previsto no Código Penal Brasileiro como qualificadora do homicídio, é crime hediondo com pena de 12 a 30 anos de reclusão.

Mesmo assim, muitos homens parecem ignorar as consequências, o que reflete as desigualdades de poder e estruturas sociais discriminatórias, frutos de uma sociedade machista e patriarcal.

Geralmente essa violência vem de parceiros ou familiares, em que relações de controle, ódio e posse, se fazem presentes na figura de um homem.

A Lei nº 13.104/2015 inseriu o feminicídio no Art 121 do Código Penal, aumentando a pena para o homicídio qualificado. Sendo assim, ao ser incluído, o feminicídio passou a ter um tratamento penal mais rigoroso, como estupro e genocídio.

O contexto em que o feminicídio se encontra majoritariamente é o doméstico e familiar, com abusos físico, psicológico e sexual, dentro do lar (com maior ocorrência) e também fora dele. Ódio, misoginia, sentimento de posse que o agressor tem da mulher, são algumas das motivações para essa violência, crime.

E muitas vezes, a mulher acaba sofrendo violência institucional, em que o Estado falha na proteção da mulher, gerando forte sentimento de impunidade, e também da cultura e socieda-

de, que desvalorizam e inferiorizam as mulheres, muitas vezes as culpabilizando, como se fossem as responsáveis pela violência sofrida.

Todo esse cenário impacta fortemente a vida dessa mulher, causando prejuízos muitas vezes irreparáveis no que diz respeito a sua saúde mental. Muitas relatam que é um “eterno reviver a violência...”

Então a necessidade urgente de oferecer a essa mulher serviço adequado e especializado com psicólogas/os e psiquiatras com fins de ajudá-la a ressignificar a própria vida.

E estender esse atendimento aos familiares, lembrando que os filhos também sofrem dessa violência diretamente e famílias são destruídas..

Verdade, Dani, uma tristeza escrever sobre esse tema! Porém muito necessária se faz essa reflexão.

Além de vermos todos os dias estampados nos jornais esses crimes hediondos, sofremos com os relatos de nossas pacientes nos seus relacionamentos abusivos nos quais ficamos temendo esses desfechos.

Na minha opinião, um dos motivos desses acontecimentos bárbaros é a péssima saúde mental dos homens, como citamos em outro artigo, que não se cuidam devido ao preconceito.

Assim, homens com transtornos psicóticos, com problemas com álcool e/ou drogas e outros acabam cometendo essas barbaridades, e também por estarem inseridos na cultura machista em que vivemos, reforçando ainda mais esse comportamento violento.

O resultado é essa tragédia que na minha opinião para ser sanada precisaria começar por uma boa educação das crianças do que é respeito...Aí sim haveria esperança!

Educadores, pais, mães, tias, tios, avós, avôs, professores e professoras,, todos ensinando e dando o exemplo da igualdade de



gênero, para um mundo melhor, com mais amor e com menos dor!

Exatamente, Aninha! Penso sempre na educação como agente transformadora! Uma educação feminista para todas, todos e todes, focando principalmente em nossos meninos, desconstruindo esse modelo machista em que “existem coisas de menino e coisas de menina, cor de menino e cor de menina, assim como também brinquedos e brincadeiras,” que os meninos têm de ser fortes e valentes, mas nunca sensíveis ou sequer chorar ou demonstrar sentimentos... E como você bem disse, ensiná-los o respeito à igualdade de gênero! Pelos Direitos Humanos das Mulheres! Pela Vida de Todas! Nenhuma a menos!

Abraços leitoras e leitores e até a próxima!

Entre em contato e mande sua pergunta:
Dra. Ana Paterniani
Email: ana.paterniani@gmail.com
Celular: (19) 98162-9630

Daniela Zampieri
Email: zampieri.terapiacomportamental@gmail.com
Celular: (19) 99822-7106

Sobre as autoras:
Ana Lúcia Stipp Paterniani
Formada médica na USP de Ribeirão Preto
Residência em Psiquiatria e Psicoterapia no Hospital das Clínicas da USP de Ribeirão Preto
Terapeuta Sexual pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH)
Trabalha em consultório particular

Daniela Zampieri
Formada em psicologia pela Universidade Metodista de Piraicaba
Especialista em Educação pela Universidade Federal de São Carlos
Psicóloga Clínica com ênfase em Neurodivergências
Promotora Legal Popular atuando no apoio e suporte psicológico às mulheres vítimas de violência

Uma campanha do jornal O Democrata



doe
sangue
&
salve
vidas.

Exclusivo para O Democrata - André de Siqueira
Especialista em Psicanálise Clínica Especialista em Mediação



Intolerância religiosa: o espelho que não queremos ver

Diversidade não é só diferença, é também espelho — o que no outro me incomoda, muitas vezes revela algo em mim. A intolerância religiosa, tão presente em nossa história e ainda tão viva em nossos dias, nasce justamente da dificuldade de olhar para esse espelho. O outro, com sua fé, seus rituais, sua forma de se relacionar com o sagrado, nos confronta com aquilo que não controlamos em nós mesmos. E diante desse confronto, muitos escolhem a rejeição.

A psicanálise nos ensina que o inconsciente é plural. Ele não conhece fronteiras de crença, não distingue entre religiões, não separa o humano em categorias rígidas. O inconsciente apenas se manifesta, pedindo escuta. Quando não suportamos o que o outro acredita, muitas vezes estamos recusando aquilo que em nós permanece estranho, silencioso, não elaborado. A intolerância é uma defesa contra o desconhecido interno.

O dia 21 de janeiro, marcado como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, nos lembra que fé não é ameaça, é caminho. Cada religião, cada espiritualidade, cada forma de se relacionar com o divino é uma narrativa que merece respeito. Escutar o diverso é também escutar nossa própria multiplicidade. É reconhecer que não somos feitos de uma única voz, mas de muitas.

A intolerância religiosa fere não apenas quem é alvo dela, mas também quem a pratica. Porque ao negar o outro, negamos parte de nós. Ao tentar silenciar uma fé, silenciaremos também nossa própria capacidade de conviver com o diferente. A diversidade espiritual é riqueza, não perigo. É ponte, não muro.

A psicanálise nos lembra que o estranho não é apenas ex-



terno, ele mora dentro de nós. E quando aprendemos a escutá-lo, podemos transformar medo em acolhimento. O combate à intolerância religiosa, portanto, não é apenas uma questão social ou política. É também uma questão psíquica. É aprender a lidar com o estranho em nós, para que possamos lidar com o estranho no outro.

Janeiro é branco, mas a alma é colorida. E entre essas cores está a fé, múltipla, diversa, viva. Respeitar a diversidade religiosa é respeitar a humanidade. É aceitar que ser humano é ser múltiplo, e que essa multiplicidade é fonte de vida.

A intolerância religiosa é como uma tentativa de apagar cores de um quadro que já nasceu colorido. É como querer reduzir a música a uma única nota, ou a poesia a uma única palavra. Mas o humano não cabe em reduções. Ele é feito de pluralidade, de contrastes, de harmonias inesperadas. E é justamente essa pluralidade que nos torna inteiros.

Quando alguém rejeita a fé do outro, está rejeitando também a própria capacidade de conviver com o diverso. Está negando a possibilidade de aprender, de se transformar, de se enriquecer com aquilo que não domina. A intolerância é um empobrecimento da alma. A diversidade, ao contrário, é expansão.

O inconsciente que nos une é feito de dores e esperanças, de medos e sonhos, de ausências e presenças. Ele não distingue cor, religião, gênero ou classe social. Ele apenas se manifesta, pedindo escuta. E quando escutamos, descobrimos que não estamos tão distantes assim. Que o outro, por mais diferente que pareça, carrega em si algo que também nos habita.

Por isso, o combate à intolerância religiosa é também um exercício de humanidade. É aprender a olhar para o espelho sem medo. É aceitar que o que nos incomoda pode ser convite à transformação. É perceber que o que diverge

pode ser caminho de encontro.

Janeiro nos oferece duas reflexões poderosas: o branco da saúde mental e o colorido da diversidade. O branco é folha em branco, convite ao recomeço. O colorido é lembrança de que a vida é feita de muitas cores, muitas vozes, muitas formas de existir. E quando unimos os dois, percebemos que cuidar da mente é também cuidar da convivência. Que paz e equilíbrio não se constroem sem respeito ao diverso.

Assim, o dia 21 de janeiro não é apenas uma data. É um chamado. Um chamado para transformar silêncio em diálogo, preconceito em respeito, intolerância em humanidade. É um convite para que cada um de nós reconheça no outro não apenas o que diverge, mas também o que nos une. Porque no fim, a diversidade religiosa não é só diferença. É espelho. E nesse espelho, podemos nos encontrar.

Uma campanha do jornal O Democrata





ÓTICA ATUAL



Confira nossas
promoções



ARMAÇÕES DE
A partir
de: QUALIDADE

R\$99,00



ÓCULOS VISÃO
SIMPLES COMPLETO

A partir
de: **10X R\$19,90**

Apresente sua receita e valide se enquadra nas promoções
Promoções válidas com apresentação deste panfleto



ÓCULOS COMPLETO MULTIFOCAL COM
LENTE TRATAMENTO ANTIRREFLEXO

A partir
de:

10X R\$39,90



@AOTICAATUAL



R. GOV. PEDRO DE TOLEDO, 1457 - CENTRO,
PIRACICABA - SP



(19) 3422-3705 | (19) 99710-0540



www.aoticaatual.com.br

Visão Simples: ESF -6,00 a +6,00 CIL -2,00 | Multifocal: ESF -3,00 A +3,00 ADIÇÃO ATÉ 3,00

ESPORTE

Elite da corrida de rua participa da Corrida São Vicente Meia Maratona de Americana

Organização apresenta novidades no percurso e no ponto de largada; prova acontece no próximo domingo, dia 18/01, a partir das 6h.

Por EDILSON RODRIGUES DE MORAIS
Jornalista da redação de O Democrata



Meia Maratona de Americana é o primeiro grande evento de pedestrianismo do interior paulista em 2026 - Foto: Fotop

Com a patrocínio dos Supermercados São Vicente e com a organização da Chelso Sports, o interior paulista vai vibrar nesse início de 2026 com a Corrida São Vicente Meia Maratona de Americana, que acontece neste domingo, dia 18 de janeiro. A prova nos percursos de 5 km, 10 km e 21 km, conta com a aferição da CBAAt (Confederação Brasileira de Atletismo) e chega com novidades no percurso e no ponto de largada, que passa a ser a Rua Padre Oswaldo Vieira de Andrade, no Jardim Terramérica. E por que as mudanças? O ponto de concentração e de largada é um amplo espaço para a perfeita montagem da arena e das tendas das equipes de assessoria

esportiva, o que proporciona conforto aos atletas e seus familiares. Além disso, a Terramérica oferece opções para estacionamento e a redução das passagens pela avenida Brasil, o que facilita a logística e a segurança do evento.

Elite Masculina e Feminina

Entre os destaques do pedestrianismo brasileiro estarão Marilene de Jesus Ferreira, moradora de São José dos Campos e atual recordista da Corrida São Vicente do Alvinegro 2025 com o tempo de 1h2m14s. Ela também acumula pódios nas Meias Maratonas de Porto Alegre (RS), Brasília (DF) e Blumenau (SC). No pelotão de elite feminino, destaque também para Natália Regi-

na Painelli, vencedora de várias provas nacionais e com passagem internacional pela Maratona de Chicago 2023. No pelotão de elite masculino, Antônio Marco Pereira de Araújo é o atual recordista da Corrida São Vicente do Alvinegro com o tempo de 46m59s. O atleta acumula vitórias nas Maratonas de Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e participação na Zurich Sevilla Marathon e em várias edições da Corrida Internacional de São Silvestre. Entre os homens, Adriano Sampaio de Leme também traz na bagagem longa experiência nas corridas de longa distância, integrando a classificação no top 10 da Corrida Integração de 2025.

Informações gerais da Corrida São Vicente Meia Maratona de Americana
Data: 18 de janeiro de 2026
Horários:
5h – Concentração
6h – Largada 21 km Elite Masculino e Feminino / Largada 21 km Geral
6h35 – Largada 10 km (masculino e feminino)
6h55 – Largada 5 km (masculino e feminino)
Distâncias: Corridas de 5km e 10km e 21 km
Premiação em dinheiro aos primeiros colocados da Elite 21 km (masculino e feminino)
Mais informações:
<https://www.meiamaratonadeamericana.com.br>

UMA CAMPANHA DO JORNAL O DEMOCRATA



**O TRÂNSITO
REQUER ATENÇÃO**

**NÃO MEXA NO
CELULAR ENQUANTO
ESTIVER DIRIGINDO**

Brasil participa da edição 2026 das Olimpíadas de Inverno na Itália

Por EDILSON RODRIGUES DE MORAIS
Jornalista da redação de O Democrata



A brasileira Nicole Silveira é esperança de medalha no Skeleton - Foto: Viestrus Lacis/IBSF

O Time Brasil participa pela décima vez de uma edição dos Jogos Olímpicos de Inverno, que neste ano serão disputados nas cidades de Milão e de Cortina d’Ampezzo, na Itália, entre os dias 6 e 22 de fevereiro. Nesta edição dos jogos serão disputadas 16 modalidades de inverno, distribuídas entre mais de 100 eventos com a participação de mais de 3.500 atletas. Nos Jogos de Inverno da Itália, o

Time Brasil conquistou vagas no Esqui Cross-Country (corrida de esqui em superfícies planas ou onduladas, cobertas de neve) com Manex Silva e no Esqui Alpino (descida com um esqui por uma montanha coberta de neve) com Lucas Pinheiro Braathen. A equipe brasileira também será representada no Skeleton (esporte em que a pessoa desliza de bruços num trenó por uma pista íngreme) com Nicole Silveira e no

Bobsled (descida feita num trenó “carrinho” com duas ou quatro pessoas por uma pista sinuosa de gelo) com a equipe formada pelos atletas Edson Bindilatti, André Luiz, Edson Martins e Tauler Zatt. O Brasil fez sua estreia nos Jogos de Inverno no ano de 1992, na França, e desde então, o país participou de todas as edições seguintes, mas nunca conquistou medalha. Onde acompanhar as Olimpíadas

de Inverno 2026? No Brasil, as Olimpíadas de Inverno 2026 podem ser acompanhadas ao vivo pelos canais da Globo (TV aberta), SporTV (assinatura) e nos canais do YouTube da GeTV e da CazéTV. No jornal O Democrata, a redação de esportes vai acompanhar de perto a participação e os resultados dos brasileiros durante o período dos Jogos de Inverno em terras italianas.

Uma campanha do jornal O Democrata

Atenção!

Com a crescente digitalização do nosso dia a dia, a internet também se tornou um terreno fértil para golpistas. Eles estão cada vez mais criativos, e os golpes podem atingir qualquer pessoa, independente da idade ou experiência online.

!

O melhor caminho para evitar golpes é estar sempre informado e ser cauteloso. Fique de olho e compartilhe essa informação para ajudar mais pessoas a se protegerem!

Navegantes e Ascapi promovem o passeio de barco a motor pelo Rio Piracicaba

Por EDILSON RODRIGUES DE MORAIS
Jornalista da redação de O Democrata



Diversão e fé durante o tradicional passeio de barcos



Devoção à A Nossa Senhora dos Navegantes - Fotos: Ascapi/Navegantes

A Associação Navegantes e a Ascapi (Associação de Canoagem de Piracicaba), em parceria com a Associação Remo Piracicaba, promovem no próximo dia 31 de janeiro, o tradicional passeio de barco a motor pelas águas do Rio Piracicaba.

O encontro anual tem concentração a partir das 6h e saída oficial das embarcações agendada às 9h, da rampa do Largo dos Pescadores, próxima à Casa do Povoador. A organização do 23º passeio de barco a motor informa que é obrigatória a inscrição para todas as

embarcações interessadas em participar do evento pelo link da bio do instagram: www.remopiracicaba.com.br/event-details/23-passeio-de-barco-a-motor-rio-piracicaba

Roteiro

Todos os participantes seguem

pelas águas do Rio Piracicaba até alcançarem o Condomínio Tamanduá, no Tanquã, com previsão de chegada às 15h. No local haverá recepção com DJ, música ao vivo e festa de confraternização para os navegantes e seus convidados.

Liga Paulista de Tênis de Mesa inicia competições em fevereiro



Liga Paulista movimenta cerca de 300 atletas em cada uma de suas etapas



Liga Paulista é a maior do interior paulista na modalidade

A Liga Paulista de Tênis de Mesa abre o calendário de 2026 no próximo dia 22 de fevereiro com a realização da primeira das 10 etapas da temporada que acontece no Centro de Convenções, em Águas de São Pedro. No dia 15 de março, a Liga Paulista promove a segunda etapa do calendário nas dependências do Clube dos Empregados da Caterpillar, em Piracicaba. Nos meses seguintes, a maior liga de tênis de mesa do interior paulista pega estrada para organizar

mais oito etapas em 2026 que acontecem nos dias 17 de maio, 14 de junho, 28 de junho (edição especial duplas), 2 de agosto, 30 de agosto (edição especial duplas), 13 de setembro, 4 de outubro, 8 de novembro e 29 de novembro (Top 16 de 2026). De acordo com a presidente Francine Bueno de Camargo Mendes, a Liga Paulista de Tênis de Mesa surgiu por iniciativa de seu pai, Francisco Eduardo Bueno de Camargo, o Fran, que foi um dos maiores incentivadores do tênis

de mesa no país. “Desde o início, há 29 anos, a Liga Paulista segue com o objetivo de massificar o tênis de mesa e permitir que pessoas de todas as idades e de todos os níveis técnicos pudessem ter a chance de praticar o esporte no interior paulista, já que naquela época a modalidade era difundida apenas em grandes centros.” – ressalta Francine.

Qual o modelo de competição?
Para atingir seu objetivo de

massificar o esporte por várias regiões do interior paulista, a Liga Paulista de Tênis de Mesa divide as etapas em 27 categorias, além de subdivisões (masculino e feminino) para garantir a participação de atletas de todas as idades e níveis de conhecimento. Em média, as etapas são organizadas com a participação de aproximadamente 300 atletas que representam 30 equipes que representam clubes esportivos de várias cidades paulistas.

SUA DOAÇÃO NÃO TEM PREÇO

A doação mais generosa é a doação de sangue.

Uma camapnha do jornal **O Democrata**

A close-up photograph of a hand wearing a blue nitrile glove, holding several glass test tubes. The tubes are filled with a dark red liquid, representing blood. The background is a solid red color.

Exclusivo para O Democrata - Vitor Prates
Rádio Piracicaba - www.radiopiracicaba.com.br



XV enfrenta o Santo André na manhã de domingo

O XV de Piracicaba volta a campo no próximo domingo, 18 de janeiro, pela 3ª rodada do Campeonato Paulista da Série A2, contra o Santo André, às 10h no Estádio Bruno José Daniel, no ABC.

O Nhô Quim realizou dois jogos na competição, tem uma vitória por 1 a 0, diante do São Bento na estreia e na última rodada em Piracicaba, perdeu para o Sertãozinho por 4 a 3.

A equipe comandada por Moisés Egert, não contará com o volante Carlos Manuel, que foi expulso na última partida e tem o retorno do goleiro Victor

Golas, que cumpriu suspensão diante do Sertãozinho.

Histórico

XV de Piracicaba e Santo André já se enfrentaram em jogos oficiais, 28 vezes, foram 8 vitórias do Alvinegro, 10 vitórias do Ramalhão e 10 empates.

O último confronto foi em 2025, pela A2, no Barão da Serra Negra e vitória do XV por 1 a 0.

Já no Estádio Bruno José Daniel, o último duelo foi em 1998 pela A2 mesmo e vitória do time da casa, por 1 a 0.

A última vitória do XV em Santo André, foi também pela A2 do Paulista em 1996, por 1 a 0.



João Fonseca estreia contra americano no Australian Open e pode pegar Sinner



O tenista brasileiro João Fonseca - Foto: Divulgação

O sorteio da chave principal do Australian Open 2026, realizado na madrugada da última quinta-feira (15), definiu os primeiros desafios dos principais tenistas brasileiros no primeiro Grand Slam da temporada. Número 1 do Brasil e 30º do ranking mundial, João Fonseca entra na disputa como o 28º cabeça de chave do torneio.

Na estreia em Melbourne, Fonseca encara o norte-americano Eliot Spizzirri, atual 89º do ranking. Será o primeiro confron-

to entre os dois em chave principal de ATP ou de Grand Slam. O único duelo anterior aconteceu no qualifying do US Open de 2024, com vitória do americano em três sets.

Caso avance à segunda rodada, o brasileiro enfrentará o vencedor do confronto entre o italiano Luca Nardi, número 108 do mundo, e um jogador vindo do qualifying ou como lucky loser.

Se confirmar a classificação nas duas primeiras partidas, João Fonseca pode ter pela frente o atual bicampeão do torneio e nú-

mero 2 do ranking mundial, Jannik Sinner, já na terceira rodada.

Fonseca fará sua estreia na temporada após desistir dos ATPs 250 de Brisbane e Adelaide por causa de dores na lombar. A partida contra Spizzirri ainda não tem data e horário definidos.

Na chave feminina, Beatriz Haddad Maia também teve o caminho definido. A brasileira terá pela frente a cazaque Yulia Putintseva, número 105 do ranking. Bia venceu a adversária por duas vezes em 2023.

Champions League 24/25 distribuiu R\$ 15 bilhões; com PSG no topo, veja os 20 que mais faturaram



A nova Champions League, disputada em modelo inédito na temporada 2024/25 com a implementação da fase de liga, foi um sucesso tanto esportivamente quanto no aspecto financeiro. De acordo com a empresa espanhola “2Playbook”, a competição distribuiu 2,647 bilhões de euros (R\$ 15,4 bilhões).


O maior contemplado evidentemente foi o campeão PSG, que faturou 144,4 milhões de euros (R\$ 906,4 milhões). Fecham o top-5 a também finalista Inter de Milão, os semifinalistas Arsenal e Barcelona, além do Bayern, que parou nas quartas de final.

UMA CAMPANHA DO JORNAL O DEMOCRATA



TODOS CONTRA A
DENGUE

FAÇA A SUA PARTE!



Janeiro Branco

Quando as coisas não andam
bem na sua cabeça, elas não
andam bem em lugar
nenhum.

Converse. **Peça ajuda.**
Cuide-se!

UMA CAMPANHA DO JORNAL O DEMOCRATA